

vozes na cultura potiguar

BROUHAHA

Prefeitura Municipal do Natal Fundação Cultural Capitania das Artes Ano 1 Nº 2 Outubro/Dezembro 2005

Jorge
cepejul

Mestre Correia

O GUERREIRO DA

Vila

entrevista / ELINO JULIÃO

O BALÉ da cidade

15 anos FESTNATAL





O diretor potiguar Augusto Ribeiro Júnior, realizador do filme *Boi de prata*, eleito melhor filme pelo júri da crítica na primeira edição do Festival de Cinema de Natal em 1987.
Foto: Arquivo/FestNatal

“O cineasta Augusto Ribeiro Júnior chegou a acreditar na possibilidade de criação de um pólo cinematográfico em Natal. Em entrevista ao jornal *O Poti*, de 7 de junho de 1987, ele falou entusiasmadamente sobre o projeto de criação do parque de produções cinematográficas de Natal, com artistas, autores e diretores do Brasil participando das filmagens. Segundo Augusto declarou na referida reportagem, os recursos para a criação deste parque cinematográfico existiam. Otimisticamente, ele predisse: ‘O Nordeste vai se reconhecer na tela, produzindo. Produzindo sua própria cultura. Serão quatro filmes em média por ano. O parque contará também com um estúdio que produzirá filmes e seriados para a televisão rodados no Nordeste. Natal será a base e o endereço será o público nacional e internacional.’

E agora, pergunta-se: para quando, a concretização da profecia do cineasta da fazenda Boa Passagem? Ou, cinematograficamente, vamos continuar vivendo de sonhos importados?”

Anchieta Fernandes. *ÉCRAN NATALENSE. Capítulos da história do cinema em Natal*.
Natal: Sebo Vermelho/Sebo Transa, 1992.



Esta segunda edição reafirma nosso compromisso com a cultura da cidade. Por sinal, neste mês de dezembro, dentro da vasta programação do Natal em Natal, iniciada com o ciclo religioso da Festa da Padroeira e a ser encerrada com o mesmo espírito, na Festa de Santos Reis, a Prefeitura investe na valorização de nossos artistas.

Primeiramente, na 15a. edição do Festnatal, cuja abertura se deu com uma mostra de 17 curtas de todo o Nordeste, dos quais 4 filmes são do Rio Grande do Norte. Aliás, o Festival é um dos temas que ilustram esta edição. Ainda dentro da programação do Natal em Natal, teremos o Natal Cultural, um trabalho de resgate das tradições e do folclore natalinos, reunindo os principais grupos locais. Por último, mas não menos importante, ressaltamos o Auto de Natal, um espetáculo grandioso totalmente idealizado, produzido e encenado por gente da terra.

Chamo sua atenção, caro leitor, para uma outra matéria aqui abordada, que retrata o esforço de um grupo das Quintas para montar uma banda colegial, esforço reconhecido pela Secretaria Municipal de Educação, que vem dando total apoio à iniciativa. Idéias como essa sempre encontrarão eco em nossa administração.

Pela receptividade do primeiro número em vários segmentos de nossa vida cultural, prevejo vida longa para a BROUHAHA. Que as idéias aqui expostas se multipliquem em suas mãos.

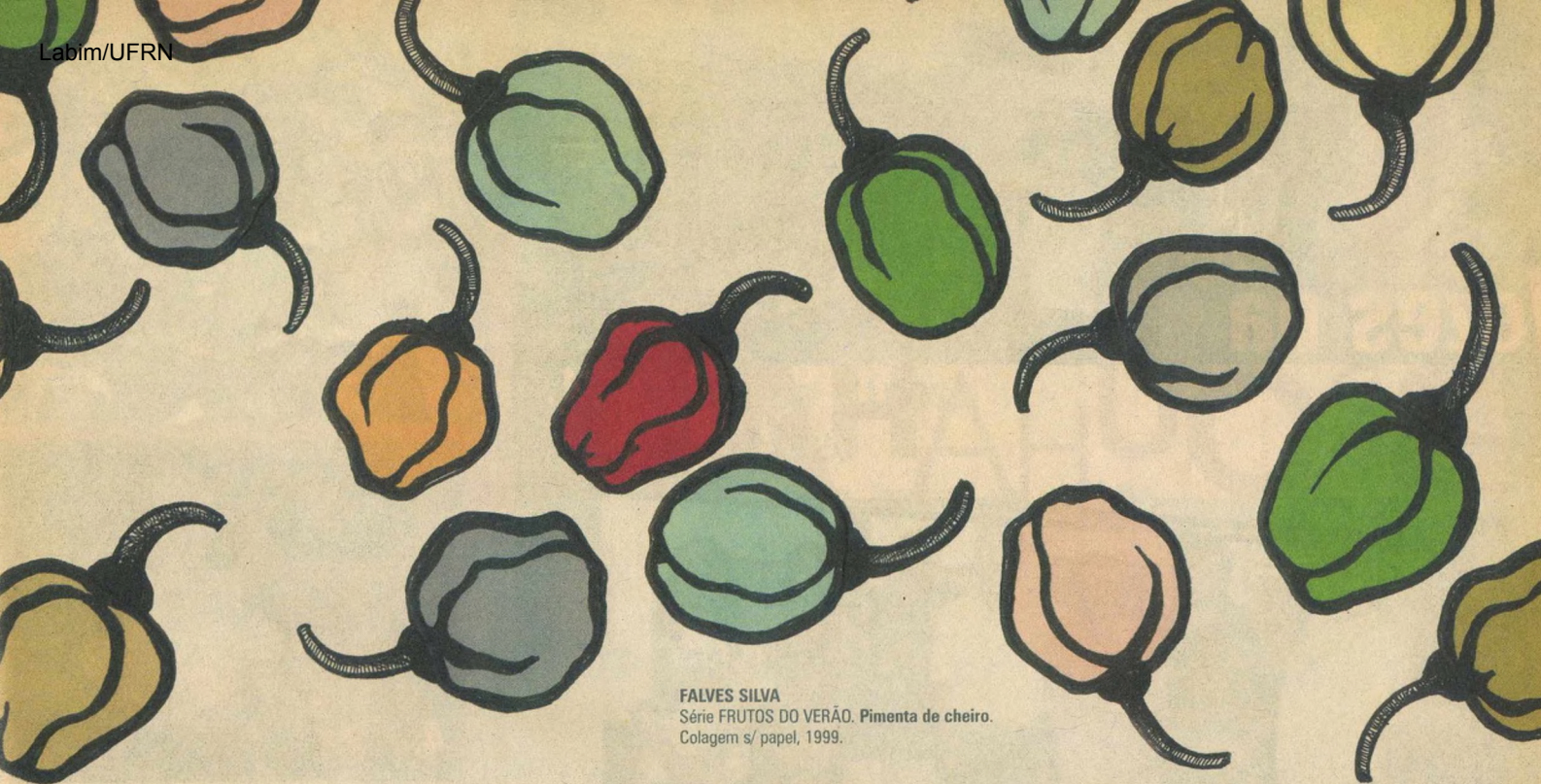
BROUHAHA de falas, imagens, gestualidades, dança étnica e contemporânea em reelaborações se projetam e formam o multiculturalismo da Cidade do Natal. A REVISTA BROUHAHA procura traduzir essas tendências manifestas em artigos, jornalismo cultural e poesia. Assim é que expressões como o mestre Correia dos Congos de Calçola, Elino Julião, o ex-novosbaianos Galvão, Falves Silva, Carlos Gurgel se configuram no caleidoscópio inquieto e criativo. Nos resta consumir, curtir essas e outras BROUHAHA que virão...

DÁCIO GALVÃO
Presidente da Fundação Capitania das Artes

CARLOS EDUARDO ALVES
Prefeito de Natal

Raimundo Fagner





FALVES SILVA
Série FRUTOS DO VERÃO. Pimenta de cheiro.
Colagem s/ papel, 1999.

SUMÁRIO

Lançamento BROUHAHA	06	FESTNATAL	37
BROUHAHA Luiz Galvão	07	LETRA & MÚSICA Alex de Souza / Moisés de Lima	44
BLECAUTE, Louco de poesia Carlos de Souza	08	PEGA DE BOI NO MATO	46
ENTREVISTA / O operário do forró Eline Julião	10	COM A PALAVRA / Fausto Nilo	50
Nas ruas do Guarapes com MV BILL	20	CONFEITARIA ATHENEU, 50 anos	52
POESIA Eli Araujo	22	FUZILO Carlos Gurgel / Venâncio Pinheiro	56
A JOVEM BANDA DAS QUINTAS	24	Arte na ZONA NORTE	58
MEMÓRIA POPULAR / Mestre Correia	26	MARIZE CASTRO, garimpo pela vida	62
ENSAIO / Balé da Cidade de Natal Décio Peixoto / Giovanna Araújo	33	REDE CASCUDIANA / O remanescente Gothardo Netto Humberto Hermenegildo	64
		FALVES SILVA, o anjo maldito da poesia visual	66

BROUHAHA

A revista BROUHAHA é uma publicação trimestral da Prefeitura Municipal do Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes

Prefeito Carlos Eduardo Nunes Alves Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes Décio Galvão Conselho Editorial Dionísio Outeda, Moisés de Lima, Afonso Martins Editor Moisés de Lima Repórteres Alex de Souza, Ana Paula Silva, Jóis Alberto, Léo Arcoverde, Rafael Duarte, Rodrigo Hammer, Sheyla Azevedo Colaboradores para esta edição Carlos de Souza, Carlos Gurgel, Eli Celso, Luiz Galvão, Roncalli, Venâncio Pinheiro Revisão Fernando Cardoso Fotos Argemiro Lima, Candinha Bezerra Direção de arte Afonso Martins Designer Jussié Costa Estagiário Victor Olavo Roca

Foto da contracapa Balé da Cidade de Natal. Foto de Candinha Bezerra

FUNDAÇÃO CULTURAL CAPITANIA DAS ARTES
Endereço: Av. Câmara Cascudo, 434, Centro, Natal- RN, Cep 59025-280
Telefone: (84) 3232 4956 – e-mail: revistabrouhaha@hotmail.com

ozes da BROUHAHA



3.



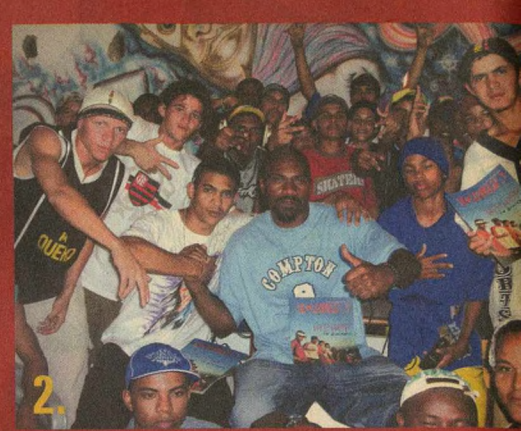
7.



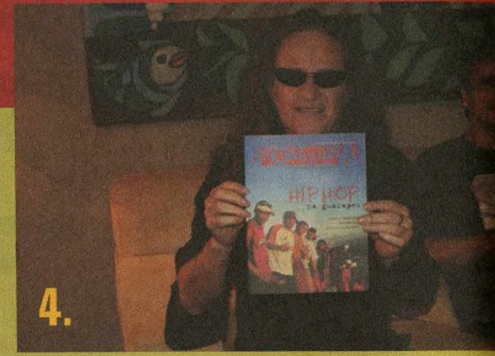
8.



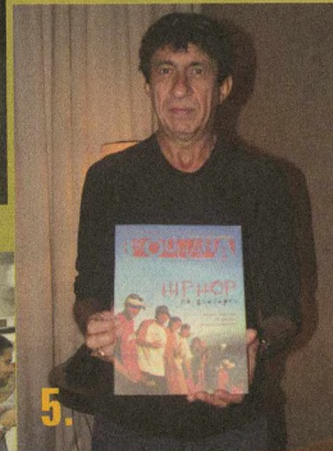
9.



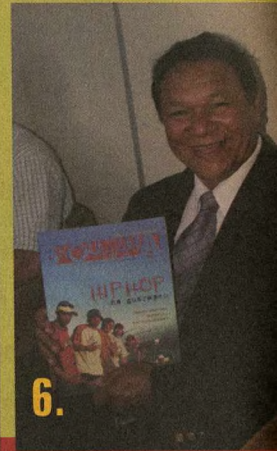
2.



4.



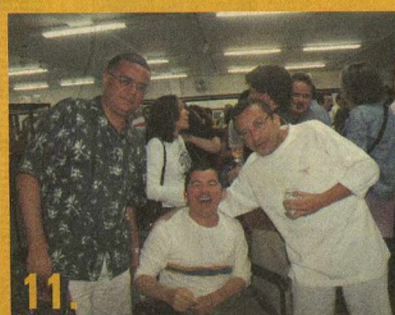
5.



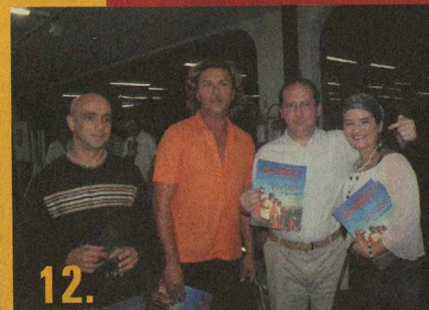
6.



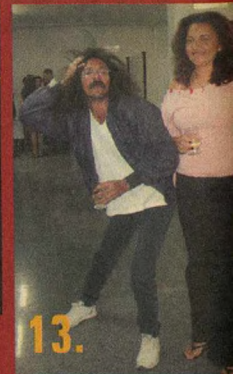
10.



11.



12.



13.

- 1 Performance do grupo hip hop de Guarapes durante o lançamento da primeira edição da BROUHAHA na Capitania das Artes, no dia 16 de agosto
- 2 O rapper carioca MV Bill ao lado de integrantes do movimento hip hop do bairro de Guarapes
- 3 Equipe da revista BROUHAHA no coquetel de lançamento da publicação
- 4 Alceu Valença
- 5 Raimundo Fagner
- 6 Dominginhos
- 7 O Presidente da Fundação da Capitania das Artes, Dácio Galvão, apresenta a primeira BROUHAHA ao público presente à cerimônia de lançamento
- 8 O arquiteto Haroldo Maranhão e a diretora do Teatro Sandoval Wanderley, Ivonete Albano
- 9 Moacy Cirne, Palochá, Luciano Almeida e Francisco Sobreira
- 10 O escritor Nei Leandro de Castro ao lado do prefeito Carlos Eduardo Alves
- 11 O editor da BROUHAHA, Moisés de Lima, o artista plástico Pedro Pereira e o produtor cultural Dorian Lima
- 12 O bailarino Dimas Carlos ao lado do dramaturgo Paulo Dumaresq, entre convidados
- 13 O performático Marcelus Bob

BROUHAHA

Os meus amigos de Minas,
Ziraldo, Juscelino e Cerezo
Divulgam a broa de milho
E eu escrevo na Brouhaha
Filmando tudo
Por Câmara Cascudo.
Na tal cidade
Onde rola cultura, arte e etc... E tal.

E eu um pé de Juá-Juá-Juazeiro
Aquele árvore frondosa
Que à beira do rio cidadã nia e não mia.

Dona Cida cidadanou
Mas riu Grande e do Norte
E entrou no mapa só para contracenar com Belém do
Pará...

E Na tal... Natal... Natal...
Só para ouvir:
"Eu pensei que todo mundo fosse filho de Natal"

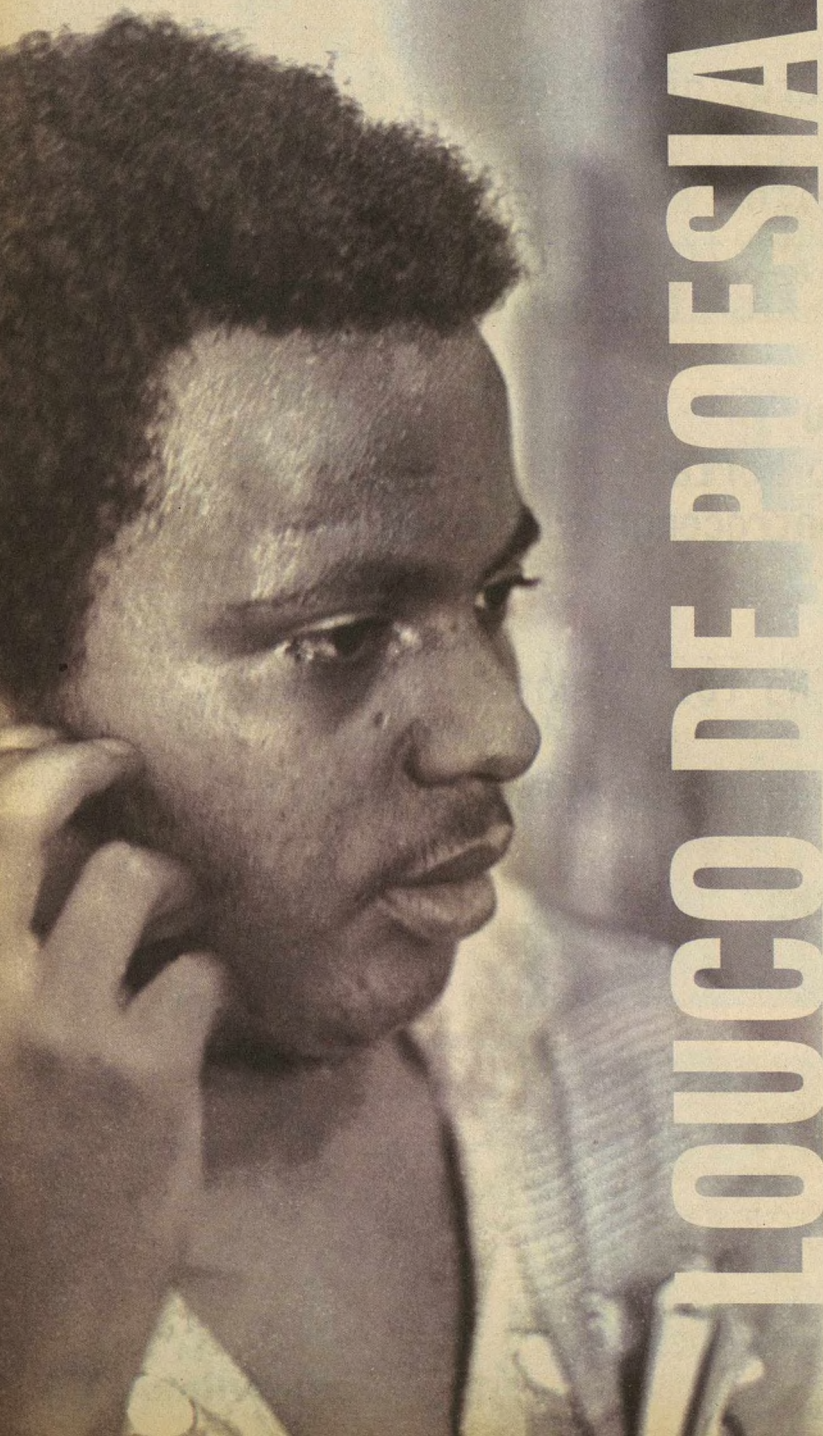
Brouhaha

LUIZ DIAS GALVÃO, poeta e compositor, nascido em Juazeiro/BA, integrante do grupo Novos Baianos, ao lado de Moraes Moreira, Baby Consuelo, Pepeu Gomes e Paulinho Boca de Cantor. Com seu lirismo louco, soube retratar bem os vários temas ligados à sua geração e mantém um elo de identificação com as gerações mais novas. Galvão foi o principal letrista do grupo e eletrificou o samba e o choro. Em 1997 o compositor publicou o livro *Anos 70: novos e baianos* (Editora 34).

LUIZ GALVÃO

BLECAUTE

CARLOS DE SOUZA



LOUÇO DE POESIA

O cidadão Edgar Borges encontrou a paz definitiva no dia 14 de dezembro de 1999. Estava com 38 anos. O poeta Blecaute alcançou a glória, finalmente, a partir deste dia, em que, ao pintar a parede de uma casa (ó destino perversamente irônico!), morreu eletrocutado por uma descarga elétrica. Sua vida foi uma sucessão de sofrimentos e prazeres que culminaram com o mergulho final na insanidade e lucidez pulsantes. Depois deste dia em que as luzes se apagaram de vez para a sua vida, o poeta renasceu em um culto generalizado, uma glória, que ele nunca teve em vida. Blecaute, sejamos sinceros, não era um poeta de envergadura nacional. Era apenas um poeta, como tantos que habitam as ruas deste país, desta cidade. A poesia, para ele, era mais o estar em estado de poesia do que o ato de criar poesia.

Eu lia os textos de Blecaute, que vinha produzindo freneticamente nos períodos em que ficava internado ou quando andava livre pelas ruas, com paciência e, às vezes, não encontrava ali nada mais do que uma vontade de atingir o âmago do divino. O que fascinava em Blecaute era sua figura, sua performance. Os dias em que ele aparecia no Sebo Vermelho, vestido de paletó e sapatos das mais variadas cores, eram os dias em que se dizia em "produção". Ele era, como assinalou o escritor Franklin Jorge, um dos mais legítimos dândis dessa extensa estirpe de nossa província (dândi no sentido dado por Baudelaire, o caminhante em trajes extravagantes pelas ruas de Paris, o dândi retomado por Walter Benjamin). Blecaute amava a performance. Mesmo assim, deixou um livro, intitulado *Hospicículo*, que está com o produtor cultural Aluizio Mathias à espera de publicação.

TRAJETÓRIA

Edgar Borges nasceu e cresceu no morro de Mãe Luiza e o destino lhe pregou uma peça: atravessaria a vida como negro e pobre. O pai, carpinteiro, alcoólatra, morreu cedo vitimado por isso mesmo. A mãe, lavadeira, alcoólatra, enlouqueceu antes de morrer. O jornalista Moura Neto o entrevistou em 2 de setembro de 1984 para a *Tribuna do Norte*. Estava internado no Hospital Colônia, por opção, os médicos lhe haviam dado alta, mas ele estava desempregado, sem ter para onde ir, nem como garantir o sustento. Preferia ficar.

Lembrou-se da infância. Um dia quis comemorar seu aniversário de 10 anos de idade. Pegou o dinheiro que os pais estavam guardando para a feira, juntou os amigos e comprou guaraná e pão doce. Quando os pais chegaram em casa foi aquela surpresa. Não esqueceu mais da surra que levou. Fugiu de casa.

A partir daqui a biografia de Blecaute fica confusa. Para o jornalista Moura Neto, ele disse que fora levado para um seminário em Caicó, pelo padre Alzone. Os melhores quatro anos de sua vida, segundo ele. Disse também que fora amparado por uma família abastada de Natal, quando saiu de casa, e que essa família o encaminhara para o Ginásio Agrícola de

Currais Novos. Anos depois, disse para o escritor Franklin Jorge que Cristiano Melo o tinha matriculado, juntamente com seus filhos, num colégio burguês de Natal, Marista ou Salesiano, não lembrava bem. Sua memória já não era tão confiável.

Em 1977, voltou para morar com sua mãe, em Mãe Luiza. Neste período, tornou-se diretor cultural do Grupo de Jovens do bairro. Seu trabalho de conscientização social chamou a atenção da Polícia Federal. Foi aí que começou sua longa via crucis de problemas com a polícia.

Disse também a Moura Neto que gostava de pintar. A partir de 1982 produziu logotipos, faixas, murais e ganhou algum dinheiro com isso. Na época, citou um mural que havia feito na antiga sede da Caern. Será que ainda existe?

A partir daí, passou a se incorporar ao cenário artístico-marginal da cidade. Foi inspirado pelo poeta Milton Siqueira, uma espécie de beatnik potiguar, que passava os dias sentado em uma calçada qualquer do centro da cidade, oferecendo seus poemas aos passantes ou simplesmente olhando as pessoas passarem, enquanto empunhava um calhamaço de papéis que também transbordava de sua bolsa a tiracolo. Quem está na faixa dos 40 anos ainda deve ter visto esta figura singular no Grande Ponto ou na Princesa Isabel.

Nesta época Blecaute costumava ir todos os dias para a calçada do Café São Luiz para vender seus poemas. Disse para Moura Neto que vendia seus poemas a Cr\$ 300,00. Um pouco caro para a época. "Sim, 300 cruzeiros, mas teve uma vez que um cara chorou tanto que deixei por 50". Conseguiu publicar um poema na antologia Grande Ponto, do Laboratório de Criatividade, da UFRN. Em seguida produziu em mimeógrafo o livro *Duas cabeças*, lançado na sede do Grupo de Jovens, do morro de Mãe Luiza. Era um dia de festa no bairro, com manifestações folclóricas e tudo o mais. Como ninguém quis comprar seu livro, Blecaute subiu no palanque e jogou os

exemplares para a multidão.

Depois veio a loucura real. Começou a achar que era profeta, que era Cristo, mas tirava a roupa na rua. Um dia quis soltar todos os internos do hospital por achar que estava fazendo justiça. Como não conseguiu, distribuiu roupas e livros para os colegas. Em 1984 estava lendo *O que é ideologia*, de Marilena Chauí; *Dormentes*, de François Silvestre e *O dia das moscas*, de Nei Leandro de Castro.

Um belo dia, Blecaute conheceu uma moça chamada Gardênia e se apaixonou perdidamente. Uma morena bonita, paraibana, que foi morar com ele em seu barraco no morro de Mãe Luiza. Mas, por uma piada sem gosto do destino, a morena, não se sabe como, conheceu um deputado que, tanto fez, até levá-la à prostituição. A partir deste dia, aumentou o ódio de Blecaute pelos políticos. Mesmo assim foi tocando a vida entre o hospício e as ruas. A escritora Clotilde Tavares conta, em uma crônica deliciosa, do dia 19 de dezembro de 1999, na Tribuna do Norte, um encontro que teve com o poeta durante o Festival de Artes do Forte. Um grupo de amigos fora para sua casa de madrugada, após uma noite de farras. Todos foram dormir quando o dia já amanhecia. Acordaram com um cheiro gostoso de comida. Era Blecaute na cozinha preparando o mais delicioso banquete. Só que usou a feira de uma semana de Clotilde Tavares.

Porém, o que dói mesmo, ao relembrar Blecaute, são os depoimentos que deu ao escritor Franklin Jorge, que o descreveu no livro *Spleen de Natal*, sobre

**Mudou o tempo
o campo
o retorno é sonhar
Viver, quando possível
E reencontrar toda a raça humana
nas praças
nos becos
nas tocas
ouvindo a canção de agora
Sim, agora é hora
Hora de optar
o desejo maior da
loucura
loucura sem igual
motivo comum do ser
do ser real
em busca de tanto**

Poema cedido por Blecaute
ao jornalista Adriano de Sousa

seus encontros de horror com a polícia local. Em uma coluna escrita para a *Tribuna do Norte*, em 14 de março de 2000, Franklin Jorge narra em detalhes os horrores, as torturas, as injustiças que Blecaute sofreu nas mãos das polícias civil e militar. Não dá para ler sem chorar. Neste período triste de sua vida, a polícia potiguar ainda mantinha como regra máxima a tortura no lugar da investigação. Como ele era negro e pobre, na lógica da polícia, só podia ser ladrão, desocupado ou traficante. Blecaute não era nem uma dessas coisas. Era só um poeta.

Carlos de Souza é jornalista e escritor



Eliino

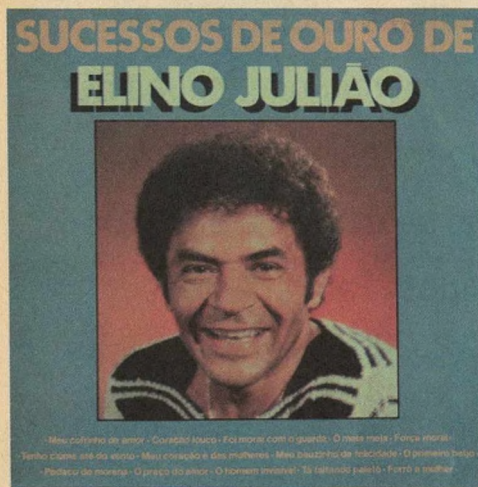
O operário do forró

Entrevista a
Alex de Souza

Fotos
Argemiro Lima

Você pode até já tê-lo visto meio contrariado, mas de mau humor, nunca. Elino Julião da Silva, a simpatia em pessoa, compartilha sua alegria pelos palcos da vida desde menino, numa trajetória que começou nos clubes de Caicó, passou pela Rádio Poti até chegar à banda do mito Jackson do Pandeiro. A carreira solo de Elino Julião rendeu mais de 48 LPs e oito CDs gravados, somando alguns milhões de discos vendidos. Para abastecer essa usina, Elino compõe freneticamente até hoje. São quase 400 canções, pequenas pérolas de ritmo e simplicidade. E sem previsão para descanso: só o novo CD que está finalizando traz mais dez inéditas. Aos 69 anos, recém completados agora em 2005, o artista recebeu a BROUHAHA para conversar sobre seu dia-a-dia depois que voltou a viver em Natal, contar um pouco sobre o comecinho da sua história e seu rigoroso método de trabalho. Abram alas para esse verdadeiro operário do forró!

Julião



Agora em 2006 o senhor está completando 70 anos de vida, cinqüenta e tantos de carreira. Correu tudo do jeito que o senhor imaginava?

Olha, aconteceu sem eu imaginar nada, sabe? Veio tudo naturalmente. Eu só queria estar vivo... se eu sabia que estava vivo, estava tudo bem, lá fazendo coisinhas e viajando e andando, sem me preocupar com o futuro e nem com o que estava fazendo. E nem estava preocupado em saber se o que eu estava fazendo ia dar certo um dia. Veja que pensamento diferente esse meu, não é? (risos).

O senhor está de volta a Natal desde 1997. Por que resolveu retornar para cá?

Porque eu enjoei do Sul e houve uma coisa muito boa no âmbito artístico brasileiro. É que antes você precisava morar no Rio para poder trabalhar. Hoje, não. Você mora em qualquer lugar e trabalha. A internet está aí, os computadores, o telefone, você resolve tudo. O mundo tá furado. Então, o que você faria morando em São Paulo ou no Rio, ou em Brasília, você faz tudo daqui de Igapó, daqui de Ceará-Mirim, você faz tudo de casa. E com a grande vantagem de você estar morando do jeito que você foi criado, com seus costumes, né? No que você gosta, vendo as suas coisas, vivendo do jeito que você quer... nada lhe impede de você ser você, na terra onde você nasceu. Aquilo lhe dá muito prazer e força e muita energia e muita inspiração. De forma que eu me sinto muito satisfeito por ter voltado para minha terra. De vez em quando eu vou nesses lugares onde eu convivi, Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, onde eu morei, o Sul de um modo geral. Mas a trabalho, de passagem, morar mesmo lá eu não quero mais. Porque eu estou morando melhor do que lá, hoje em dia.

E como o sr. escolheu esse canto, aqui em Cidade Satélite?

É o seguinte. Em 1980, a Veneranda, que é a minha mulher, mãe de meu filho, ela disse: "Vamos comprar uma casa!" Aí começou a procurar casa, a procurar, aí ela achou - ela gosta de casa de conjunto. Tinha aqui, tinha ali, tinha num sei onde, ela veio aqui em Cidade Satélite e gostou dessa. Aí a gente comprou essa casa... Em virtude de minhas andanças, e ela tinha que estudar no Sul, fez faculdade em Minas Gerais e o Araken enquanto isso estava na casa da avó, mãe dela, e eu tô cumprindo meu destino também, andando, fazendo meus negócios, para cima e para baixo do Brasil, artisticamente. Então Veneranda ficou naquela faculdade famosa lá, de Viçosa, fez Economia Doméstica. E ela é professora por natureza, hoje é funcionária da Emater... Então a gente correu cada um prum lugar diferente para lutar pela vida e essa casa ficou alugada a parentes dela. Então, quando eu voltei agora a gente pegou a casa de volta - não teve trabalho nenhum porque era tudo conhecido, família - e a gente está morando na nossa casa. Naquela casa, naquela casa que foi comprada há 17 anos.

O sr. ainda agora falou sobre as comodidades de morar aqui. Por outro lado, quais são as dificuldades de trabalhar em Natal?

Bom, um artista como Elinó Julião, que fez o nome no Brasil inteiro, no Nordeste inteiro, ele não pode se dar ao luxo de dizer: "Eu vou viver da vida artística de Natal." Ele ou pára de vez, ou então tem que continuar trabalhando fora, nos estados, como antes, e é o que eu faço. Não tem demérito nenhum, na minha cidade, no meu estado, eu dizer que Natal não tem vida para artista - alguns estados por aí também não têm não. Porque a força é Rio e São Paulo, porque aquilo são cidades enormes, é o mundo inteiro que está ali dentro, né? Têm uma vida noturna intensa e a gente trabalha todo dia. Mas aqui em Natal, eu, por exemplo, trabalho esporadicamente, trabalho mais fora, em outras cidades. Tenho uma banda aqui e a gente sai para trabalhar no Maranhão, na Paraíba, em Alagoas, na Bahia. Vai para Brasília,

eu trabalho muito em Pernambuco, no Ceará. Se ficar querendo trabalhar só em Natal, também, ele não trabalha muito não.

O sr. faz uma média de quantos shows por ano?

Se eu quiser trabalhar eu faço quatro por mês. Todos os sábados, um show. O meu show é alegre, é dançante, é o forrozão pro sertanejo dançar.

Por quê? Não tem mais aquele pique de ficar tocando todo fim de semana?

Ah, também é porque eu tenho que descansar um pouco, né? (risos) Dormir um pouquinho, né? Já fiz muitos anos... Eu fazia diariamente. Depois passei a fazer duas, três vezes por semana, daí fui diminuindo e agora com um por semana eu tô satisfeito. Porque aí eu vejo as outras coisas durante a semana, né?

E o que o sr. faz quando não está cantando? Como é seu dia-a-dia?

Ah, meu dia-a-dia... Eu sou muito envolvido nas músicas que eu faço, me dá muito trabalho. Dá uma mão-de-obra... Eu, por exemplo, para fazer uma musiquinha, eu demoro até uma semana, ou um mês se for possível, se tiver disposto. Porque não é chegar e meter a rima para cima e dizer: "Tá feita!", não. Fazer música, você faz dentro de dois minutos. Agora vamos ver se dá para ter efeito quando bota no disco. Às vezes não pode nem botar no disco, porque foi feita rapidamente, sem estudo nenhum. Você tem que analisar a música nos quatro cantos. É o efeito que teria... você vai procurando sempre uma maneira de agradar... de acordo com sua prática, né? Agora se for para rimar 'café' com 'bebé', 'cachorro' com 'Zorro', aí você faz logo trinta músicas por dia (risos). Mas aqui eu não estou a fim disso, eu estou a fim de gravar mesmo, porque disco é diferente. Eu posso fazer uma poesia que tem trezentas palavras, mas no disco não cabe. Então eu tenho que resumir essa poesia e ver o que é que boto no disco. Porque no disco é três minutos, três minutos e meio, quatro minutos, não é isso? Então eu levo a vida muito envolvido nisso, em produzir. E Elinó Julião não faz música só para si. Eu sou um autor que faço música para os artistas do Brasil inteiro. Eles me pedem e eu mando, inéditas, e regravam músicas. Eu sou muito regravado. Eu fiz sucessos meus antigos, eles todos regravam. Tem a organização de casa, tem a venda de disco, de CD. Então, eu nunca tô parado em casa. Eu estou envolvido no âmbito musical.

O sr. tem mais prazer em gravar ou em fazer show?

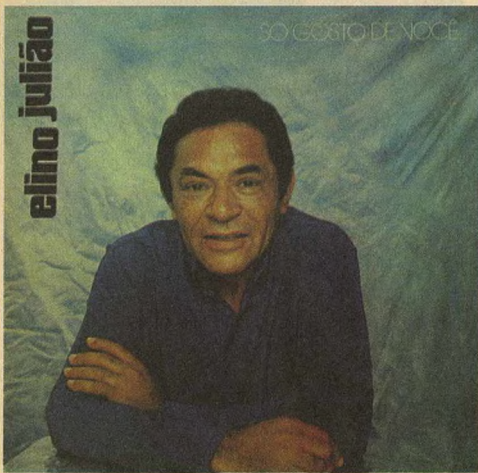
É melhor gravar. Porque é mais fácil, mais rápido. Eu gosto muito de gravar. Porque o show é o seguinte: ele dura muito. O meu show costumeiro é duas horas. Agora tem lugar que eu sou sozinho, Elinó Julião e banda, aí você tem que fazer baile de oito às cinco da manhã, ou de dez às seis da manhã, muito normal por aí a fora a gente fazer de oito às cinco da manhã, show dançante. Aí você trabalhou quantas horas? Bem dez horas de baile. É muito cansativo. Não que eu canse, que eu nunca cansei. Porque muita coisa, fica só batendo na mesma tecla aquele tempão todo. O show que eu gosto mais é esse de duas horas, porque duas também é muito tempo: eu canto quarenta músicas em duas horas. Mas é um show que não é aquele baile... Isso é que eu gosto, porque você trabalha só duas horas em cima do palco, tá ali com aquela banda e o cabras dançando lá embaixo e você fazendo zoada. Só duas horas.

E quando tem um show, como é sua semana?

Eu faço da seguinte forma. Por exemplo, hoje é cinco, vamos supor, e eu tenho um show no dia quinze. Então eu tenho dez dias para me preparar, avisar a-rapaziada, ensaiar... os músicos moram longe, eu tenho que avisar... Chega um hoje, chega o



"Sou um autor que faço música para os artistas do Brasil inteiro. Eles me pedem e eu mando, inéditas, e regravam músicas. Eu sou muito regravado. Fiz sucessos meus antigos, eles todos regravam. Tem a organização de casa, tem a venda de disco, de CD. Eu nunca tô parado em casa. Estou envolvido no âmbito musical."



“Tive um mestre que, dentro do que ele fazia era absoluto. Era ritmista, bailarino, um operário do forró. Um compositor e cantor que tinha muito amor ao que fazia e acreditava demais no que fazia. Esse que eu tô falando, que é o meu eleito chamava-se Jackson do Pandeiro.”

outro, não sei o quê... junta tudo. O tempo é consumido nisso. Tem os ensaios da banda... Embora a gente tenha um repertório que eles são acostumados a tocar, mas cada vez que vai tocar tem que ensaiar, que é para saber onde pisa, onde vai, onde faz. E tem as cantoras que fazem o vocal, que nós chamamos as coristas. Eu sempre trabalho até a véspera do show. Meu show é amanhã? Então eu trabalho até hoje só, amanhã eu não faço nada, fico só esperando o show. Isso se for aqui onde eu moro. Agora se for nas cidades, é mais serviço, porque aí você tem que ver o tipo de viagem, a hora de chegar, de jantar, dos hotéis, de almoçar, de show, de vir, de regressar. Depende muito de você se comportar trabalhando e se interessando e arrumando as coisas.

O sr. ainda viaja muito?

Ainda. Eu, se quiser viajar, viajo toda semana, para onde eu quiser. Mas é o seguinte: eu não agüento, eu enjoiei. Eu estou com muita vontade de fazer setenta anos mas nesse ano de 2005 estou fazendo sessenta e nove, em 2006 é que eu faço setenta, porque eu sou de 1936, né? De 1936 para 2006, dá setenta anos, olhe que beleza? (risos) Não dá para ter aquele pique, você vai perdendo a naturalidade mesmo das coisas.

Mas o sr. passou mais de trinta anos nessa vida de estrada. Do que sente falta daquele tempo?

Hoje em dia eu boto muito o olho na questão do andamento dos shows. Porque, vamos supor há quarenta, cinqüenta anos, quando eu tava ainda verde, começando nisso, eu viajava à procura de alguma coisa, buscando. Hoje não. Eu viajo praticando, fazendo o que eu combinei. Quer dizer, já é uma coisa certa, né? Eu viajava muito. Eu saía do Rio de Janeiro para o Amazonas, de lá saía pro Acre, Roraima, Rondônia, ia pro Maranhão, vinha pro Ceará. Quando dava fé, eu tava na Bahia de novo. Tudo buscando show. 'Olha, Elinor Julião tá aí. Vamos ver se tem um show para ele, aí, num sei o quê.' 'Quem é o dono do cinema?' 'É fulano.' 'Olha, tô de passagem por aí. Dá para fazer um show hoje?' 'Não dá, não. Só dá domingo.' Eu tinha que esperar para fazer esse show, para pegar o dinheiro e sair fora para outros cantos. E hoje, não. Hoje os negócios mudaram e só saio certinho. Por exemplo, eu faço o São João de Mossoró, Cidade Junina. Então, eles me levam naquele esquema que eles têm. Aqui em casa eu mesmo já pego num cartão, numa revista daquelas: 'lh, meu dia aqui já é dia tal.' Já tá escrito. Isso já é uma tranqüilidade, não é? Pego um panfleto daqueles e já diz que eu tenho que estar tal dia em Mossoró: Muito bem, aí eu viajo para Mossoró para fazer o São João - aquilo já está certo. Eu não vou: 'Mas será que eu arranjo? Será que não arranjo?' Então essa grande diferença eu sinto hoje. Hoje é mais gratificante a maneira de trabalhar, certo? Naquela época, o cara era jovem, eu queria era fazer alguma coisa. Eu andava mesmo. Eu viajei tanto que eu tô enjoado. Enjoei de viajar.

O senhor é uma lenda viva do forró, não só potiguar, mas da música nordestina. É considerado por muitos um mestre. Então, como um mestre do forró, quem o senhor consideraria os seus mestres?

Eu tive um que esse foi um mestre, na minha opinião. Tive um famoso, famosíssimo, que dentro do que ele fazia, ele era absoluto. Mas esse outro que eu digo que foi meu mestre, é porque ele era completo. Era ritmista, era bailarino, era um operário do forró. Era compositor e cantor e tinha muito amor ao que fazia e acreditava demais no que fazia. Por isso que quando ele estourou com um sucesso, aí não houve mais nada difícil para ele. Esse que eu tô falando, que é o meu eleito, chamava-se - chamava-se porque ele faleceu, né? É chamava-se, né? Jackson do Pandeiro.

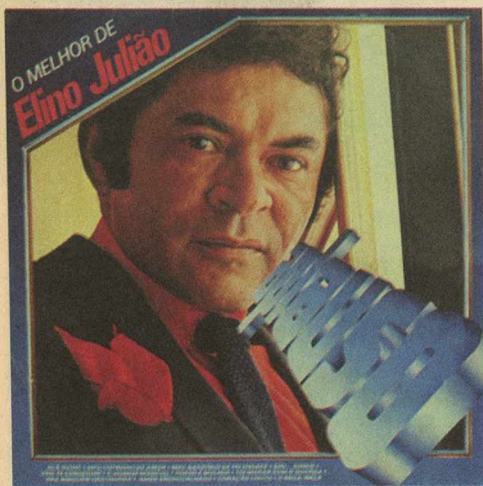
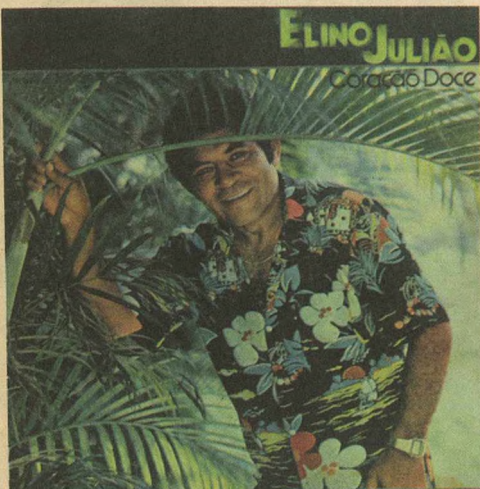
O nome dele é José Gomes Filho. Nasceu aqui em Alagoa Grande - isso é aqui na Paraíba, é pertinho. Foi pãozeiro. Pãozeiro é aquele homem que bota um balaio de pão nas costas e sai vendendo nas portas, nos sítios, nas periferias. E depois ele foi amansador de burro, de burro brabo. Eu quando passo em Alagoa Grande, vou lá onde Jackson nasceu. Tem lá um bocado de parentes dele ainda vivos, aqueles velhão da cabeça branca e aquelas velhas fumando cachimbo, aquelas velhas que não podem mais nem falar, aquelas negras velhas mesmo, que é de um tal de um quilombo que tem. Aí, se eu pudesse, passava um mês lá com eles, só conversando. Tem retrato de Jackson bem pequenininho, dentro daquelas lamas lá nos canaviais. Tem ele quando começou a tocar nas feiras. A mãe dele eu conheci. Chamava-se Dona Santana. Era batedora de pandeiro. Batia pandeiro na feira, cantando coco, pro povo dar dinheiro - aquele esquema que tem do artista pobre. Então, Jackson do Pandeiro para mim foi completo. Jackson tanto tinha balanço no pandeiro, como ele era bailarino - tinha uma coreografia que não tava no gibi. Na Rádio Nacional, onde ele era contratado, ele tinha um slogan: 'E agora com vocês, Jackson do Pandeiro, a alegria da casa!' Quem usava esse slogan era o César de Alencar, que era o Sílvio Santos de hoje, em termos de fama. E aí o Manuel Barcelos, que era outro 'tuxaua', e o Paulo Gracindo, que era outro 'morubixaba' da emissora, tinham outros slogans. O Manuel Barcelos dizia: 'E agora com vocês, o bailarino do Norte, Jackson do Pandeiro!' Ele gostava daquele bailado que o Jackson fazia no forró. Ele era maneiro, era um cara que pulava que só um gato. Pretinho assim da minha cor. Era muito maneiro. Tinha uma ligeireza, uma ponta-de-língua fácil de dizer mil palavras por minuto. Jackson do Pandeiro era completo. Luiz Gonzaga era perfeito no que fazia, no estilo dele. Mas, no meu caso, era Jackson. Ele era sambista, foi campeão do carnaval muitas vezes, no Rio de Janeiro. Por isso que o carioca admirava muito Jackson do Pandeiro.

Como é que o senhor, vivendo no meio do mato lá em Timbaúba dos Batistas, descobriu a música?

Eu estava me lembrando disso hoje, por conta da minha prima, Geisa Karina, que foi eleita Miss Rio Grande do Norte. Eu lá no meio daquele mato, aquele molequinho, sem ser notado, sem expressão nenhuma no meio daqueles medalhões lá, tudo adultos e estudantes, e eu aquele negrinho que não tinha o que dar. Mas eu batia numa lata, cantarolando, sabe? Cantava aqueles sambinhas da moda, de Ademilde Fonseca, Luiz Gonzaga, de Jackson, Manuelzinho Araújo. Tinha rádio. Mas lá na fazenda onde eu morava não tinha ainda não. O rádio só tinha na cidade mesmo, em Caicó, que era uma distância de uns 20 quilômetros. A gente ia na cidade, ouvia as modinhas, eu aprendia e cantava lá no sítio. Então eu era notado, né? 'Ah, por que esse aí vai dar para gente. Canta aí, Elino!'. Aí eu pá-pá-pá, cantava e batia na lata. E nisso, eu fui criando gosto. Fui freqüentando a sede do Caicó Esporte Clube, que tinha um baile todos os sábados, de noite. E fui me infiltrando ali, fui olhando, ia fazendo o coro, os músicos nem sabiam que estava ali, cantando do lado. Depois os músicos: 'Bota esse menino aí para cantar!' Canta aí um sambão! E eu: 'Não fale dessa mulher perto de mim. Não fale para não lembrar minha dor' E eu com aquela voz fininha, de garoto, mas cantando. O povo: 'Quá, quá, quá!' E eu com um cartaz danado. Cantar naqueles anos 40, 50 era uma novidade. O cabra que cantava era gente. Que gravava, então... Dali, para fazer o serviço militar, eu vim embora aqui para Natal. Isso aí já era 1950. Corri aqui para Natal, vim aí para as Quintas, para a casa de uma tia minha. Aí, tinha a Rádio Poti, com um auditório, com uns programas, o pessoal cantava, Glorinha Oliveira era uma estrela, fulano era outra, beltrano era outro astro. E o povo só olhando aquelas coisas. Aí tinha a programação dos cabras que não eram da rádio, mas cantavam. Aí eu entrava, ficava cantando. Todos



“Eu quando passo em Alagoa Grande, vou lá onde Jackson nasceu. Tem lá um bocado de parentes dele ainda vivos, aqueles velhão da cabeça branca e aquelas velhas fumando cachimbo, aquelas velhas que não podem mais nem falar, aquelas negras velhas mesmo, que é de um tal de um quilombo que tem. Aí, se eu pudesse, passava um mês lá com eles, só conversando.”



eles gostavam de mim, porque eu agradava muito com meu jeitão muito simpático, tinha comunicabilidade com o auditório, eu cantando aquelas músicas do sertão, aqueles forrózinhos gostosos, me balançando, me peneirando - que ninguém fazia isso. Porque Natal é muito romântico, sabe? Ainda é. Natal é um cabra com um violão cantando: (imposta a voz) 'Meeeee amoor, voocê...' Com o advento da bossa nova e MPB, você ainda vê hoje em dia quase modificando, mas não tem vez o forró aqui, não. Aqui o que tem vez é o romantismo.

E como foi que o senhor conheceu Jackson do Pandeiro?

Eu tava lhe dizendo que a gente cantava aqui na rádio, certo? E Jackson do Pandeiro, que era o astro do momento, era a coqueluche, embora Natal não fosse de forró, mas admirava. O Jackson tava uns forrós aí na praça que só dava ele na praça: 'Eu fui pra Limoeiro e gostei do forró de lá' e outras brasas. E eu cantava tudo isso, era meu estilo. Aí a rádio contrata Jackson do Pandeiro para vir fazer uma apresentação aqui em Natal. E eu cantava na Poti, era prata da casa, então no dia da apresentação do Jackson: 'Com vocês, Elinho Julião!' Aí eu cantava. E o auditório: 'De novo! De novo!' - hoje em dia é: 'Mais um! Mais um!', mas naquele tempo era: 'De novo! De novo!' (risos) Muito bem. Aí o Jackson, quando eu terminei de cantar, me chamou no camarim: 'Ah, gostei de você, sujeito! Mas rapaz, que beleza, que maravilha, você tá bom que tá danado. Quer trabalhar mais eu?' Eu disse: 'Eu quero.' 'Nada lhe impede?' 'Não.' 'Eu rapazinho, né, tinha dezoito anos.' 'Pois é. A gente vai, daqui eu vou sair para o Ceará...' 'Ah, Jackson! Mas eu me lembrei que tenho que fazer o serviço militar!' Eu já estava com aquela licença do Exército no bolso. Daí, mostrei: 'Ah, pois é! É um ano só, não é? Então faça o seguinte, você serve aí o exército e quando for licenciado, você me escreve.' Rapaz, dito e feito. Foi a Mossoró, fui com ele, cantando. De lá, voltei. Ele me botou no ônibus e vim embora. Eu não podia seguir o rumo que ele ia seguir por causa do Exército. Aí terminei, escrevi para ele, que mandou a passagem para mim. Viajei para lá, fiquei na casa dele, no Rio de Janeiro, na Glória. E fiquei oito anos na banda, tocando triângulo e pandeiro.

Conte como surgiu a oportunidade para gravar seu primeiro disco solo.

Foi o seguinte. Eu estava com um grande sucesso na praça como compositor, tinha gravado *Relabucho*, com Sebastião do Rojão, cantor da Continental, tinha gravado *A festa do Senhor São João*, tinha gravado algumas músicas com outros artistas, né? E aí, tinha gravado o *Forró domotorista*, em outras fabriquetas, aquelas fábricas pequenas, sem expressão alguma, mas que funcionavam bastante no Rio de Janeiro. E tinha feito carnavais, eu gravei muitos sambas de autores cariocas. Então, eu vivia no meio, até que o Jackson do Pandeiro botou o olho em mim e disse: "Agora eu vou arrumar um disco aí para você." Ele gravava na Polygram. Mas não conseguiu um disco só para mim. A firma alegou que eu não tinha nome ainda no Brasil, eu tinha só como compositor, como intérprete não tinha e podia não vender disco, então eles não iam arriscar, investir. Jackson disse: "Então vamos fazer um 'Pau de Sebo'". Aí fez o "Pau de Sebo", com Elinho Julião, Genival Lacerda, Três do Nordeste, ele mesmo, José Messias, que hoje tá com Raul Gil, naquela coisa de jurado. Então a gente fez esse disco, *O Fino da foça Nº 1*. Nesse *Fino da roça* eu estourei com dois sucessos, *Xodó do motorista*, 'Não há quem resista / Ser motorista sem ter um amor', e *Puxando fogo*, que é um hino junino, 'Eu hoje tô puxando fogo / Fogo, fogo'. E essas duas músicas me promoveram bastante como intérprete. Aí a Polygram fez o disco comigo. Eu ainda fiz lá três discos, na Polygram... Philips, era Discos Philips, onde gravava o Jackson do Pandeiro. Em virtude do sucesso que eu fiz em todo Nordeste, a CBS botou o olho em mim, através do nosso produtor, que era o Abdias Filho, marido da Marinês e sua Gente. Ele é quem fazia

os discos nordestinos na CBS. E eu perturbei bastante ele naquele ano com esse sucessos, só deu eu na praça (risos). Aí saí da Philips e entrei na CBS, em 71. Fiquei na CBS 23 anos, com aquela rapaziada toda, até que a saída do cast nordestino da CBS foi pelo seguinte fato: a CBS alegou que na América do Sul estava no vermelho. Tava faturando pouco, tava com prejuízo. Então resolveu trabalhar o Julio Iglesias. Ia gastar muito dinheiro para promovê-lo. E Michael Jackson, depois de Julio Iglesias. Então dispensou o cast nordestino e dispensou muitos sambistas do Rio de Janeiro, muitos artistas, da Jovem Guarda, diversos. Para trabalhar o Julio Iglesias e o Michael Jackson. Não deu outra coisa: esses dois homens tomaram conta do Brasil. E nós saímos da CBS, ficamos com um grande acervo gravado lá por nós. De vez em quando eles estão gravando alguma coisa, algum CD.

O senhor passou 20 anos na CBS, uma grande gravadora estrangeira. Hoje está num esquema independente. Qual é a diferença no trabalho?

A diferença que tem numa gravadora multinacional, que é grande, com uma independente, é a estrutura de trabalho que a grande tem. Por exemplo, a CBS, que é uma grande companhia de disco e hoje chama-se Sony Music, essa gravadora pintou e bordou no comércio brasileiro porque ela tinha muito dinheiro para gastar, em todo canto tinha os seus representantes. E o produto chegava, era mostrado ao freguês, e o freguês tomava conhecimento e comprava. Uma gravadora pequena, ou independente, ela não tem essa estrutura. Ela fabrica pouco, não tem prensa, não tem nada. E além disso, não tem nem representante no Brasil inteiro, nas cidades onde devia ter para poder mostrar o produto. Aí vende pouco, por quê? Porque não tem quem mostre aquele produto.

E o senhor trabalha até hoje por que quer, ou por que precisa?

Eu continuo trabalhando por que preciso. Porque o artista brasileiro ele nunca se realiza monetariamente. Por causa dos sistemas de apoios monetários que favorecem ao artista brasileiro. Por exemplo, editoras: são multinacionais; gravadoras: são multinacionais; e eles pagam pequenas porcentagens ao artista. Acaba que você, um artista famoso, você enrica gravadoras e editoras e fica pobre. Você ganha uns trocados, porque o dinheiro mesmo fica na mão deles. Dinheiro que é faturado em cima do seu nome. Então, eu, Elino Julião, não estou realizado monetariamente. Eu tenho em mim aquela dose de persistência, de trabalhar, eu acho que parado eu não conseguiria... Eu ando muito, viajando, trabalhando, mas eu acho que, se eu fosse um milionário, também faria o mesmo. Só que uma coisa eu sei: eu não estou realizado em termos monetários. Minha profissão me deu nome, me deu fama, mas aí o sistema brasileiro de arrecadação toma tudo.

Como o senhor vê hoje o panorama da música nordestina?

A música nordestina tomou um impulso muito grande. Dos anos oitenta para cá, eu cito, por exemplo, a Elba Ramalho, com aquele estilo que nós começamos a chamar de forró universitário. Aquilo deu uma grande força, porque onde o forró não entrava, o povo não queria, acabou que hoje o povo quer. O mundo universitário abraçou aquela música de Elba Ramalho, gostou, promoveu e é tanto que a juventude tá querendo o forró como antes não queria. O forró antigamente era música de adulto, era uma coisa fraca. Hoje, não. Hoje é uma música viva. Olha, tem estados por aí que se uma banda não tocar forró, não arranja show, não trabalha. Tem bandas aí que têm que ter um repertório de forró, para botar no meio das danças modernas, porque se não, o povo não quer.

E quem o senhor enxergaria hoje de gente boa trabalhando no forró?



“O forró antigamente era música de adulto, era uma coisa fraca. Hoje, não. Hoje é uma música viva. Tem estados por aí que se uma banda não tocar forró, não arranja show, não trabalha. As bandas têm que ter um repertório de forró para botar no meio das danças modernas, por que se não, o povo não quer.”



“Os adultos é que buscam Elinho Julião. A juventude – um ou dois ou três que se arriscam a ir lá olhar – gosta também do meu palavreado, do meu estilo, da minha valentia no microfone.”

Eu vejo da seguinte forma: eu me contento com alguém cantando música nordestina, seja ele quem for, que mostre nos momentos certos. Então, eu não sei assim, dizer: 'Fulano faz bem. Beltrano faz também. Sicrano não faz. Pedrinho é que é o bom, e Chiquinho...!' Eu não sei dizer isso, porque eu sou tão amante do forró, que qualquer pessoa que cante o forró, que mostre o forró em eventos às vezes muito sofisticados, mas que o forró está presente, então por isso que eu não sei dar uma opinião e dizer: 'Eu quero fulano.'

Depois que o senhor voltou a morar em Natal, gravou dois discos, o *Canto do Seridó* e o *Canto do Seridó II*, com um monte de artistas, pessoas novas e antigas. Como foi essa experiência?

Essa idéia nasceu com a Candinha Bezerra e o Dácio Galvão, que eles tavam com o projeto Nação Potiguar, e disseram: “Vamos gravar Elinho aqui com essa rapaziada”. Aí, esse repertório meu já era bastante conhecido na praça... A Marinês cantou comigo nesse disco *A sombra do juazeiro*, o Fagner cantou comigo *Saudoso Ceará*, foi uma música que eu tinha gravado com Luiz Gonzaga em 1958. O Dominginhos cantou o *Burro* mais eu, 'Vamos dar valor a quem trabalha'. Aí veio a Tetê Espíndola, a Ná Ozetti, veio Lenine, cantando o *Rabo do jumento*” comigo, veio o Xangai, cantando o *Forró da Coréia*” comigo, e diversos artistas. E foi muito bom, porque esse disco tá no exterior. É tanto que quando a gente foi a Portugal eu já fui com ele na mão, trabalhamos lá e deu um efeito danado.

O senhor vem de uma época em que as músicas de forró tinham malícia, mas não tinham maldade, o trocadilho buscava sempre imprimir um duplo sentido à música. Hoje em dia, não há muito isso. O negócio é mais escancarado. Como o senhor vê esses sucessos de hoje - esse fenômeno do forró eletrônico tem valor também?

Eu acho que hoje em dia é tão difícil ou tão fácil quanto antes. Porque eu sou um produto dos anos 50. E o Francisquinho, ou Pedrinho, ou Raimundinho é produto dos anos 2000, ou 80, ou 90. São os costumes atuais que são levados através da música. Eles que são mostrados. Então, vejamos, em 1950, se usavam 'dialetos' que hoje se eu botar a juventude não sabe o que é. Aí, não vai me valorizar. Mas naquela época, sim, a onda era aquela e eles me entendiam. Então hoje se tiver um cantor que tenha aí seus quinze, dezoito, vinte anos, é um artista jovem, canta dentro do gosto jovem. A começar pelo vocabulário e trejeitos e 'dialetos'. Então, esse também agrada ao público atual. O que eu não quero dizer é que um camarada que é produto dos anos 50, ele não funcione hoje! Porque funciona também. Há aqueles que estão aí ainda, os remanescentes daquele estilo. Tem muita gente viva ainda daquele tempo.

Então quando o senhor faz um show, e olha para o público, só tem pessoas da sua idade?

O show de Elinho Julião é um show que é dirigido aos adultos. Os adultos é que buscam Elinho Julião. A juventude - um ou dois ou três que se arriscam a ir lá olhar - gosta também do meu palavreado, do meu estilo, da minha valentia no microfone. Mas eu não chamo o público jovem não, chamo o público adulto.

Qualquer pessoa que conviva um mínimo com o senhor percebe que o senhor é muito profissional com as coisas que dizem respeito à sua carreira. O senhor também é muito vaidoso?

Ah, eu sou vaidoso! Eu gosto de fazer um serviço perfeito, eu gosto de trabalhar com as pessoas que fazem com perfeição. Eu não sou do 'parece', eu sou 'do que é', da realidade. Isso é até do meu signo, que eu acredito muito em signo. Eu sou escorpião. Minha vida é um livro aberto mesmo (risos). Eu gosto de coisas positivas, reais,

gosto do que é bem feito, daquela pessoa que faz bem feito. Por exemplo, vem uma banda de música sofisticada. Por uma imposição da região, de clube, de fulano que diz: 'Olha, vocês têm que fazer uma hora de forró.' Aí os pobrezinhos que nunca tocaram forró, ou tocam esporadicamente, ou tocam da maneira deles, vão tocar o forró, não vão agradar e aí vão meter o malho neles. Eu não gosto disso. Eu gosto quando o dono da banda diz: 'Olha, nós não tocamos forró.' Aí não vem para cá para ter decepção. Então, no meu show, eu já vou no lugar certo, onde eu agrado, porque são pessoas que vão porque gostam do meu repertório, do meu disco.

O que é que não pode faltar num show de Elino Julião?

Em termos de música? De um modo geral, eu tenho que cantar sempre *O rabo do jumento*, *Puxando fogo*, *Xodó de motorista*, *Na sombra do juazeiro*, *Filho de goiá-mum*, *Relampiou*, tudo músicas que marcaram... Eu tenho uma infinidade delas. Porque eles pedem, mandam pedir, tão lá pedindo, querem dançar, e quem não tá dançando, tá olhando e quer que eu cante. Uma pessoa dessas chega perto de mim e diz: 'Olha, Elino, eu vim aqui no seu show só porque eu quero que você cante aí *Rabo do jumento*. Aí vêm as mocinhas: "Aí, eu quero só que você cante *Meu cofrinho de amor!* O público é assim. E eles não se negam a colaborar, batem palma, não tem anarquia. Eles vão por amor a você, mesmo. Ao seu trabalho.

Para o senhor, o que é ser um artista popular?

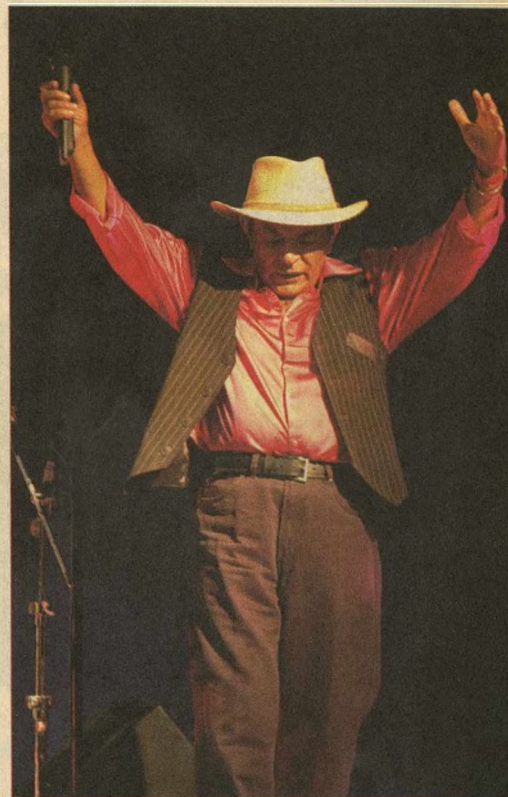
É muito bom porque é povão. E dada a minha origem – eu sou um menino humilde do sertão, nordestino, aquela pessoa popular. Eu fico com aquele povo que é do meu nível, cantando o que eu faço, aqueles costumes nossos vão para o disco e eles gostam demais. No entanto, eu gosto muito da música sacra, da música pop, daquelas músicas avançadinhas, eu gosto de música americana, de música italiana, gosto de música de um modo geral. Mas eu trabalho com essas e eu jamais deixaria de trabalhar, porque é a minha origem, né?

Como é que anda a sua relação com o Seridó?

Eu, como sou um homem do Seridó, estou sempre falando bem do Seridó. Eu estou sempre mostrando meu esmero, meu carinho pelo Seridó. Gosto muito da região, dos costumes. Nunca me separo do Seridó. De vez em quando tenho uma festa lá, em Caicó, em Currais Novos, em Parelhas. Minhas festas estão mais agora para o Oeste. É para Mossoró, para João Dias, para aquele lado de lá do Ceará. O Seridó geralmente tá fazendo em épocas em que eu não estou podendo ir. Por exemplo, teve agora a Festa do Jegue, na minha terra, em Timbaúba, e eu não pude ir, porque eu estava em Olinda, já contratado. E eles são meio displicentes nessa questão de marcar com você as festas. Eles deixam para marcar em cima da hora. Aí isso me prejudica, por que às vezes você não pode, não é? Já está contratado em tal lugar. Mas minha relação com eles é muito boa, eles me querem muito bem, eles me vêem como um representante da região. Colaboram no que podem, não é?

Qual é a melhor lembrança que o senhor tem de Timbaúba?

Da minha infância, mesmo. Eu era menino ali, molequinho, calças curtas, naquele meio, com aquelas pessoas. Comia e bebia sem saber da onde é que vinha, tinha escola, tinha tudo. Do jeito que a gente tava, tava bem. Ninguém passava fome: não sei da onde vinha aqueles comer (risos). Criança, né? Então eu tenho saudade disso. E outra coisa que me alegra em Timbaúba é que quase nada mudou. As ruas são as mesmas, as casas são quase as mesmas. Não tem esse negócio de hoje: 'Aaaai, tá diferente!' Pouca coisa. Aquilo me faz um bem, rapaz. Eu acho que se eu fosse um prefeito, um governador, um presidente, eu era mau, porque eu não gostaria de modernizar, não (risos). Eu gosto de Timbaúba do jeito que ela é.



“Eu gosto muito da música sacra, de música pop, daquelas músicas avançadinhas, eu gosto de música americana, de música italiana, gosto de música em geral. Mas eu trabalho com a música nordestina e eu jamais deixaria de trabalhar porque é a minha origem né?.”

Hoc est corpus meum



Ilustração
Roncalli

Eli de Araújo

Eli Celso de Araújo Dantas da Silveira, poeta potiguar. Seus primeiros passos no exercício da literatura foram dados no suplemento cultural da República (anos 1970), no qual publicou uns versos elogiados por Luís Carlos Guimarães. Filho dos poetas Myriam Coeli e Celso da Silveira.

Doutor em Teoria Literária e mestre em Tecnologia Educacional pela UFRJ, especializou-se em Filosofia e atualmente trabalha como professor do Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1991, em parceria com os poetas Iracema Macêdo e André Vesne, teve poemas publicados nas coletâneas *Vale feliz* e *Ceia das cinzas* (1998). Tem pronta uma tese sobre os caminhos [lingüísticos] da razão em Platão desde os pré-socráticos.

Bastidor (hélas, mon troubadour!)

Anel em anel
amor me enlaçou
e a mim me tocou
sem pejo e sem dor
Ai, se vero amor
isso não saberei
como entregar-se
se eu não vou saber?

Agulha laçou
e figura fez
passou-se uma dor
e correu-se mês
nada mais se fez
Da boa sorte ao léu,
anel em anel,
pois se vero amor
a mim me enlaçou
e desenho eis
e passou-se hora
Acabou-se a vez
amor me matou
amor me desfez
à hora, em dia e mês

Nesse bastidor
se não vero amor
findou a figura,
desenho desfez
(o desenho é ex)
E desse aço antigo
nem eu me restei,
nem tu te apartou

Anel em anel
amor em amor
ai pobre de mim
que sou trovador

Se faço dess'canto
um motivo tanto
pro que dele sei
nem tu te apartou
ah, meu trovador,
nem eu me restei

Pequeno Gênesis Segundo Eli De Araújo

Onde dorme a mãe do homem?
Entre os braços e os ossos do deus?
A casa do deus é uma fotografia
tomada a favor do sol
em tarde antiga e pia
A casa do deus tem a granulação dourada
da rosa do deserto
é numa encosta amarelada
que se esboroa esboroa
esboroa
a casa do deus
onde dorme a mãe do homem,
flor que não murcha ave que não voa?
A casa do deus é no firmamento
numa ilha qualquer pendurada no vento
A habitação do homem é barro
e pulmão e vazio e vento
com um só pavimento
a casa do homem é feita
com traves de carnaúba
nos subúrbios do tempo

Onde mora a mãe do homem?
A que se veste de noite e dias?
Suas janelas, de vidro bisotado
seu dentro de brita e cimento
sua coluna de um ferro de mãe
duras suas mãos de unguento
Por uma tristeza e um naufrágio
se eu soubesse te diria
mas me falta crer os amargos
desses mitos e da cosmogonia

Muralha

Estou escrevendo isto
para traçar uma linha
para passar o fio
que constrói.
faço com o intuito
de fixar a primeira
pedra na natureza
morta.
Pedra mais pedra
morto mais morta
linha mais fio
construção, vazio,
prumo
pedra morta
Jogo a linha
contra a vida
oposta
E estabeleço um
contato liame
que nem importa
Que nem importa?
Estou escrevendo isto
com a sensação
operária do vazio
das portas
e enredo
o fio da veste
na vida oposta
Subi uma cidadela
alta demais



A JOVEM BANDA DAS QUINTAS

Texto
Ana Paula Silva

Fotos
Argemiro Lima

Uma idéia que surgiu da cabeça de um menino com apenas 14 anos: criar uma banda marcial na escola em que estudava. Em 2002, Bruno Gomes de Souza, hoje com 18, escoteiro e aluno da Escola Ferreira Itajubá, do bairro das Quintas, propôs à diretora, Maria José Sarmiento, montar uma banda com os meninos da escola. Surgiu então a Banda Marcial Severino Cordeiro. "No início éramos poucos com apenas dez instrumentos feitos de sucata, doados por um amigo da Escola de Samba Malandros do Samba. Nós pegamos os instrumentos reciclamos, pintamos e começamos a tocar. A diretora permitiu que usássemos o nome da escola e cedeu o espaço para os ensaios", conta Bruno, hoje maestro da banda.

Bruno queria um espaço, uma ocupação para as crianças que viviam nas ruas, perto das drogas e trazendo problemas para dentro de casa. "A banda marcial era a oportunidade para incentivar valores como bom comportamento, obediência, respeito e mostrar a eles que é preciso estudar, já que boas notas é uma das exigências para continuar na banda. A música é um incentivo para que eles queiram algo mais da vida", disse Souza.

A primeira apresentação da banda marcial foi em 2002, durante a Semana da Pátria, na Praça Cívica do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num evento da Prefeitura de Natal. "Fizemos uma rifa para comprar o uniforme usado na apresentação", conta o maestro.

Bruno Gomes da Silva, idealizador:
"música é um incentivo para que eles queiram algo na vida".



Integrantes da banda marcial Severino Cordeiro, localizada no bairro das Quintas, surgida na Escola Municipal Ferreira Itajubá em 2002



Neste dia, o prefeito Carlos Eduardo Alves e a secretária de educação, Justina Iva, assistiram a apresentação e decidiram apoiar a banda doando os instrumentos novos e o uniforme. Segundo Souza, foi a partir daí que a banda começou a crescer. "No início eram dez, depois passamos para 28, em seguida para 70, chegando aos 100 integrantes que temos hoje. No momento, não estamos recebendo mais alunos, infelizmente não temos a estrutura adequada".

Os integrantes têm o ensino básico na teoria musical e começam tocando instrumentos de percussão para desenvolver a coordenação motora. A partir daí, eles começam a estudar bateria, trombone de vara e de pistão, trompete, flauta doce, contrabaixo, guitarra e teclado, em três pequenas salas. "Cada aluno tem três aulas por semana de teoria e prática musical, com uma hora de duração, de segunda a sexta. Fazemos um revezamento de três alunos por aula e, nos sábados e domingos, tem os ensaios gerais

na Escola Ferreira Itajubá", explica Souza.

Atualmente, a banda marcial realiza cerca de 150 apresentações por ano, principalmente no mês de setembro nas comemorações da Independência. "As apresentações são em conselhos comunitários, igrejas, procissões, clubes de mães e outras escolas, além de participarmos de vários eventos da Prefeitura de Natal".

A Banda Marcial Severino Cordeiro completa três anos, com muitos integrantes vendo a música como uma carreira a seguir. "Muitos estão se especializando, estudando. São os alunos que agora ensinam", disse Souza. Alguns integrantes, principalmente os que tocam instrumentos de sopro, foram chamados por bandas profissionais. Outros estão cursando música no Instituto Waldemar de Almeida, da Fundação José Augusto, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Casa Talento Petrobras.

Apesar de ter sido aprovada, neste ano

na Lei de Cultura Djalma Maranhão, a banda não conseguiu captar recursos para um patrocínio. "O nosso maior sonho é transformar a banda marcial na primeira banda de música das Quintas, mas para isso precisamos de mais instrumentos como o saxofone, a flauta transversal, a tuba, o clarinete e o bombardino. Também estamos batalhando por um espaço para a escolinha de música com uma estrutura e um espaço mais adequado".

A falta de um patrocínio, através do incentivo fiscal, fez surgir a idéia de se formar uma organização não-governamental (ONG). A diretora da Escola Municipal Ferreira Itajubá, Maria José Sarmiento, afirma que desta forma "é mais fácil conseguir até mesmo recursos federais, por exemplo. O empresariado daqui sempre está inadimplente ou não se interessa em investir num projeto tão bonito e que está dando certo".

O SONHO DE FRANCISCO

Francisco de Assis da Silva Neto começou na banda com sete anos. O seu instrumento é a caixa. "Sempre quis participar da banda. Eu via eles (sic) tocando e queria estar aqui também. Então pedi a minha mãe e ela deixou. Eu gosto muito de tocar a caixa", disse Assis. Filho de uma professora e de um entregador de jornais, Francisco Assis, hoje com nove anos, faz a 3ª série na Escola Ferreira Itajubá. Ele acha que a vida melhorou depois que se tornou integrante da banda. "Estou muito feliz e quero continuar tocando sempre", sonha Francisco Assis.



MEMÓRIA POPULAR MESTRE CORREIA



**GUERREIRO DE**

Ponta Negra

Texto
Alex de Souza

Fotos
Argemiro Lima

"Falar da Vila é sofrer duas vezes. Uma é pela vida difícil que passamos na infância; a outra, pela lembrança desse sofrimento." Ainda assim, quando Mestre José Correia começa a falar da Vila de Ponta Negra de outrora, é impossível não perceber aos poucos uma empolgação surgindo em sua voz. É como se da paisagem fossem pouco a pouco desaparecendo a estrada de asfalto que liga o bairro à cidade, os prédios de dezenas de andares e a legião de turistas estrangeiros, dando lugar às pequenas roças, aos pés de mangaba e aos pequenos caminhos abertos em meio à mata nativa, de volta a um passado de poucos mais de cinquenta anos, mas que parece perdido, há muito, no meio do tempo.



O mestre (acima) na expressão da sua grande paixão: o congo, transmitido pelo pai Sebastião Francisco Correia, falecido em 1985 (ao lado) numa brincadeira realizada no Grande Ponto numa noite de Natal. "Eu brinco pela memória do meu pai".
Fotos: acervo Mestre Correia



AVILA

Ele nasceu José dos Santos Correia, em 8 de dezembro de 1928, filho de Maria dos Santos Correia e Sebastião Francisco Correia. Está, portanto, próximo de completar 77 anos. "Bote 76, porque, quando tirei o registro de nascimento, já estava um ano atrasado para cumprir o serviço militar, aí meu pai mudou a data para 1929, para evitar de eu ter que ficar dois anos no Exército. O que vale é o que está no documento, não é?" No aniversário de Mestre Correia se comemorava o Dia de Nossa Senhora da Conceição, que já foi até feriado, mas deixou de ser lembrado. "Parece que foi Castelo Branco que tirou do calendário", lembra.

"Alcançei Ponta Negra quando não tinha nem estrada de automóvel". A estrada carroçável que viria a se tornar a Avenida Engenheiro Roberto Freire foi construída por volta de 1934, a mando do prefeito Otávio Tavares, e o barreado só veio em 1940. O calçamento saiu na década de 60.

A vila devia acolher, no máximo, 800 pessoas. "Não dava nem isso", conta. Começava ali das cercanias da igreja, redondezas da Rua da Floresta e ia até onde hoje é a Rua do Corrupio, umas poucas centenas de metros depois do Cruzeiro. "Teve uma história de uma revolta

dos soldados lá em Natal. E ali, onde ficava a igreja, tinha uma árvore, o Cajueiro da Zulmira. Pois bem, dois dias depois que estorou essa revolta, o cajueiro ficou verde - de soldado se escondendo", ri. A "revolta" a que ele refere era nada menos que a Insurreição Comunista de 35.

A comunidade não tinha luz elétrica, nem água encanada. A de beber vinha de uma cacimba, que ficava na altura da entrada da Rua da Praia, pela qual se desce à Avenida Erivan França. "Só que era lá embaixo. Tinha que descer a duna até a nascente d'água", conta.

SANGUE

Todo dia, desde menino, a luta exigia que ele atravessasse toda aquela extensão com a lata nas costas para buscar água. Certa feita, ainda jovem, voltando de uma extração dentária, Seu José Correia chegou em casa e pediu para beber um copo d'água. A lata estava vazia. Para satisfazer a necessidade, precisou descer, sozinho, até a cacimba. Na volta, a boca estava inundada de sangue.

Para bater a roupa, ia-se, a pé, até o Rio Pitimbu, nas vizinhanças onde hoje é o Jiqui Country Club. Pela lonjura da caminhada, o recomendado era juntar muita roupa. "Minha mãe passava o dia por lá e depois voltava com aquela ruma de coi-

sa. Quando o tempo fechava e o pai via que a chuva ia pegar nossa mãe, me mandava ir, montado num jumento, buscá-la, para aliviá-la do peso."

Remédio? Tinha que vir buscar em Natal. "Quase sempre o primeiro auxílio era com Dona Maria de Afonso, da família de Amaro Magalhães. Mas olhe, era só umas garrafas d'água que eu não sei como aquilo funcionava. E não é que o povo ficava bom, rapaz?!" A descrição do tratamento oferecida por Seu Correia nos faz concluir que se tratava de homeopatia. "Agora quando piorava aí era procurar o doutor Dimetrius de Viveiros. Se chegasse pelas mãos de dr. Dimetrius é por que o negócio era feio..."

Vivia-se da roça e da pesca, mas esta não era a principal atividade, como muitos pensam. "Se vivia mais da roça do que da pesca", explica. O roçado era de milho, feijão, batata doce. Muita gente, para reforçar o orçamento doméstico, aproveitava a abundante mata nativa e fazia carvão para vender. "O pobre mesmo queimava lenha em casa. O carvão a gente fazia e vendia um cento a 10 mil réis."

Seu José Correia chegou até a trabalhar para os militares, durante a Guerra, em 42. "Eu era de menor. Trabalhava abrindo palha de coqueiro no Exército, quando os soldados vieram patrulhar o



Francisco Correia relembra o tempo em que eram poucas as casas de veraneio em Ponta Negra

litoral da região. A palha servia para cobrir os galpões dos soldados. Já os sargentos ficavam nos barracões de lona. E os mais graduados, tinham outras benfeitorias, né?", descreve. Enquanto isso o pai estava na Base de Parnamirim, abrindo picadas no mato. O salário do pai era de 7.400 réis. E Seu Correia levava 5 mil réis, mais a refeição. "Ali era só mato, Parnamirim não existia, não. Antes dos americanos só o que tinha ali era a Air France", diz, referindo-se ao campo de pouso dos franceses. Um caminhão velho vinha, pelas manhãs, buscar os operários, para levá-los à base.

Os moradores da Vila, acostumados a andar pelo matagal, tinham um jeito próprio de nomear a paisagem. "Voltando de Pium, você tinha o Morro de Tarumã, mais à frente o Morro do Pau D'Arco e, em seguida, o Recanto da Guabiraba. Isso pelo mato. Agora quer pela praia? Então vamos lá. Primeiro tinha a Barreira do Inferno. Depois vinha o Serrote. Mais na frente, a Pedra Grande. Depois, a Pidrinha do Meio, a Pidrinha Derradeira e o Alagamar. Passava o Morro do Careca e depois tudo que vinha era Ponta Negra", enumera. Morro do Careca? "Isso veio muito depois. De primeira ele tinha só um caminhozinho de nada. A gente chamava era de Morro do Estrondo." O nome registrava o espanto que causava aos moradores da

Vila o ecoar das ondas que se batiam contra as pedras, do outro lado do morro.

OS CAMINHOS

Caminhos estreitos, abertos em meio à mata nativa davam acesso a Natal. "Tinha muitos caminhos de andar. O principal deles saía daqui da Vila, ia na direção do 7º Batalhão de Engenharia e Combate e findava perto de onde é a Faculdade de Odontologia. E não era só povo da Vila que usava não. Quem vinha de Campos de Santana, Tabatinga, Alcaçuz e Pium, para Natal, era por esse caminho. Outro que tinha era o Caminho da Ladeira Grande. Você vinha pela praia e depois subia ali onde é o Parque das Dunas, para sair na cidade. Esse parece que até hoje existe", narra. O trajeto era obrigatório para os vendedores de carvão e as mangabeiras - mulheres que colhiam as mangabas silvestres para vender. A fruta começa a aparecer lá para outubro, novembro. "Mas a época boa mesmo é em dezembro. Depois começa a chover e a mangaba não gosta de chuva", explica.

Distante da especulação imobiliária de hoje, que eleva o preço de terrenos no bairro a patamares no mínimo absurdos, Mestre Correia lembra que as casas de veraneio eram poucas. "E todas de taipa. O primeiro veranista que apareceu pela Vila foi

o tenente Vicente Euclides. Depois, vieram Mauro Vilar, Nezinho Fernandes, Amaro Mesquita e Dom Nivaldo Monte. Eram umas casinhas simples, todas coladas", lembra.

A expansão da cidade foi aos poucos aproximando a Vila de Natal. No começo da década de 60, surgia o conjunto Ponta Negra. "Aí veio a água encanada e o calçamento. Primeiro foi para o conjunto e, lá por 65, chegou na Vila. Também veio a eletricidade, mas a luz era na base do motor", narra.

"Eu resolvi sair da Vila em 70. Vim para cá para Nova Descoberta por que lá não tinha escola para os meninos. Se fosse que nem hoje, que já tem escola e tudo, tinha nem saído de lá", diz.

Como já havia se afastado da comunidade, Seu Correia não lembra ao certo quando surgiram as barracas na orla da praia, que fizeram a fama da praia na década de 80 e sumiram após o processo de urbanização da orla, no final dos anos 90. "Só lembro que os primeiros que apareceram por lá foram Pedro de João e Manuel Matias. Eu não quis, mas depois me arrependi porque dava muito dinheiro."

Falar das barracas é lembrar da orla, o que nos leva a conversar sobre a pesca na Vila. "A pesca era mais no tempo do inverno.



“Essa é a igreja nova. Foi construída, se não me engano de 1934 para 1935. Lembro d’eu ainda menino carregando pedra para fazer a fundação dela. Depois que ficou pronta chegou até a receber Frei Damião”

De setembro até abril, o pessoal armava os tremalhos (rede de pesca de três malhas). Pesquei muito ali. Naquela época, você pegava fácil cada xaréu! Era quase um metro de peixe assim (mostra com a mão)!", conta vantagem. Segundo Seu Correia, no quebrar da barra da manhã, o mestre de arrais ia até a orla. Lá, da beira da praia, olhos treinados avisavam os cardumes de tainha passando. Era hora de soprar um búzio, cujo som avisava aos demais colegas da hora da pescaria.

A abundância do dia de trabalho era controlada pelo uso de bandeirinhas, que marcavam os montes de peixes capturados. Cada uma representava um milhar. Era comum sair caminhão cheio de peixe da Vila. "A gente conservava no sal pesado e ia vender na cidade", diz. A explicação para tanta fartura é simples. "A gente só pescava numa época do ano. E peixe também não é bobo. Hoje você tem aquela ruma de barco de motor para cima e para baixo na praia. Aquilo espanta o peixe." Sempre que a pescaria era boa, sobrava uma doação para a igreja eram 20, 30, às vezes até 100 peixes. "Parece que Deus dava tudo aquilo para a gente de bonança", afiança.

A fé era um elemento de integração social. A igreja, que é um símbolo e uma referência da comunidade, era diferente da que hoje ali está. "Essa é a Igreja Nova. Foi construída, se não me engano, de 1934 para 1935. Lembro d'eu ainda menino carregando pedra para fazer a fundação dela. Depois que ficou pronta, chegou até a receber Frei Damião, acho que em 1937", diz. O padre, para rezar a missa, se deslocava até a Vila montado numa burra.

As festas religiosas eram inúmeras. Tinha a festa de São João Batista; em 3 de maio, a procissão da Santa Cruz, num cortejo de ida e volta até o cruzeiro; e o ciclo natalino, no fim do ano. A principal data da Vila era a festa de São Sebastião, que durava nove noites. "Cada noite, uma festa diferente. Tinha a Festa dos Rapazes, a das Moças, a das Mulheres Casadas..." Como não havia iluminação

pública, era tudo na base do lampião, ou então no facho de madeira, e dava para enxergar bem. Vinha um senhor, de nome Joca Davino, de São José de Mipibu, que fazia espetáculos de fogos nas festas. "Era roda de fogo; aquelas que explodiam num monte de cor, como tem hoje na época do Natal; e ele fazia o mís-sil, que saía lá da igreja, num cordão, e ia queimando até o cruzeiro. Uma festa só", resume.

Sobrava também um tempinho para o namoro – e até para brincadeiras. "A Festa das Moças era um dia antes da Festa dos Rapazes, e elas não admitiam que a Festa dos Rapazes fosse mais bonita que a delas. Então, o que elas faziam? Mijavam em todo canto na rua, para ficar fedendo!", ri, soltando um olhar meio cúmplice para a companheira, Dona Maria de Lourdes. O casamento com a prima, dona-de-casa e rendeira, rendeu oito filhos, um dos quais, Marcos Antônio, morreu de ataque cardíaco aos 40 anos.

As festas contavam com a colaboração de toda a comunidade. "Todo ano, saíam dois meninos pedindo donativos de casa em casa. A pessoa dava o que quisesse, dois 'tões', ovos, uma galinha... E assim fazia a festa. Mas eu tive muita raiva de ir, quando me escolheram. Chegava na casa de um, aí diziam: 'Você tá é tirando dinheiro para comprar roupa', ou então: 'Oxe, eu já não dei semana passada?'", reclama.

CONGO

A vida simples propiciou um ambiente ideal para o desenvolvimento dos folguedos na comunidade. "Não tinha outro divertimento. Quando aparecia uma atração era um cantador de viola, ou um embolador de coco. Um Manuel Januário, que apareceu pela Vila, vindo da Paraíba, era muito bom nesses versos. O povo chamava de fobó, que antigamente era o nome que se dava ao bambelô. Era a música que os caboclos tiradores de cana faziam. Então, todo ano tinha aquelas brincadeiras, principalmente na época de Natal. Tinha uma Dona Guilhermina que ensaiava as lapinhas, com um pandeiro, às vezes num violão. Quando não era uma lapinha, era um pastoril.

“Aprendi a fazer mosaico com Joaquim Victor de Holanda. A técnica que eu trabalho é da tinta barrufada, sai cada coisa bonita, tem que ver. Mas o médico já proibiu”



Sabe a diferença? A lapinha verdadeira, todos os versos falam só no nascimento de Cristo", explica. Em 46, Mestre Correia conta que chegou até a brincar de mestre num boi calemba. Enquanto os homens participavam nos congos, bambelôs e bois-de-reis, as mulheres brincavam lapinhas e pastoris.

Mas a paixão mesmo, até por uma questão de sangue, são os congos. "Um ou outro brinquedo você pode até inventar. Mas nos congos são os versos originais", revela. Quando Mestre Correia fala de 'versos originais', ele se refere àqueles que lhe foram transmitidos pelo pai, que já pegou do pai dele e daí a se perder na poeira do tempo. O congo é tão antigo na família que Mestre Correia desconhece até quando foi que começou. Câmara Cascudo, em meados da década de 50, apontava a presença da brincadeira "há quase século e meio". O pai de Mestre Correia, Sebastião Francisco Correia, nasceu em 1906 e, em 1912, já brincava congo. Seu Sebastião faleceu em 1985 e foi brincante por toda vida. Desde que assumiu a liderança do grupo, Mestre Correia jamais o deixou sair de atividade.

EM NOME DO PAI

Por isso, Mestre Correia luta para manter, a todo custo, a brincadeira dos congos viva. "Eu brinco não é por nada não. Brinco pela memória de meu pai. É um negócio que começou aqui, pertinho de Natal. Não quero deixar cair", revela

O congo tem fortes raízes africanas, com o detalhe de só existir em solo brasileiro. O folguedo narra a ascensão e queda de um Rei negro. Começa com a coroação do soberano que, em seguida, recebe uma Embaixada de um reino vizinho para tratar de conflitos territoriais. Na versão potiguar da brincadeira, o Príncipe, filho do Rei, desafia o Embaixador e é morto no conflito. A história termina com o próprio Rei sendo levado prisioneiro pelo Embaixador. Uma verdadeira tragédia.

Os Congos de Calçola de Mestre Correia contam hoje com dez vassalos, que são os soldados, o Rei, o Príncipe, o Embaixador,

o General, o Secretário e um músico no tarol, totalizando 16 participantes. Os soldados portam espadas e maracás, que acompanham o ritmo ditado pelo tarol. A abertura da brincadeira se dá sempre com o canto "Nas Horas de Deus, Amém". "Depois se seguem mais duas ou três cantigas para colocar o Rei no trono", explica Mestre Correia.

O próximo passo na história é a chegada da embaixada. "Começa com a 'Toada em Viagem' e, depois, podem vir quantas músicas você quiser", diz. Ele domina com perfeição mais de 85 cantos de congos, verso a verso presos na memória. "Tem muitos anotados e digitados, mas o melhor mesmo é estar na cabeça", afirma.

A permanência do grupo através dos tempos e o relativo isolamento da Vila possibilitou que os Congos de Calçola apresentassem peculiaridades em relação a outras congadas existentes pelo Brasil afora. No entanto, não se conhecem estudos mais aprofundados sobre ele. "Já assisti uma Congada, lá de São Paulo, vi também um Congo de Guerra, de Ceará-mirim, mas não entendi nenhuma dos cantos apresentados por eles. Agora, assisti o Congo de São Gonçalo e um de Pombal, na Paraíba, e têm mais cantigas parecidas", observa Mestre Correia.

Quando se apresentava na Vila, para os moradores de lá assistirem, os Congos duravam de uma hora e meia a duas horas. Hoje, nas apresentações que faz em público, os organizadores dos eventos dão no máximo meia hora para a brincadeira. "Uma vez, numa Semana do Folclore, disseram que era só quinze minutos. Menino, não dá nem para coroar o Rei!", reclama.

A vida de artista popular não é fácil. Mestre Correia cobra de R\$ 300 a R\$ 500 por apresentação. "Os integrantes do grupo de lá da Vila, e uns são muitos carentes, não têm nem emprego. Eu não vou conseguir que ele venha, saia de casa de graça para acompanhar o grupo, quando ele poderia estar ganhando a vida dele. Então, quando tem os congos, pelo menos ele está ganhando seus vinte, trinta reais", explica. Vale lembrar que são 16 componentes.



“Muitas brincadeiras da vila estão renascendo. O pessoal está resgatando as músicas e muitas coisas que eu ainda lembro estou passando para eles. As brincadeiras estão voltando: pastoril. Lapinha, boi-de-reis...”

As apresentações são esporádicas, chegando a passar meses com o grupo parado. "O negócio esquenta na Semana do Folclore e no fim de ano", diz. Diferente dos tempos de menino, quando o grupo se apresentava nos espaços da grã-finagem, como no América e no Aeroclube, ou em bairros mais populares, como as Quintas.

Quando a maré baixa, Mestre Correia depende das aposentadorias dele e da esposa, de um salário mínimo cada. O complemento de renda vem de um outro talento do Mestre: os mosaicos. "Aprendi a fazer mosaico em 1949, com Joaquim Vitor de Holanda. A técnica que eu trabalho é a da tinta barrufada, sai cada coisa bonita, tem que ver!", se empolga. Com os mosaicos, Mestre Correia garante mais uns R\$ 500 no bolso. Porém, a atividade requer esforço físico para trabalhar com as grandes placas cheias de pedras. Por causa de um bico-de-papagaio, os dias de trabalho estão contados. "O médico proibiu", revela.

Apesar das dificuldades, a vivência na cultura popular é motivo de orgulho para Mestre Correia. "Eu conheço muita gente em Natal por causa dos Congos. Câmara Cascudo? conheci demais, desde que eu era menino. Ele me dava cada abraço quando me encontrava! Só no Auto de Natal, já fui três vezes de Reis Magos. E não tem o Moacyr de Góes, que o filho dele veio dirigir um desses autos? Pois ele é meu compadre. Foi padrinho do meu filho que morreu", diz. Outro fato que deixa Mestre Correia pavoneado foi ter sido escolhido, junto com o grupo do falecido Manuel Marinho, para recepcionar os restos mortais do governador Alberto Maranhão, agora em 2005.

O melhor remédio para a alma do artista popular é o reconhecimento. "Rapaz, é invocado mesmo. Eu, que nunca tive estudos, até por que não existia escola na Vila no meu tempo, vivo sendo procurado por esses pesquisadores, alunos de universidade, só por causa desses negócios de 'fóquillor'. não é engraçado?"

SEMENTES

"E hoje tem até o Conguinho, de lembrança." São as sementes do trabalho de Mestre Correia que começam a brotar. Ele fala do grupo que montou voluntariamente com as crianças da Escola São José, há quatro anos. Um neto de Seu Correia e mais quatro sobrinhos estão entre os integrantes.

Outra iniciativa importante para a cultura local da Vila é o projeto Encantos da Vila, uma parceria da comunidade com o Departamento de Artes da UFRN, que pouco a pouco traz de volta outros grupos. "Muitas brincadeiras de lá da Vila estão renascendo. O pessoal está resgatando as músicas e muitas coisas que eu ainda lembrava estou passando para eles. Você sabe que um circo só é bom se tiver um palhaço bom!", conta Mestre Correia. "Hoje na Vila tem muitas brincadeiras voltando, tem pastoril, lapinha, boi-de-reis. Só que a maioria vem de três anos para cá."

O projeto vem promovendo ações de integração entre as diversas manifestações artísticas do bairro e elevando a autoestima dos remanescentes da antiga vila de pescadores e agricultores que virou referência internacional do turismo do estado.



BALÉ

DA CIDADE

DE NATAL

Texto
Giovanna Araújo

Fotos
Décio Peixoto



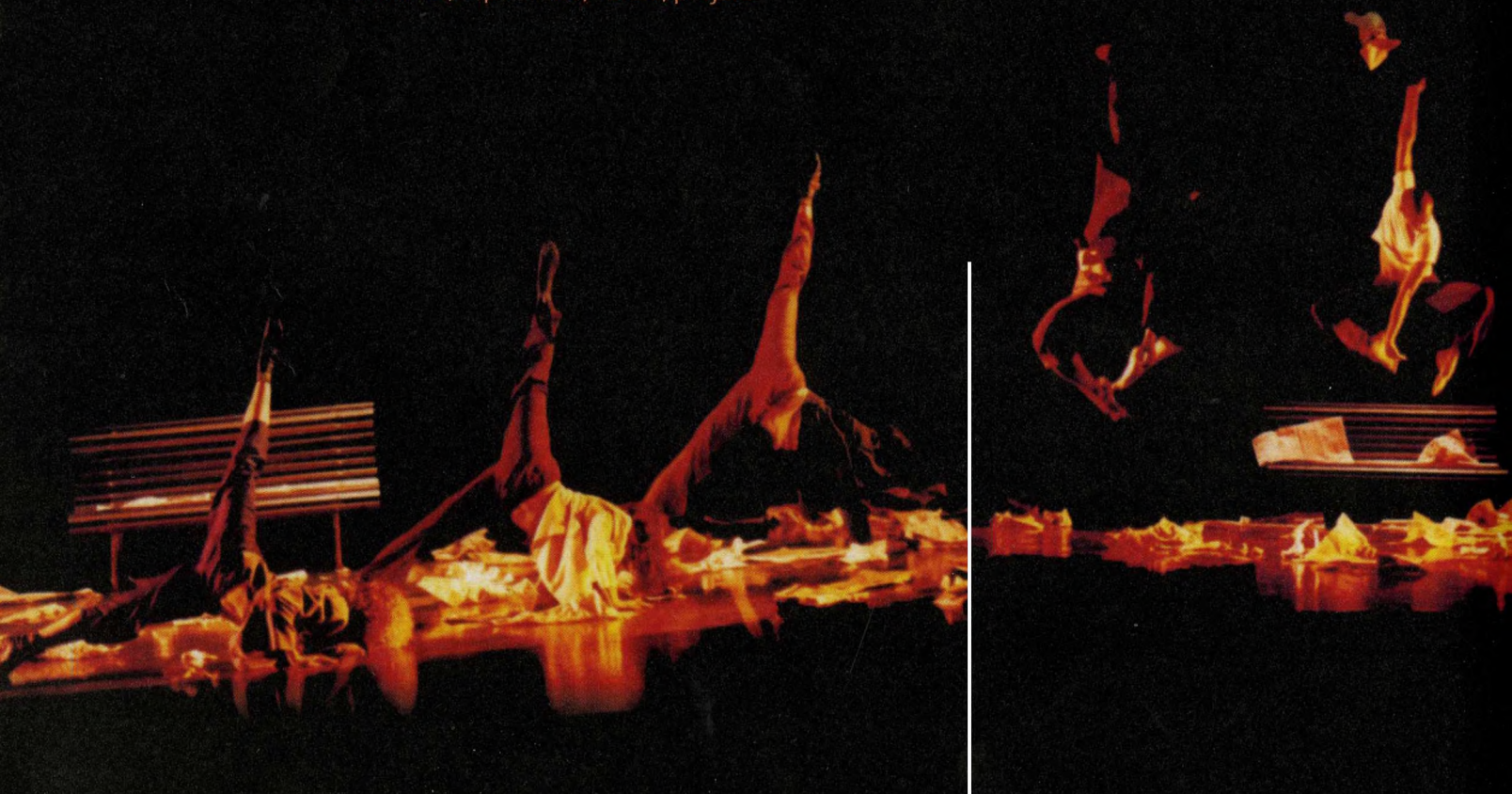
O momento, no
ato. No movimento, o passo.

A cor, o corpo, a criação, a construção.

O gesto, a possibilidade, o conflito, a imagem.

O conflito da vida se revela no corpo, a casa da vida.

A dança inspira para a vida na possibilidade expressiva
do movimento, intenso, inesgotável, infinito, que
estimula, representa, revela, projeta.



O trabalho muscular, mecânico e (in)consciente na construção da imagem que objetiva não perder a intenção do gesto improvável e nem antecipar mentalmente o seu fim, se transforma, com a inspiração, para que a emoção se torne viva.

Surge, então, o encantamento e o belo na incoerência harmônica que se revela no movimento, no tempo do corpo, louco, solto, torto, com fôlego, um sopro, o porto.



A música

dá o ritmo à respiração, conduz a inspiração, traz a contribuição para infinitas descobertas, e aí se dá a revelação do criativo inesgotável da dança. Poesia revelada através do corpo e absorvida através da alma. Linguagem de sentidos e sentimentos. Fala de visão e imaginação que se sente. Intenção de falar, razão: dançar.





O **Balé da Cidade de Natal** é composto por 16 bailarinos profissionais, contratados pela Prefeitura Municipal do Natal através do concurso público realizado em julho de 2002.

Já em seu primeiro ano de vida, recebeu prêmios de reconhecimento local e nacional. Em 2003 ganhou o prêmio de melhor bailarino (Alexandro Rocha) e melhor bailarina (Bianca Dore) do ano, Prêmio Dorian Gray. Em 2004 ganhou o segundo lugar do 22º Festival de Dança de Joinville na categoria Duo-Contemporâneo (Francis Júnior e Alexandro Rocha).

Ainda em 2004, o Balé realiza o espetáculo *Trinta*, em comemoração aos trinta anos do Ballet Municipal do Natal. Neste espetáculo, apresenta a coreografia *O uirapurú* de Roosevelt Pimenta, releitura de Anízia Marques, cuja montagem original foi realizada há trinta anos quando foi fundado o Ballet Municipal do Natal. Em 2005 realiza o espetáculo *Não estamos sós com verdadeiro* sucesso de público e fez, através da Fundação Cultural Capitania das Artes, parceria com a Secretaria Municipal de Educação levando a dança para as escolas da rede municipal de ensino.

Hoje oficializado como Balé da Cidade de Natal, a companhia espera o reconhecimento de nossa cidade e dá continuidade a um trabalho valioso, aprimorando e enriquecendo cada vez mais a dança brasileira. O Balé da Cidade de Natal tem direção artística de Anízia Marques.

Giovanna Araújo, 30 anos, dos quais 23 dedicados à dança. Bióloga formada pela UFRN e mestranda em psicobiologia. Bailarina formada em ballet clássico pelo Ballet Municipal do Natal de onde partiu para fazer parte de companhias profissionais de dança contemporânea como o Acauã, a Corpovivo e a Duncan Companhia de Dança. Integrante do seletor elenco do Balé da Cidade de Natal, através de concurso público, onde está há dois anos e meio. Integra como bailarina o elenco do espetáculo *Um presente de Natal* desde sua origem, assim como o elenco do espetáculo *Auto de Natal* há três anos.

Décio Peixoto Recifense radicado em Natal desde 1980. Décio Peixoto é Repórter Fotográfico graduado em Jornalismo pela UFRN, com atuação destacada na documentação da Dança em Natal há mais de 10 anos. Em 1997, recebeu o prêmio II CORDE de jornalismo na categoria de melhor fotografia do ano. Participou de exposições coletivas nos estados do RN, PB, RJ, BA, SP.

FESTIVAL DE CINEMA DE NATAL COMEMORA 15 ANOS DE REALIZAÇÃO

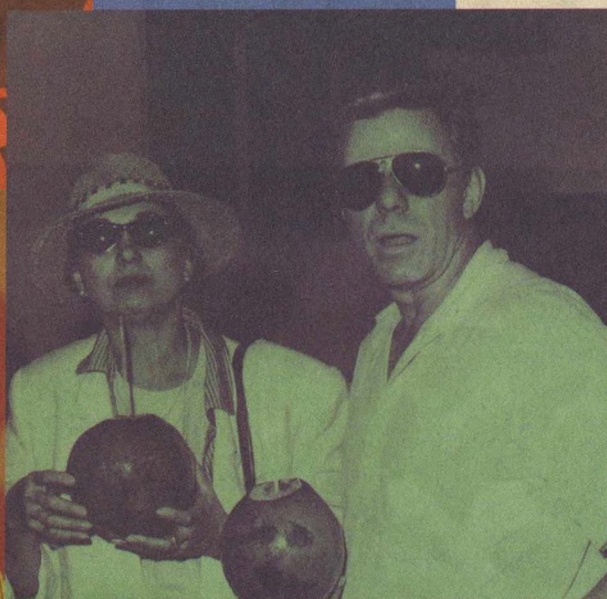
Trajétória do FESTNATAL acompanhou
transformações do audiovisual contemporâneo

Texto
Jóis Alberto

Fotos
Arquivo do Festival



FESTNATAL



O FestNatal - Festival de Cinema de Natal, que completa 15 anos de realização em 2005, está programado para 1º a 12 de dezembro, às vésperas do ciclo natalino e em plena temporada da alta estação turística. Um dos mais importantes eventos culturais da cidade, considerado o mais antigo festival de cinema do Nordeste em continuidade e o quarto festival mais antigo do Brasil o 15º FestNatal voltou a ser realizado no Centro de Convenções, na Via Costeira, com muitos motivos para comemorar. Um deles é a boa fase pela qual passa atualmente o cinema brasileiro. Outro bom motivo é o reconhecimento da importância do evento, que, regra geral, tem ocorrido ao longo desses anos, com participação do público e boa repercussão na mídia. O 15º festival é promovido pela Prefeitura Municipal de Natal/Fundação Capitania das Artes, com patrocínio de empresas privadas e públicas, através de leis de incentivo à cultura nas esferas municipal, estadual e federal, além de premiação em dinheiro do BNB, no valor total de R\$ 15 mil, dos quais R\$ 10 mil para o melhor longa metragem da mostra competitiva e R\$ 5 mil para o melhor filme da 1ª Mostra do Curta Nordestino. Mas houve períodos em que o FestNatal enfrentou uma série de dificuldades para ser realizado, desde a falta de um maior número de salas de cinemas na cidade à questão do patrocínio público e privado.

Em 1987, quando ocorreu a primeira edição do festival, premiando como melhor filme *Ele, o boto*, e melhor diretor Walter Lima Jr, a cidade só contava com três ou quatro cinemas, dentre os quais os dois melhores, o Rio Grande, dos anos 40 e o Nordeste, dos anos 50, já estavam em franca decadência: os projetores há muito estavam ultrapassados, e as salas não ofereciam o conforto necessário. A única alternativa era o auditório-cinema do Centro de Convenções, que todavia até então não possuía projetor. "A falta de cinemas em Natal foi o problema crônico para o festival. O primeiro foi realizado no Centro de Convenções, pois as salas de exibição não ofereciam

condições técnicas e sonoras exigidas pelos festivais oficiais". Vale lembrar que os projetores do Centro de Convenções, importados da Itália, foram comprados com a verba do Festival de Cinema: 50% do orçamento, disponibilizado pela Secretaria Estadual de Indústria, Comércio e Turismo, foi investido na compra e instalação do equipamento", comenta o idealizador e coordenador geral do FestNatal, jornalista Valério Marinho de Andrade.

Depois que as primeiras versões do FestNatal foram realizadas no cine- auditório do Centro de Convenções, o evento passou pelas salas dos antigos cines Rio Verde 1 e 2, e por último, em 2004, numa das salas de cinema do Natal Shopping Center. Nesse sentido, vale registrar que infelizmente os cinéfilos e demais fãs da sétima arte em Natal tiveram duas notícias tristes no mercado exibidor local, em 2005: a primeira foi a morte de Moacir Maia, engenheiro, empresário e um dos mais antigos exibidores de cinema do Rio Grande do Norte, proprietário dos cines Rio Grande e Rio Verde. Poucas semanas depois, veio outra notícia lamentada por muitos: o fechamento das duas salas que o tradicional Grupo Severiano Ribeiro, há mais de 10 anos mantinha no Natal Shopping Center. A exemplo dos dois cines Rio Verde, no centro da cidade, os do Natal Shopping não conseguiram segurar a concorrência com o multiplex, que tem sete salas e é mantido pelo grupo Moviecom, no Praia Shopping, em Ponta Negra. Mas a perspectiva é de que as coisas vão melhorar nessa área até o primeiro semestre de 2006, quando já deverão estar funcionando o multiplex do Midway Mall, em Lagoa Nova, que está sendo construído pelo grupo internacional Cinemark, um dos maiores do mundo; e o multiplex do shopping Orla Sul, em Capim Macio.

MERCADO EXIBIDOR

Na realidade, as mudanças nas concepções de salas de cinema têm ocorrido, desde o início, em 1896, quando foi inaugurada a primeira sala de cinema do país, localizada no Rio de Janeiro, por Paschoal Segretto. Mais ou menos nessa época, entre 1897 e 1898, foram

registradas as primeiras imagens de cinema no Brasil, inicialmente filmadas por Cunha Salles e depois por Paschoal Segretto, também no Rio. A partir de 1907, os cinemas passaram a ocupar prédios próprios nas principais cidades do Brasil. No Rio Grande do Norte, a primeira sala surgiu em Natal. Segundo Luís da Câmara Cascudo, no livro *História da cidade do Natal* (Civilização Brasileira, 1980), a cidade ganhou em 1911 o primeiro cinema, o Politeama, localizado na Praça Augusto Severo, Ribeira. O nome foi escolhido por eleição popular pelas páginas d' *A República*.

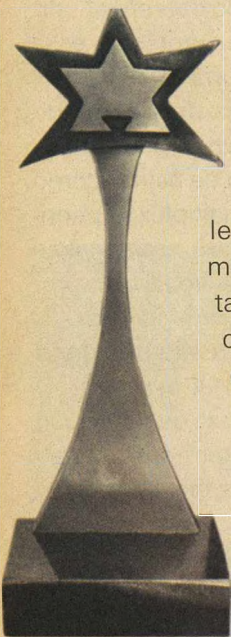
Entre as décadas de 20 e 50 foram construídos imensos e luxuosos cinemas, cuja arquitetura já estava associada à concepção dos filmes produzidos nos estúdios de Hollywood, que desde então domina o mercado exibidor brasileiro. Na década de 60, a expansão da TV acelerou o declínio desses templos de ilusão. Muitos foram demolidos, principalmente nos anos 70 e 80, dando lugar a outros estabelecimentos comerciais, como lojas de departamento, estacionamentos, igrejas evangélicas. Nos anos 90, se consolidaram duas tendências: a de salas menores, simples e funcionais, que atraem os espectadores, não mais pelo luxo das instalações, mas somente pelo filme em cartaz; e a dos multiplex nos shoppings centers, que prossegue atualmente em expansão, como é exemplo a praça local. A primeira tendência chegou a Natal no final dos anos 80 e início dos 90, com os cines Rio Verde 1 e 2, no centro da cidade; e as duas salas do Natal Shopping Center. O primeiro multiplex de Natal chegou em 2003, quando as sete novas salas do Moviecom começaram a funcionar no Praia Shopping.

A exemplo das demais cidades do Brasil, onde historicamente as salas de exibição, na maioria, sempre foram monopolizadas pela indústria cinematográfica americana, aqui o evento, desde o início, também enfrentou obstáculos, já que "nenhum exibidor, local ou de fora, quis fazer parceria com o festival". Nesse sentido, Valério explica que, para utilizar as salas do circuito comercial, é necessário atender o cálculo de renda média de bilheteria estipulado pelo dono do cinema. "Ou seja: para promover o

cinema brasileiro, o FestNatal era obrigado a pagar o equivalente à renda de um filme americano de apelo comercial", diz ele, acrescentando não crer que essa imposição comercial sofra substanciais alterações com as salas de cinema do multiplex. Ou seja, tanto no velho conceito de cinemas de rua ou de bairro, como na atual tendência de multiplex, a prioridade das distribuidoras estrangeiras sempre foi, e continuará sendo, as produções de seus respectivos países. "E, no caso brasileiro, o mercado exibidor é dominado pelo cinema americano. O cinema brasileiro é prisioneiro de Hollywood dentro do seu próprio território. Anualmente, dezenas de fitas brasileiras não conseguem exibição a nível nacional. Cerca de 90% dos apresentados nos 18 anos de existência do festival não foram exibidos no circuito comercial natalense".

Além das dificuldades com o local de exibição, outro grande obstáculo enfrentado pelo festival ao longo desses anos é o de se conseguir renovar anualmente o patrocínio público e privado. "O grande problema do FestNatal tem sido a questão do efetivo e permanente apoio local. Salvo nos primeiros anos, quando foi realizado pelo Governo Estadual, na administração de Geraldo Melo, a participação estadual e municipal tornou-se episódica e limitada. E, em alguns anos, foi realizado sem qualquer apoio do Governo e da Prefeitura", comenta Valério. Por causa desse problema, o festival, que em 2005 era para estar comemorando 18 anos, não o fará, porque em três edições o evento teve de ser adiado. "Por ter sido experiências traumáticas, prefiro esquecer os três anos em que o FestNatal saiu das marquises da cidade", diz o idealizador do festival. "Creio, porém, que isso não voltará a ocorrer pelo menos durante os quatro anos da administração do Prefeito Carlos Eduardo. É do domínio público a inclusão do Festival no calendário cultural e turístico da Prefeitura do Natal, como também, o empenho pessoal de Carlos Eduardo em resgatar a popularidade dos primeiros anos e transformá-lo na Gramado do Sol", enfatiza, confiante.

HISTÓRIA DO FESTIVAL



A história desses 15 anos do FestNatal está diretamente relacionada à própria história do cinema brasileiro nessa década e meia. Está relacionada também com os ciclos de êxitos e insucessos da sétima arte nacional, uma das mais antigas cinematografias do mundo, reconhecida uma das mais profissionais e premiadas dentre as dos países em desenvolvimento.

“A pesquisa do cinema brasileiro dos anos 30 até 2000, demonstra que o nosso cinema faz o percurso do carrinho da montanha russa. Vive periódicos ciclos de altos e baixos. Felizmente, nos últimos anos o cinema brasileiro está no topo da montanha. Essa fase positiva reflete de duas maneiras nos festivais de cinema, na medida em que oferece filmes de bom nível artístico, e, como o sucesso atrai o sucesso, mais gente vai vê-los nos festivais”, opina o coordenador geral do festival.

Após a bem sucedida primeira edição do evento, o êxito se repetiu nos dois anos seguintes, o que levava a crer que o festival, dali por diante, seria realizado sem enfrentar maiores dificuldades. No entanto, em 1990 o FestNatal passou por sua primeira grande turbulência, quando o Governo Estadual e a Prefeitura retiraram o apoio. Nesse mesmo ano a indústria cinematográfica brasileira sofreu um duro golpe: a extinção da Embrafilme, estatal que financiava os filmes nacionais, fechada pelo governo Collor. A consequência dessa drástica medida governamental foi a queda vertiginosa no número de filmes brasileiros produzidos anualmente, na primeira metade dos anos 90. Diante desse qua-

dro, parecia impossível que o FestNatal e outros festivais sobrevivessem, mas o evento sobreviveu, graças à perseverança e experiência do veterano jornalista e crítico de cinema, Valério de Andrade, e principalmente graças ao apoio de um grupo de amigos do FestNatal no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Na realidade, a extinção da Embrafilme não era um fato isolado e estava dentro do contexto de implantação do neoliberalismo no Brasil, ideologia que defende a redução da presença do Estado na economia, o que no Brasil e em outros países se deu através de privatizações de algumas das principais empresas estatais. Com as mudanças nas leis de financiamento público e privado do cinema brasileiro, após o advento da lei do audiovisual, em 1994, somente a partir de 1995 a indústria cinematográfica nacional entrou num novo ciclo de êxitos, um dos mais duradouros e que prossegue até hoje.

Tornou-se consensual, entre os críticos de cinema e imprensa especializada, citar o filme Carlota Joaquina de Carla Camuratti, em 1995, como o marco dessa retomada do cinema brasileiro. Lançado num esquema individualizado de distribuição, em que a própria Carla Camuratti ia de cidade em cidade exibindo o filme, a fita, com ajuda de uma boa repercussão na imprensa, conseguiu atrair um grande público, superior a um milhão de espectadores. Foi um verdadeiro fenômeno, se comparado à era da política de terra arrasada e herança maldita deixada por Collor. Depois vieram dezenas de outros filmes, a produção manteve um ritmo anual de crescimento e a Riofilme passou a ocupar o lugar da Embrafilme na distribuição. “A Riofilme é hoje a maior distribuidora de filmes brasileiros. Foi criada pela Prefeitura do Rio de Janeiro e ocupou, no campo da exibição, o lugar da Embrafilme. A empresa está presente em todos os festivais. No natalense, em reconhecimento ao caráter eminentemente cultural do FestNatal, essa colaboração transformou-se em apoio”, explica Valério.

Em 1999, quando a pior fase do cinema nacional já havia passado, foi realizado o 10º FestNatal, num clima de grande festa, pois naquele ano foram comemorados os 400 anos da cidade do Natal. O FestNatal prosseguiu em 2000 e 2001, mas em 2002, após doze anos de edições consecutivas, o público de Natal não teve seu festival de cinema, por falta de recursos. O FestNatal 2003, diferente de suas edições anteriores, foi realizado em etapas. A primeira de vídeos potiguares, a segunda etapa com curtas nacionais e, por fim, uma mostra de documentários em longa-metragem. O FestNatal 2004, que tem uma estrutura parecida com a edição de 2005, teve tapete vermelho e muitas performances em sua cerimônia de encerramento, no Teatro Alberto Maranhão. O longa-metragem “Contra Todos”, primeiro filme do diretor Roberto Moreira, foi o vencedor, levando para para casa o troféu Estrela do Mar de Melhor Filme e ainda R\$ 10 mil em dinheiro oferecidos pelo Prêmio Banco do Nordeste de Cinema. O Estrela do Mar de Melhor Diretor ficou com o catarinense Sylvio Back por “Lost Zweig”.

VISITA AO PROJAC

A co-produção de filmes por estúdios de cinema e de TV é uma das tendências atuais na indústria cinematográfica de vários países. Enquanto nos Estados Unidos e países europeus essa parceria vem sendo realizada há décadas, no Brasil somente de uns 10 anos para cá é que ela começou de fato e, desde então, vem se consolidando. Hoje, a Rede Globo de TV, com a Globo Filmes, é o exemplo mais bem sucedido dessa união no Brasil. O Projac, estúdios da Globo no Rio de Janeiro, é um centro de produção audiovisual comparável aos maiores estúdios de televisão do mundo. Foi nesse cenário que o Prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves, o Presidente da Capitania das Artes, Dácio Galvão, o jornalista Valério de Andrade, e o secretário municipal de Turismo, Fenando Bezerril, fizeram uma visita ao Projac no final de setembro passado.

Ao longo desses 15 anos, o FestNatal, desde as suas primeiras edições, foi prestigiado com a presença de nomes importantes do cinema brasileiro, como o cineasta Cacá Diegues, os críticos de cinema Wilson Cunha e Moniz Viana, que aparece na companhia de Carlos Fonseca e Ruy Pereira da Silva; atrizes como Louise Cardoso, pelo filme "Leila Diniz", de 1987; Eva Wilma e o ator Reginaldo Farias; premiou diretores talentosos como Murilo Salles, que compareceu com o longa "Faca de dois gumes", de 1989; e cineastas inovadores como o saudoso Rogério Sganzerla (falecido em 2004), que esteve em Natal acompanhado da esposa, a atriz Helena Ignez (fotos na pág. 38) Na página 41, aparecem a atriz Ítala Nandi, o veterano e premiado Nelson Pereira dos Santos, um dos pioneiros do cinema novo; a atriz Norma Bengell; o cartaz do belo e premiado "A ostra e o vento", que participou da mostra competitiva de 1998; Sylvio Back, premiado como o melhor diretor em 2004 pelo filme "Lost Zweig"; Hugo Carvana; e o saudoso artista plástico potiguar Leopoldo Nelson, um dos nomes locais que já participaram do júri do festival. Nas páginas 42 e 43, nomes que entraram para a história do cinema brasileiro como Dercy Gonçalves e Grande Otelo imortalizados em 2005 na Galeria de Honra do FestNatal; Vanja Orico, em cena antológico do célebre "O cangaceiro", de 1953, até hoje um dos filmes brasileiros de maior bilheteria no mercado internacional.



PROGRAMAÇÃO DO 15º FESTNATAL

Estão programados para a mostra competitiva do 15º FestNatal sete filmes de longa metragem, que concorrem ao Troféu Estrela do Mar. Também haverá uma pré-estréia oficial, com um longa-metragem fora de competição. Criado por um dos mais renomados artistas plásticos de Natal, Dorian Gray Caldas, o Troféu Estrela do Mar será entregue a 14 categorias de longa-metragem, duas categorias de curta-metragem, ficção e não ficção, e para o vídeo potiguar em documentário.

A mostra Vidas na Tela, um sucesso em 2004, está mantida nesta edição, com sete documentários em longa-metragem. Uma das novidades deste ano será o Cinema na Praça, montado na praça de lazer do Centro Cultural Chico Miséria, na Zona Norte de Natal, com exibição de filmes brasileiros ao ar livre, seguidos de shows com artistas locais.

1ª MOSTRA DE CURTAS

Essa 15ª edição marca a estréia do Prêmio BNB de Cinema para Curta Metragem, dentro da 1ª Mostra de Curtas do Nordeste, evento que faz parte da programação oficial do FestNatal e aconteceu de 29 a 30 de novembro, no Teatro Sandoval Wanderley. Na Mostra, os realizadores nordestinos têm a oportunidade de exibir seus trabalhos em curta-metragem, com a merecida valorização através do prêmio oferecido pelo Banco do Nordeste, no valor de R\$ 5 mil. "Ao participar de vários festivais no Sul e Sudeste do País, notei a dificuldade que as produções nordestinas tinham para estar nesses eventos. A idéia da criação de uma mostra regional surgiu daí, com o intuito de dar espaço a estas produções", diz Valério de Andrade.

Este é o segundo ano em que o Banco do Nordeste participa com premiação. No ano passado, o prêmio foi de R\$ 5 mil para o Melhor Vídeo Potiguar, e também R\$ 10 mil para o Melhor Longa-metragem da mostra competitiva. Quem

levou foi o filme *Contra todos*. Este ano o BNB volta a patrocinar a mostra competitiva de longas, com prêmio de R\$ 10 mil para o Melhor Filme.

5º FESTIVAL DO VÍDEO POTIGUAR

O 5º Festival do Vídeo Potiguar, realizado em 29 e 30 de setembro passado, no auditório da Capitania das Artes, abriu a primeira etapa do 15º FestNatal. Ao todo, o evento contou com 52 vídeos (documentários e de ficção) produzidos no Rio Grande do Norte, um novo recorde em relação às edições anteriores. Os vencedores do 5º Festival foram premiados com um total de R\$ 7 mil, patrocinado pelo Círculo de Arte do Nordeste. Os documentários *Sangue suor e lágrimas*, dirigido por Edson Soares, e de *Do lodo ao lótus*, direção de Marcelo Buainain, foram os curta-metragens escolhidos pelo júri oficial. Pelo júri popular, foram escolhidos vencedores, na categoria melhor documentário o curta *Xexéu- Um poeta potiguar*, dirigido por Teresinha Lissier e Anália Cristina; e melhor ficção, *Luzes da Idade*, direção de Jairo Vieira.

INSTALADA A GALERIA DE HONRA

Homenagear os artistas que ajudaram a construir o cinema nacional. Esse é o grande objetivo da Galeria de Honra do FestNatal, inaugurada em 29 de setembro, na Capitania das Artes, onde na mesma ocasião foi realizada solenidade para colocar numa das paredes, uma placa in memoriam a Grande Otelo (1915-1993), o primeiro ator a ser outorgado pelo Prêmio Tributo, no FestNatal de 1987. Em outubro, foi a vez da atriz Dercy Gonçalves ser homenageada pelo FestNatal e ter seu nome incluído em placa da Galeria de Honra.

PROGRAMAÇÃO PARALELA

Memória Sertão, com fotos das paisagens e costumes do sertão, é o título da exposição da fotógrafa e produtora cultural Candinha Bezerra. A mostra, acon-

tece na Galeria da Fundação Capitania das Artes, que também é o local da exposição de cartazes do FestNatal, ambas no período do festival.

O lançamento do CD *Poemúsica*, com coreografia do Balé da Cidade de Natal, integra também a programação cultural do festival. A programação incluiu este ano debates sobre cinema e literatura, com críticos locais de cinema como os escritores Anchieta Fernandes, Bené Chaves e Francisco Sobreira e os produtores Josenilton Tavares e Edson Soares. Outro ponto alto da programação é o lançamen-



to do livro *Em sonhos navegando*, do pesquisador Cláudio Galvão.

INCENTIVOS À PRODUÇÃO LOCAL

Em 1987, quando da primeira edição do FestNatal, o Rio Grande do Norte já contava com um longa metragem totalmente produzido e rodado aqui: *Boi de prata*, de Augusto Ribeiro Júnior. A fita acabou entrando na programação do festival.

For All, filmado em Natal, embora seja uma produção nacional, é um bom exemplo de que a cidade reúne condições

climáticas e técnicas para a produção de filmes, não só de curta ou média metragens. "O projeto *For All* nasceu numa mesa do restaurante Cuxá, no FestNatal de 1987, quando, pela primeira vez, o cineasta Luís Carlos Lacerda ouviu testemunhos da presença americana em Natal durante a 2ª Guerra Mundial", diz Valério, para quem a produção crescente do vídeo potiguar de curta-metragem assinala o começo de um pólo cinematográfico no Rio Grande do Norte, como os existentes em Pernambuco e no Ceará.

"A Prefeitura do Natal, sob a adminis-

Nesta 15ª edição, foram programadas oficinas e seminários sobre a produção de audiovisual abordando, temas como o ator e a câmera, o roteiro cinematográfico e a câmera de cinema e de vídeo este último com o documentarista Carlos Tourinho.

VANJA ORICO, ESTRELA DO CICLO DO CANGAÇO

Atriz que foi destaque no papel de Maria Bonita em *O cangaceiro*, filme considerado o primeiro êxito internacional do cinema brasileiro, Vanja Orico está no documentário *Vanja vai, Vanja vem*, uma

inaugurou no cinema nacional um filão conhecido como o 'Ciclo do Cangaço'. Destaque do filme no papel de Maria Bonita, Vanja Orico despontou como uma das musas do gênero.

HOMENAGEM AOS OPERÁRIOS DO CINEMA

A partir deste ano, o FestNatal abre espaço para os técnicos que nunca surgem diante das câmeras. São montadores, maquiadores, figurinistas, técnicos em iluminação, um grande número de trabalhadores de uma indústria que funciona principalmente graças a esse



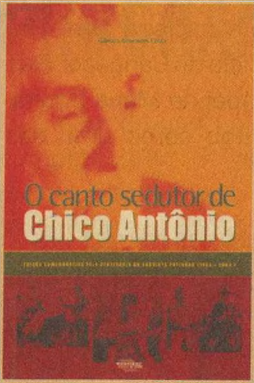
tração de Carlos Eduardo Alves, somou esforços através do FestNatal para que surja uma cinematografia norte-riograndense. Esperamos que este pólo reproduza as imagens da criatividade do artista potiguar na tela cinematográfica", opina ele. "O Festival de Vídeo Potiguar foi criado pela direção do FestNatal para promover e divulgar, inclusive na mídia, o curta-metragem estadual. Creio ser positivo, sob todos os aspectos, o intercâmbio anual proporcionado pelo Festival entre artistas locais e a classe cinematográfica de outros Estados".

das atrações da programação da mostra Vidas na Tela do 15º FestNatal, de 1º a 12 de dezembro. Dirigido por Luís Carlos Prestes Filho, o documentário será apresentado pela primeira vez em um festival de cinema.

Vanja tornou-se conhecida em filmes como *Jesuíno Brillhante*, *o cangaceiro*, *Lampião*, *o rei do cangaço*, e o clássico de 1953 *O cangaceiro*, que lhe rendeu projeção também internacional, prêmio de melhor filme de aventura do Festival de Cannes. O sucesso internacional de *O cangaceiro* de Lima Barreto, foi quem de fato

esforço coletivo. Nesta 15ª edição, haverá uma homenagem inédita a esses incansáveis profissionais da sétima arte. Para isso, conta com apoio do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual. Os nomes indicados pela presidência do sindicato são o da maquiadora Josephina de Oliveira, de 82 anos, dos quais 45 anos na profissão, e do iluminador Adilson Alves, de 64, também com mais de 40 anos de bagagem. Ambos virão a Natal receber o prêmio em nome de toda a classe.

**RECONSTRUINDO
CHICO ANTÔNIO**



O canto sedutor de Chico Antônio
Gilmara Benevides
EDUFRN, 144 páginas

Ensaio biográfico sobre Chico Antônio, o coquista que se tornou objeto de estudo de Mário de Andrade, durante a passagem do escritor pelo Rio Grande do Norte, em 1929. Alçado a celebridade depois da visita do poeta paulistano, Chico Antônio passou quase 50 anos no anonimato, até ser localizado por Deffilo Gurgel no final da década de 70. A historiadora Gilmara Benevides refaz os passos de Chico Antônio, do seu nascimento até o melancólico fim, em 1993. Gilmara busca compreender os motivos que levaram ao esquecimento da contribuição do coquista, mostra como se deu essa redescoberta e vai além da morte do artista. A pesquisadora volta seu olhar à terra natal do cantor, Pedro Velho, e a convivência do local com a memória do artista. Tenta, assim, identificar as estratégias da comunidade para a perpetuação e compreensão da obra de Chico Antônio e da cultura popular da região.

**FACES DE
PALMYRA**



**Neblina na Vidraça:
Relembrando Palmyra Wanderley**
Anna Maria Cascudo Barreto
Edição da Autora, 144 páginas

A imortal Anna Maria Cascudo Barreto resgata do limbo, neste volume, a poeta Palmyra Wanderley. Palmyra era figura fácil nos salões natalenses nas primeiras décadas do século XX, tendo sido membro-fundadora da Academia Norte-rio-grandense de Letras e escolhido Auta de Souza como patrona da cadeira nº 20. No livro, Anna Maria costura depoimentos e oferece um retrato multifacetado de Palmyra Wanderley, desde sua atuação na imprensa (em publicações pioneiras, como a revista *Via-Láctea*), a vida familiar (incluindo o trágico episódio do noivado com Moysés Soares de Araújo), o final, pobre e solitário em 1978, aos 84 anos, e, enfim, sua obra poética. O caráter oficialesco que revestiu a poesia de Palmyra talvez sirva de explicação para o esquecimento de sua obra pelos leitores de hoje. *Neblina na vidraça* tenta dirimir essa dívida, apresentando uma pequena antologia sugerida pela própria Palmyra, num bilhete a Câmara Cascudo.

LETRA

ALEX DE SOUZA

**ESTUDOS
CULTURAIS**



**Espaço, Cultura
e Representação**
Márcio Moraes Valença e
Maria Helena Braga e Vaz da Costa
(organizadores)
EDUFRN, 264 páginas

O Espaço, Cultura e Representação traz uma seleção de estudos culturais realizada pelos professores da UFRN Márcio Moraes Valença e Maria Helena Braga e Vaz da Costa. A publicação mostra o prestígio da nossa universidade, contando com a colaboração de pesquisadores de diferentes instituições do país e de Portugal. Entre os 15 ensaios, sete foram produzidos por professores radicados aqui no estado. Mesmo que alguns textos sejam um tanto quanto indigestos para um leitor mediano, é possível fazer um passeio interessante por diferentes áreas do conhecimento humano, como a arquitetura, a educação, a literatura, o cinema, a geografia, a história e por aí vai. Os estudos culturais são uma tendência acadêmica que vem ganhando força nos últimos anos. A UFRN enriquece o debate na área com esta publicação.

**REVOLTA
ARTAUDIANA**



**Antonin Artaud –
A revolta de um anjo terrível**
Alex Galeno
Editora Sulina, 206 páginas

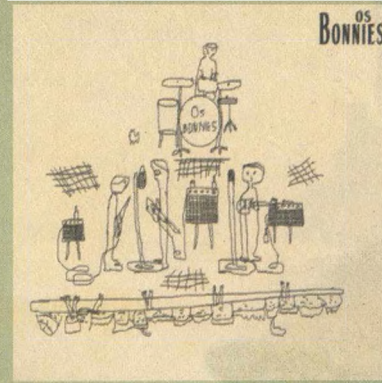
O professor Alex Galeno, do programa de pós-graduação de Ciências Sociais da UFRN, apresenta uma interessante análise da vida e obra do dramaturgo francês Antonin Artaud. O livro foi escrito a partir da tese de doutorado defendida pelo autor na PUC-SP e foca vida e obra do escritor francês tendo como base a revolta, motor da obra artaudiana. Para tanto, Galeno apóia sua narrativa em cinco eixos temáticos. Começa pelas idéias mais caras a Artaud, que formariam o arcabouço de seu pensamento. Em seguida, fala da relação dele com o teatro. O terceiro aspecto abordado são as peregrinações de Artaud pelo mundo. O quinto, e mais interessante, fala da opção dele em se expressar por meio de cartas, quando passou seus últimos anos em sanatórios, sofrendo os rigores dos tratamentos psiquiátricos da época. Galeno remete cartas a Artaud, nas quais faz leituras originais do pensamento do francês. Para fechar, um breve resumo biográfico.



NA HORA CERTA

Bom sinal
Manoca Barreto
 Mudernage Diskos

Dizem que a boa fruta deve ser colhida quando madura. Talvez tenha sido esse o pensamento do guitarrista potiguar Manoca Barreto quando, após uma longa estrada como instrumentista e mestre de guitarra elétrica, decidiu lançar *Bom sinal*, seu primeiro disco. Habilidade, conhecedor de melodiosas harmonias jazzísticas, traz nessa obra peças instrumentais de sua autoria com o sabor particular de quem fez juramento de amor eterno ao gênero. O trabalho de Manoca pode (e deve) ser ouvido no mais requintado reduto de jazz. Com bom gosto, delicadeza e extrema técnica, serve dez bem arranjadas faixas que, se não atender ao ouvinte mais exigente, não deixa dúvida sobre a qualidade de um trabalho que teve o "auxílio luxuoso" de talentos como Primata (baixo), Eduardo Taufic (teclados), Di Steffano e Fernando Suassuna (bateria), entre outras "feras" da música local. Bom sinal para nós.



ROCK 'N' ROLL GENUÍNO

Os Bonnies
Os Bonnies
 Mudernage Diskos

Nunca o Cavern Club e os pubs de Hamburgo do final dos anos 60 estiveram tão perto de nós. Os Bonnies reproduzem de modo impressionante o clima sonoro que, embora geograficamente distante, toca fundo nas entranhas. Puro rock 'n roll com pouco mais de três acordes. Arthur Ricardo (guitarra e voz), Thiago "Tijolão" Araújo (guitarra e voz), Olavo Luiz (baixo e voz) e Rafael Barros (bateria) estão na casa dos 20 anos de idade e com muita energia para recriar um gênero vital na história musical do século 20. O grande trunfo deste disco é apresentar em estúdio a mesma atmosfera de suas exibições ao vivo, o que pôde ser atestado no último Festival Mada. São apenas sete faixas, com destaque para a visceral (e apaixonal) *Não toque na minha Beibe*, a dançante *Cinema*, a anárquica *Sem noção instrumental*. Essa garotada ainda vai dar o que falar.

MÚSICA

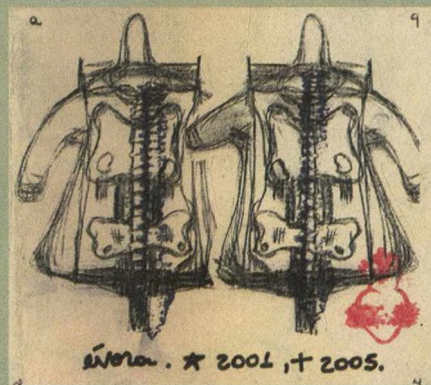
MOISÉS DE LIMA



CÚMPLICE ELETRÔNICO

Histórias e Canções de ninar
Macaco
 Independente

Programação eletrônica e uma boa dose de criatividade. Receita suficiente para o dentista e produtor Alexandre Gurgel se transformar no DJ Macacco e apresentar uma proposta que adiciona a batida programada, as vozes de Simona Talma, Itérbio e Paulo Souto (da banda Dusouto) e do poeta Carlos Gurgel, que assina quatro faixas em *Histórias e canções de ninar*, e a mixagem feita pelo músico Gabriel Souto. Apesar de muitos torcerem o nariz quando o assunto é "som de DJ", Macacco mostra uma opção interessante, uma cumplicidade eletrônica com artistas locais, simbiose que vem sendo apoiada por figuras-chave na produção alternativa, como é o caso do produtor Vlamir Cruz. Alexandre Gurgel encontra aí o caminho aberto para uma criação local antenada com as novíssimas tendências da música contemporânea.



EXPERIMENTO OUSADO

Évora
 ★ 2001 + 2005
 Independente

O que propõe a já extinta banda Évora em seu disco póstumo-homônimo? A resposta está na cabeça do artista plástico, poeta e músico Marcelo Gandhi, que, ao lado do parceiro Dallys Robson, criou um som propositadamente "sujo", misturando o eletrônico a outros elementos que remetem ao punk, new wave oitentista e a um dos mais ousados experimentalismos que se tem notícia dentro da música potiguar. A dupla brinca com efeitos, vozes reverberadas e sobretudo com palavras traduzindo impressões sobre o sentido do cotidiano. Sem qualquer pretensão comercial, o Évora dá seu recado e impressiona pela ousadia de rotular o disco como o "uma demo de trinta canções", algo nunca observado dentro da indústria fonográfica. Gandhi e Dallys propuseram sua peça, concepção musical que pode desagradar pelo radicalismo, mas que impressiona pela fertilidade de idéias bem conjugadas.



PEGA DE BOI NO



MATO



Texto
Rafael Duarte

Fotos
Argemiro Lima

Está para nascer na cidade um museu do tempo em que mulher de perna aberta ainda perdia a virgindade. Nos limites das zonas rurais de São José de Mipibu e Nísia Floresta, a idéia pode vingar um rebento a qualquer proposta de patrocínio. Mas, definitivamente, não vem sendo uma tarefa das mais fáceis.

O sonho de transformar um pedaço dos 320 hectares da fazenda Bonfim, localizada acerca de 80 quilômetros de Natal, num autêntico museu do vaqueiro vem deixando o agrônomo e empresário Marcos Fernandes Lopes, 47, com as rédeas nas mãos.



Peças de vestimentas e acessórios usados pelos vaqueiros integram o acervo do empresário e agrônomo Marcos Lopes (acima) que pretende criar um museu em sua fazenda em São José de Mipibu.



Nem a aprovação do projeto, em 2002, junto ao Governo do Estado através da lei Câmara Cascudo de incentivo à cultura, foi suficiente para atrair os recursos. “O projeto foi aceito, as empresas teriam incentivo, mas ninguém se interessou. É uma pena porque se trata do resgate da cultura do sertanejo do nosso estado, da cultura local. Mas o Carnatal interessa mais ao bolso dos empresários daqui”, desabafa.

A proposta de Lopes é trazer para perto da capital a porção sertaneja do interior do estado. A casa-grande da fazenda Poço Verde, que pertenceu à família de sua mãe em Angicos, e onde ocorreram inúmeras pegas de bois (expressão cunhada no final do século XIX e que deu origem ao nome vaquejada) entre os peões da região, seria reconstruída na fazenda Bonfim. A obra está orçada em R\$ 700 mil.

Várias peças de vestimentas e acessórios usados na época pelos vaqueiros da região fazem parte hoje do grande acervo de Lopes, guardado num galpão construído na fazenda Bonfim, que se constitui hoje no embrião do museu do vaqueiro. “Construí isso aqui para guardar as peças. Acho que tenho mais de 50

entre acessórios e roupas. Além das que eu trouxe da fazenda Poço Verde, tenho outras doadas por amigos que sabem desse meu desejo de construir o museu e se sensibilizaram. Mas a estrutura saiu do meu bolso mesmo”, conta, sem revelar o valor gasto na obra rústica.

Embora o museu ainda não tenha saído do papel, os objetos antigos ficam expostos no galpão que ganha a fantasia de fazenda iluminada do sertão quando recebe vaqueiros dos arredores e o público em geral para uma pega de boi à moda antiga.

No local, há três anos, vem sendo realizado o Forró da Lua, que já caiu no gosto dos amantes do autêntico forró pé-de-serra. O evento ocorre sempre uma vez por mês em noites de lua cheia. “Foi uma maneira que encontrei de colocar minhas idéias para frente. A primeira que realizei foi no dia 30 de novembro de 2002. Tentei criar a mesma situação daquele tempo. A gente solta os bois no mato e os vaqueiros têm que ir buscá-los. Depois é que vem a festa. Na verdade, Candinha Bezerra que deu a idéia do forró na lua cheia. Mas percebo que hoje está tão diferente que os vaqueiros ficam com medo de entrar no mato. Mas

é importante. Pouca gente sabe, mas o ciclo do couro foi o mais importante que teve no nosso estado. É uma tradição”, explica.

Lopes não tem dúvidas que o museu do vaqueiro vai contribuir para o resgate da história do sertanejo e cobra apoio das empresas do estado que se dizem valorizadoras da cultura e gastam milhões em eventos que não trazem retorno para o povo da região. “Fui na Cosern e um cara me disse que eu não poderia construir um museu particular, pois teria que ser gerido pelo poder público. Mas me diga qual o museu que o Estado toma conta que está bem cuidado? Tenho certeza que vou fazê-lo. Enquanto o apoio não chega, vou colocando recursos próprios mesmo”, afirma.

NO TEMPO DOS CORONÉIS

O Rio Grande do Norte foi o precursor da vaquejada no país. O folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo chegou a relatar uma modalidade parecida que ocorria nos idos de 1800 em Portugal e na Espanha. Mas se nesses países o peão usava uma vara de ferrão para pegar o boi, na região do seridó tal façanha era impossível devido aos terrenos falhos e a mata fechada. Assim, pesqui-



sadores afirmam que o nordestino potiguar tornou-se o primeiro vaqueiro a derubar o animal pelo rabo.

Sabia-se que no tempo dos coronéis, os animais eram marcados com ferro e criados soltos mata adentro. Depois de alguns meses, os vaqueiros eram obrigados a reunir o gado marcado. A atividade ficou conhecida como “pegas de gado”. Montados em cavalos e vestidos com seus gibões (jaquetas) de couro, os peões invadiam a mata cerrada, em busca dos bois, tentando escapar de espinhos e pontas de galhos secos, cobras, lendas e o que mais inventasse de aparecer.

O curioso é que alguns animais se reproduziam no mato, gerando filhotes selvagens, o que tornava a caçada ainda mais difícil. Da luta, alguns vaqueiros começaram a se destacar pela habilidade, e assim surgiu a idéia das disputas entre os peões.

A prática era tão forte no interior do estado, que alguns municípios guardam ainda hoje as lembranças daquele tempo. Os currais de apartação de bois, por exemplo, deram origem ao nome da cidade de Currais Novos. E das apartações surgiram as vaquejadas.

VAQUEIRO SAIU DE MODA

A moda que dita as festas de vaquejada atualmente nos parques espalhados pelos quatro cantos do Nordeste nada tem a ver com a peleja do sertanejo que se criou apumado numa vestimenta característica do traço rústico de sua região.

Aquela figura simples e ao mesmo tempo diferente para os padrões da cidade grande foi substituída durante a involução contemporânea da globalização. A classe média arrombou a porteira, mas ao contrário do sertanejo de antigamente, preferiu fazer escova no cabelo a se embrenhar pela mata atrás do boi marcado para ser o centro das atenções da festa.

Para Marcos Lopes, a cultura do nordeste, e em especial do RN, foi a principal vítima dessa nova manifestação. Segundo ele, a vaquejada acabou substituída por uma atividade que atende aos interesses financeiros dos organizadores dos eventos.

O empresário cita a Cidade do Vaqueiro, na BR-101, em Parnamirim, como o exemplo do desapego às tradições regionais. “Não precisa ir longe. Na entrada do parque você observa a figura de um vaqueiro com uma fivela grossa característica dos peões norte-americanos e o desenho da cara do boi comum aos animais dos EUA. Então, não existe uma identificação desse pessoal com a cultura da gente. Para você ter uma idéia, tem vaqueiro que deixou o chapéu de couro de lado e está usando capacete”, revela.

Em seu *“Tradições populares da pecuária nordestina”*, Luís da Câmara Cascudo relata o impacto do primeiro encontro do escritor inglês Henry Koster com um vaqueiro, em dezembro de 1810, nos sertões do estado entre Assu e Mossoró.

O estrangeiro descreve o sertanejo de cima a baixo, detalhando cada silhueta da figura que acabara de conhecer. “... Montava um pequeno cavalo com cauda e crinas compridas. A sela era um tanto elevada adiante e atrás. Os estribos eram de ferro ferrugento e os freios, a mesma forma. As rédeas eram duas correias estreitas longas. Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro taninado mas não preparado, de cor suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito, ligada por detrás com quatro tiras, e uma jaqueta, também feita de couro, atirada num ombro. Seu chapéu, de couro, tinha a forma baixa e abas curtas. Tinha calçados os chinelos da mesma cor e as esporas de ferro eram sustidas nos pés nus por umas correias que prendiam as chinelas e as esporas. Na mão direita empunhava um longo chicote e, ao lado, uma espada, metida num boldrié que lhe descia da espádua. No cinto, uma faca, e um cachimbo curto e sujo na boca. Na parte posterior da sela estava amarrado um pedaço de fazenda vermelha, enrolada em forma de manto, que habitualmente contém a rede e uma muda de roupa, isto é, uma camisa, ceroulas e, às vezes, umas calças de Nanquim...”.

Das peças que encheram os olhos do “gringo”, algumas podem ser encontradas no acervo guardado por Lopes na fazenda Bonfim, como uma grande cabaça e um espeto para incoivarar espinho. “Tenho muita coisa que consegui naquela fazenda Poço Verde da família de minha mãe. A jaqueta, chamada gibão, e o guarda-peito, vestimenta em couro aberta na parte de trás que os vaqueiros usavam para se proteger de espinhos e da mata fechada, irão comigo para o museu quando conseguirmos recursos para levá-lo adiante”, prevê.

COM A PALAVRA

FAUSTO NILO

O poeta e letrista Fausto Nilo durante sua apresentação no projeto Retrato Sonoro, em julho deste ano no Teatro Sandoval Wanderley

Entrevista a
Jóis Alberto
Foto
Candinha Bezerra

O poeta, letrista e arquiteto Fausto Nilo esteve em Natal em julho passado para participar do projeto Retrato Sonoro, no Teatro Municipal Sandoval Wanderley. Munido de violão, computador e telão, cantou seus principais sucessos, comentou suas parcerias famosas, falou da cidade onde nasceu, Quixeramobim (CE), mostrou imagens do sertão onde se localiza essa cidade, da casa onde ele nasceu e se criou e que, no final do século 19, também residiu Antônio Conselheiro. Fausto narrou fatos interessantes sobre a sua ida, aos 11 anos, para Fortaleza, onde aos 20 ingressou na Faculdade de Arquitetura e se formou pela UFC, da sua passagem como professor da Universidade de Brasília, do seu trabalho como arquiteto no metrô de São Paulo, da boemia, do sucesso como compositor no Rio de Janeiro, de seu retorno a Fortaleza, onde mora atualmente e continua compondo, numa média de cinco a seis novas músicas por ano, como são exemplo duas parcerias no último disco de Zeca Baleiro. Obteve grandes sucessos nas vozes de Gal Costa (*Bloco do prazer*, com Moraes Moreira), Simone (*Pão e poesia*, com Moraes Moreira, *Pequenino cão*, com Caio Sílvio), Fagner (*Cartaz*, com Francisco Casaverde, *Lua no Leblon*, com Lisieux Costa), Amelinha (*Pedação de canção*, com Moraes Moreira, *Flor da paisagem*, com Robertinho do Recife), Ney Matogrosso (*Retrato marrom*, com Rodger Rogério), A Cor do Som (*Zanzibar*, com Armandinho), Pepeu Gomes (*Eu também quero beijar*, com o próprio e Moraes Moreira e *Mil e uma noites de amor*, com Pepeu e Baby Consuelo), Nara Leão (*Amor nas estrelas*, com Roberto de Carvalho), Geraldo Azevedo (*Dona da minha cabeça*, *Você se lembra*, ambas com o próprio), Elba Ramalho (*Chorando e cantando*, com Geraldo Azevedo), Dominginhos (*Pedras que cantam*, com o próprio), entre outras. Com a palavra, Fausto Nilo:

INFÂNCIA

"Eu nasci em uma família de três irmãos que já chegaram antes de mim. Depois vieram dois gêmeos e a irmã caçula. Vivi na vizinhança de tias que cantavam, avós, irmãs, empregadas-irmãs e uma mãe que cantava sempre ao trabalhar, em casa. Vozes de mulheres, além destas, no rádio ou no alto-falante, me acompanharam em muitas horas durante os meus primeiros onze anos. Outra voz ao fim da tarde, sempre que descansava, vindo do canto da sala em uma cadeira preguiçosa, era a voz do meu pai. Por meio dele, memorizei muito cedo grande parte do repertório de Orlando Silva, o que considero uma herança de importância moderna para um menino daquela época. Em resumo, música em casa e no espaço da cidadezinha pelo alto-falante. Aí eu encontrei também, pelo rádio, pelas revistas e pelos rótulos de discos de cera, os nomes daqueles que faziam as músicas, os autores, os "homens sem face" como diz uma

amiga. Precocemente eu me interessava por quem escrevia as canções, além daquele que cantava. Fico contente de saber que entrei nessa confraria. Eu devo dizer que nasci numa cidade do sertão do Ceará, simples, porém com idade e história significantes, foco pioneiro da implantação da cultura do gado, sendo uma das vilas originais do Ceará pioneiro, que foi fundada por um português. Quero dizer que embora próximo ao mato, como se diz por lá, não sou do mato. Criei-me numa velha cidade do sertão, onde o trem passava todos os dias, e num desses dias, aos onze anos fui pra Fortaleza. Aí vivi em casas de parentes, repúblicas, pensões e conheci inúmeras pessoas do dia e da noite. Depois disso tudo, clube de cinema, universidade, jazz, amigos de teatro, política estudantil, arquitetura, urbanismo, poesia e, no final, letra de música".

PESSOAL DO CEARÁ

"O título "Pessoal do Ceará" foi uma conveniência criada pela mídia daquela época, para se referir ao eclético grupo de compositores e cantores originários do Ceará e que estavam a iniciar carreira no Rio e em São Paulo. Aproveitando esta idéia, a RCA lançou um disco de Teti, Roger e Ednardo com o título *Pessoal do Ceará*. Desta maneira o título passou a designar, além destes, os artistas Fagner, Belchior e Amelinha, que também iniciavam carreira por esta época. Acho que quem conhece o caudaloso trabalho desses artistas, e dos compositores que lhes eram próximos, vai identificar uma enorme variedade estilística, de temática das letras, das concepções de arranjos, de interpretações, de linguagens e visões, enfim. Nunca foi um movimento, coisa que sempre fui avesso dentro da turma. Havia uma gama de projetos díspares entre os vários conterrâneos, muitas divergências saudáveis e liberdade para os caminhos individuais. Alguns tinham compromissos regionais, outros menos radicais, alguns indiferentes a isso. No meu caso, sempre preferi a convivência nacional com meus melodistas ao reduci-

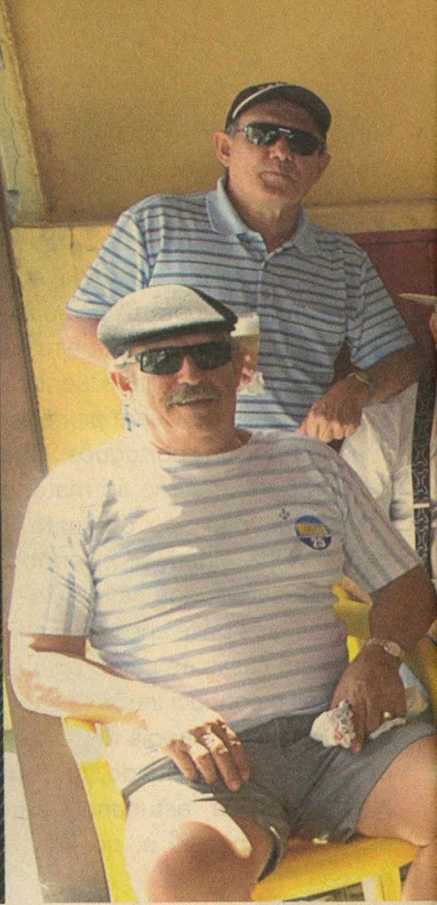
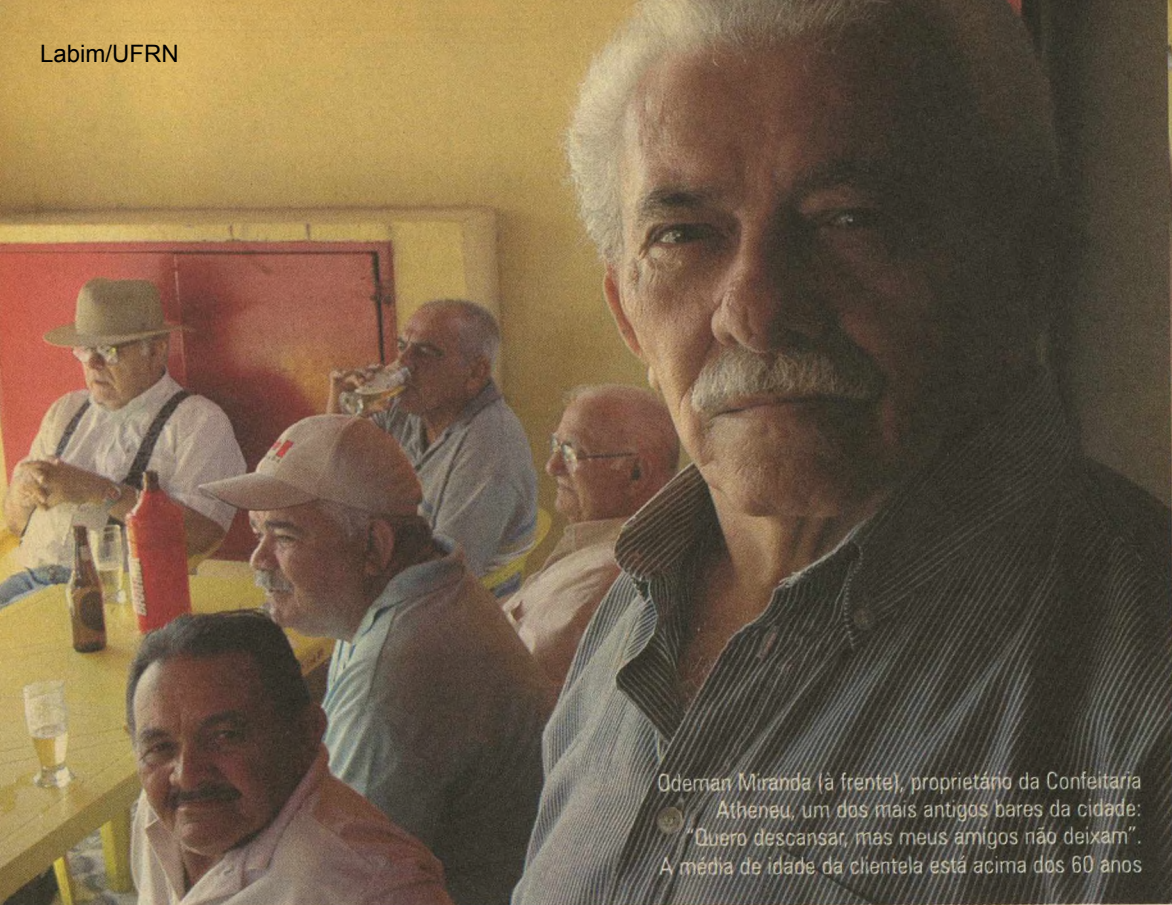
onismo regional. Outros descobriram como trabalhar sozinhos. Por mim, como letrista, acho que me adequiei muito cedo ao meu papel de eterno parceiro, onde a gente sempre tá compartilhando 50% em nossos projetos de canção, além dos direitos autorais. Algumas destas parcerias já passam dos trinta anos, como aquela formada por Fagner e eu".

SUCESSO

"Minha ida para o Rio se deu em 1977, depois de um ano em São Paulo, onde trabalhei como arquiteto na Companhia do Metrô. Durante este período em São Paulo, desenhei com um parceiro arquiteto de lá a estação Santa Cecília. No início de 77, minhas letras já começavam a ter sucesso regular e isto me atraiu para ir morar no Rio, onde estaria mais próximo do ambiente criativo do trabalho. Lá, por meio de Fagner, comecei a conhecer muita gente do meio e terminei por criar canções com uma infinidade de parceiros, das mais variadas regiões e que àquele época, viviam no Rio. Meu primeiro parceiro fora do âmbito de trabalho conquistado junto com meus conterrâneos, com o qual conseguimos grande resultado em popularidade, espontaneidade e qualidade, foi Moraes Moreira. Depois tive muitos outros de muita importância, cuja relação, aqui citada, seria enorme. O repertório carnavalesco eu devo a Moraes e Armandinho, com os quais fiz cerca de uma dúzia de canções que se enraizaram na Bahia. As novelas sempre trouxeram minhas músicas de surpresa na hora do jantar. Sempre fui o último a saber, o que no fundo torna tudo bastante emocionante. Digo isso porque vivo muito distante do ambiente onde se decide estas coisas mas afeitas aos executivos de gravadora, diretores e produtores de televisão. Os autores não têm influência nenhuma nesse processo, mas confesso que as vezes em que letras minhas apareceram em aberturas de novelas ou como temas de personagens, eu não fiquei nenhum pouco ofendido e atribuo grande mérito a meus intérpretes. Sem intérprete os autores têm reduzida sua expressão".

DOROTHY LAMOUR

"Em minha cidade havia um cinema chamado Cine Skeff, que tinha esse nome por ser propriedade de uma família libanesa. Acho que a este cinema e ao serviço de alto-falante A voz de cristal, devo uma grande contribuição à minha formação de letrista e criador. Este cinema tinha sessões às quartas à noite, sábado, também à noite, e matinées aos domingos. As latas de filmes, predominantemente filmes americanos do tipo B, velhos e de antigas bitolas, eram distribuídas e chegavam de Fortaleza pelo velho trem. Isto quer dizer que, quando o trem atrasava, o que era muito comum, havia de ter filme pra passar para que a sessão não fosse cancelada. Aí entrava em cena a já velha e conhecida dos espectadores da cidade, Dorothy Lamour, em sua série de filmes chamada "Roads". Entre eles *Road to Singapore*, *Road to Morocco* e outros mais, cuja coleção existia permanentemente no cinemimha e estava sempre ali como reserva. Esses filmes sempre tinham como cenário os paraísos exóticos imaginados em Los Angeles, inspirados no Oriente ou em ilhas dos Mares do Sul. Os meninos se apaixonavam pela morena em seu sarong e suspiravam quando ela cantava uma canção romântica ao por do sol. Alguma namorada naqueles anos foi por mim imaginada em seus olhos mortícios de Dorothy Lamour e sem dúvida minha primeira canção foi em busca dela. No início dos anos setenta, a imagem de Dorothy Lamour atravessa a imaginação de uma letra de iniciante que eu escrevia para uma melodia de Petrúcio Maia, misturando-se a meus sentimentos anti-imperialista e transformando-se de signo adormecido na melancolia infantil, em ilustração de um tênue protesto contra a dominação cultural. Com tudo isto, quem ouve a canção por estes anos todos, jamais demonstrará o mínimo interesse em entender o que estou dizendo. Isto me diz e me fez compreender que uma canção é uma canção e o resto é discurso ou relatório".



Odeman Miranda (à frente), proprietário da Confeitaria Atheneu, um dos mais antigos bares da cidade: "Quero descansar, mas meus amigos não deixam". A média de idade da clientela está acima dos 60 anos

CONFEITARIA

50 ANOS VAI PEDIR A CONTA?

Boteco bom é boteco aberto. De preferência para a vida toda. Ponto de encontro da velha máxima boemia rasgada. Da ressaca e do porre. Da despesa e do cabide. Assim, no falso anonimato que lhe reservou a sorte, a Confeitaria Atheneu completa 50 anos de portas abertas, pensando em pedir a conta.

Nos braços da comunidade de Petrópolis, outrora bairro residencial de Natal, criou identidade na amnésia alcoólica da freguesia formada em casa. Reclama, ainda hoje, por Justiça. O último embate foi com o Ministério Público, esse ano, que proibiu a colocação das mesas na calçada da frente. "Queríamos comemorar o aniversário da confeitaria, mas a Justiça não deixou. A idéia era fazer uma festa grande, interditar a rua. Parece perseguição. Existem vários bares aqui no bairro e fizeram isso apenas conosco e mais uns dois", desabafa o proprietário Odeman Miranda de Araújo, de 74 anos, dos quais 30 foram dedicados à adminis-

tração do estabelecimento.

E as brigas não foram poucas. O sistema de governo e suas conseqüências tiveram uma parcela maior de culpa. Resultado: nas últimas duas décadas, Odeman encarou três infartos.

Segundo ele, o primeiro "recado" do coração veio durante o governo Sarney, quando a inflação tomou as rédeas da economia e deu um porre no país. "Foi um dos piores momentos da minha vida. Pensei que fosse quebrar. Acho que todo mundo imaginava. Eu comprava cerveja na sexta-feira e quando chegava na segunda o preço era outro. Tive que fazer um acordo com o distribuidor. E ele passou a me dizer, no final da semana, o preço que seria na segunda-feira. Pelo menos eu me preparava melhor", conta.

Depois do susto, o coração voltou a vacilar somente no governo Lula. E duas vezes. O baque foi grande. Mas a decepção foi ainda maior. "Conheço de política. Muitos políticos do estado passaram



ATHENEU

Texto
Rafael Duarte

Fotos
Argemiro Lima

por aqui. A maioria não presta. Mas esse Lula foi o pior presidente que o país já teve. Ele disse que existiam 300 picaretas no Congresso, mas vejo um monte deles no governo atual", dispara.

Uma das grandes recordações de Odeman é a banca de apostas feita pelo, antes assíduo freqüentador da Confeitaria Atheneu e hoje senador da República, Fernando Bezerra.

Ele não esconde que chegou a ganhar algum dinheiro nos tempos das disputadas "eleições" políticas das mesas de bar. "Era bom demais aquele tempo. Uma vez Fernando Bezerra começou uma aposta para ver quem seria o governador do Rio Grande do Norte. Era Geraldo Melo contra João Faustino e ele começou apostando mil reais em Geraldo. A nata da política da capital sempre freqüentou a confeitaria. Ganhei meu dinheirinho também", relembra.

Odeman está disposto a descansar. Está cansado de comandar um dos bote-

cos mais antigos da capital. E sente saudades do passado ainda que tenha a sensação do dever cumprido. "Daquele tempo sobrou o bar do Lourival e outros poucos. Quero descansar e meus amigos não deixam. Tenho pressão alta. Minha clientela mesmo está muito velha. Para você ter uma idéia, a média do pessoal que freqüenta a Confeitaria está acima dos 60 anos", brinca.

Atualmente, o boteco é freqüentado por antigos e fiéis clientes como o engenheiro civil Augusto Leal, 61. Baixinho, careca e estilo bonachão, Guga, como é conhecido pela boemia local, confessa que desde os 18 anos bate ponto na Confeitaria. E nem assim admite prever o futuro. "Se o Odeman for embora? Não sei... vai depender de quem assumir, se é que alguém vai assumir", disse com incerteza.

MEMÓRIA – COMO TUDO COMEÇOU

"Quando terminava o expediente no

colégio Atheneu, onde trabalhava como inspetor do ginásio, ia para a Confeitaria ver os playboys dar cavalo de pau na rua Seridó. Era a diversão da época. Depois comprei o local". Assim, Odeman assume que a paixão pelo boteco começou num racha.

Não se tem uma data precisa de quando a Confeitaria foi criada. Sabe-se, no entanto, que nasceu livraria Atheneu, na esquina do mesmo centro comercial onde está localizada hoje, na rua Seridó.

Odeman conta que não se apega a datas, mas relata que a cena era de guerra. O espaço, hoje ocupado por lojas comerciais e calçamento, era do barro, dos pés de jurubebas, das trincheiras e do deserto. A oligarquia dominante no pedaço respondia pela alcunha de "viúva Machado", dona, segundo Odeman, de todo o bairro de Petrópolis. "Todas as ruas tinham o sobrenome Machado. Era Cláudio Machado, Manoel Machado, tanto Machado que você nem imagina.

Era uma viúva portuguesa e todo mundo tinha medo dela. Diziam que era dona do bairro”, lembra.

Durante os primeiros 20 anos, a Confeitaria Atheneu mudou de endereço várias vezes. Ao contrário do espaço que ocupa atualmente, na lateral do colégio Atheneu, o boteco foi da esquina ao prolongamento da mesma rua, onde está erguida hoje uma clínica particular de saúde. “Hoje, o local onde a Confeitaria nasceu é uma loja de móveis usados. Mas antes de confeitaria, foi uma livraria, instalada em janeiro de 1954. Era a livraria Atheneu, uma homenagem de Valter Duarte ao colégio. Alunos e professores compravam ali. Mas não deu muito certo e no ano seguinte as outras pessoas montaram um bar. Eu cheguei a trabalhar quando era o chopp do Ivan (Paiva), mas investi em outras coisas. Aí comprei o local, que já tinha mudado de lugar algumas vezes. E há 30 anos tomo conta. Tenho orgulho porque em todo esses 50 anos meus clientes que freqüentam aqui desde o início sempre disseram que a Confeitaria só teve um dono de bar”, explica.

Mas a história dos 30 anos mais recentes começa ainda na avenida Afonso Pena, antes do crescimento desordenado na cidade, quando Severina Dias de

Miranda, 64, assume o papel de companheira na vida de Odeman. Juntos, movimentaram e perderam muito dinheiro no comércio da capital. “Tivemos muitos comércios. Motel, boate, mercearia, bar. Ganhamos e perdemos muito dinheiro. Conhecemos muita gente importante, políticos principalmente. Sempre vinham aqui, mas nunca me estenderam a mão quando tive dificuldade. Por isso não acredito em promessas. Estou cansado, preciso parar”, desabafa.

Odeman garante que a boa administração de um bar não está necessariamente ligada ao humor do seu proprietário. Em outras palavras: dono de bar não precisa ser chato para mostrar quem manda no pedaço.

Ainda assim, não foge às lendas criadas no ambiente dos botequins. No caso da sua confeitaria, ele contraria as informações de que não atende ninguém durante o Jornal Nacional ou um capítulo inédito da novela das oito. “Isso é boato, história. Quem foi que lhe contou isso?” investe.

O tempo dedicado à Confeitaria Atheneu, embora tenha rendido inúmeras histórias e problemas, não fez de Odeman um eterno ciumento da casa. Mesmo tendo tratado o local como extensão do lar, afirma que não intervém na relação

de carinho que os clientes têm com seu estabelecimento.

Indagado sobre algum nome que não lhe agrade quando a referência é a Confeitaria Atheneu, ele admite que nunca teve problema com isso. E demonstra indiferença.

“Pode chamar do que quiser: bar, botequim, boteco, confeitaria... não tenho frescura com isso não. Para mim é uma coisa só. O cliente que se sinta à vontade e chame do nome que quiser”, diz.

Odeman conta que nunca teve problemas de relacionamento com nenhum cliente. Nem com os bêbados mais desagradáveis que aparecem de vez em quando para desabafar sobre a vida amarga em meio a um gole e outro de cachaça.

“Já apareceu mais por aqui. Hoje tenho apenas um desses “bebo-chato”. É engraçado que ele vem uma vez por semana e já chega trocando as pernas”, conta.

A paciência com que trata os clientes mais abusados, no entanto, tem limite. Na Confeitaria Atheneu, por exemplo, nunca se admitiu um cardápio paralelo. Trazer comida da rua para a cozinheira da casa preparar é uma afronta.

“Teve uma vez que um cliente, era professor universitário, chegou com uma



Odeman, ao lado da esposa Severina: "Tivemos muitos comércios e conhecemos muita gente importante políticos vinham aqui, mas nunca estenderam a mão quando tive dificuldades".



corda de caranguejo e sentou numa das mesas. Como era sábado, eu estava naquela correria de atender várias pessoas. E o cara ficava me chamando, gritando, para mandar fazer aqueles caranguejos. Eu já estava com raiva daquele negócio. Aí fui à mesa dele, peguei a corda e joguei no meio da rua", recorda rindo da situação.

O MITO DA CONTA

Um dos grandes mitos do boteco é a conta. A despesa, em boa parte dos casos, acaba em discussão. Movido a álcool, e em questão de segundos, cada freguês vira uma calculadora diferente.

Conhecido e lembrado nas rodas de música dos botecos país afora, o compositor carioca Noel Rosa cravou para sempre na alma dos bares uma espécie de hino da boemia. Em "Conversa de Botequim", gravada em 1935, Noel e os parceiros Vadico e Francisco Alves foram direto ao ponto:

"... Seu garçom me empreste algum dinheiro

Que eu deixei o meu com o bicheiro

Vá dizer ao seu gerente

Que pendure essa despesa no cabide ali em frente".

Em Natal, 70 anos depois de Noel, o mito permanece. Na Confeitaria Atheneu, o "pendura" é tratado com respeito. Odeman garante que "vender fiado" não é mau negócio.

"A melhor coisa do mundo é vender fiado, desde que você tenha uma clientela que pague certo. Teve época que tinha 18 cadernetas e no final do mês recebia mais de R\$ 3 mil", revela.

No entanto, como todo começo, a adaptação foi difícil. Implementar o novo modelo de pagamento, mesmo para os principais clientes, lhe trouxe prejuízo.

"No início você perde. Teve um momento em que perdi bastante. Mas é a partir daí que você passa a selecionar quem merece ou não esse crédito de confiança. No final, é como se fosse uma economia forçada que você é obrigado a fazer", diz com a experiência de 30 anos no comércio.

Ainda que tenha lucrado "pendurando as contas de alguns clientes", Odeman afirma que tem juízo e não oferece o crédito a ninguém. Na Confeitaria Atheneu, o cliente tem que arriscar e negociar.

"Eu que não vou chegar e pedir para o freguês pagar depois. Ele que peça. Para os que eu conheço e estão sempre aqui não tem problema. Agora se for um cara que veio aqui uma vez e manda pendurar não tem", explica.

Sobre o que o fez adotar o sistema de crédito fiado, ele revela que a própria experiência lhe mostrou o caminho.

"Isso aconteceu antes de comprar a Confeitaria.

Eu tinha uma mercearia pequena e ia sempre comprar os produtos num mercado na Ribeira. O dono se chamava Mário Lima. Com ele, eu sempre comprava tudo com dinheiro e pagava à vista. E um dia ele me questionou: 'Odeman, porque você nunca comprou fiado comigo?' Respondi que tinha dinheiro e não precisava disso. Mas ele falou que o fiado era uma maneira de você saber se tinha crédito na praça e disse que a partir daquele dia eu iria pagar com 30 dias. Aprendi com ele e nunca me esqueço", recorda.

CARNAVAL

A Prefeitura do Natal tem crédito junto aos confeitarias. Há 10 anos vem patrocinando o carnaval realizado no largo do Atheneu e que conta com a participação de alguns estabelecimentos situados ao redor do "triângulo das bermudas de Petrópolis", como é chamada a área entre as ruas Seridó, João Machado e a avenida Campos Sales. "Começamos há 10 anos. A idéia surgiu nas mesas de bar, entre o Guga (Augusto Leal), Airton Bulhões, Moacir Gomes, Ronald Gurgel, José Maria ("Zé Zuada"), Aurino Araújo, Délio Casado, Roberto Luis, José Wilson e Hélio Nelson. Temos o apoio da Prefeitura e da população que sempre vem prestigiar. É a abertura oficial do carnaval de Natal. Tudo aqui acaba nisso", conta.

FUZILO

CARLOS GURGEL

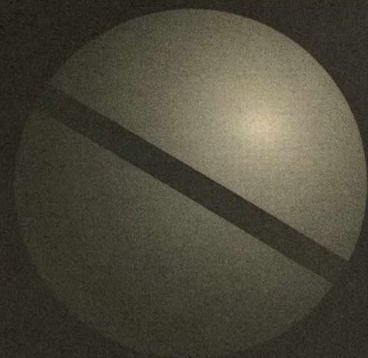
FUZILO CORAÇÕES, BEIJOS E PERDÕES.
 FUZILO O CHÃO MAL POSTO.
 FUZILO QUEM INADVERTIDAMENTE ME PERSEGUE.
 FUZILO O SOL QUE ME BRONZEIA.
 FUZILO A HÓSTIA DA IGREJA
 QUE INTEMPESTIVAMENTE PROMOVE FORRÓ E CACHAÇA.
 FUZILO CABEÇAS.
 FUZILO A MIM MESMO, TAMBÉM.
 QUANDO INADVERTIDAMENTE ME CORRESPONDO
 COM VIBRAÇÕES ANTAGÔNICAS,
 ARRUINANDO O MEU CORAÇÃO JÁ TÃO ROTO.
 FUZILO TAMBÉM, FEIRAS, SEXTAS
 E PRENÚNCIOS DE VERÕES.
 FUZILO QUEM ME APUNHALA PELA FRENTE.
 FUZILO VIZINHO, PARENTES E INCÓGNITAS.
 FUZILO ESPELHOS.
 FUZILO O DIA, A HORA E OS SEGUNDOS
 DA MINHA VIDA LARGADA.
 LARGADA FEITO UM FUZIL ENFERRUJADO.
 FUZILO TAMBÉM AVENIDAS DESERTAS.
 FUZILO PADRES, ADVOGADOS E DENTISTAS.
 FUZILO JORNAIS, CHOCOLATES E SERPENTES.
 FUZILO O CHÃO INDÓCIL QUE ME ABRIGA.
 FUZILO ANZÓIS, ANÉIS
 E A CARTOMANTE QUE ME BENZEU.
 FUZILO O TIL, TREMAS E PRETÉRITOS ÁCIDOS,
 CORROENDO COMO ÔNIBUS DE FIM DE LINHA,
 LOAS, LENDAS E LEÕES.
 FUZILO ABRIGO, CHUVAS E TOPETES.
 FUZILO O PRETO QUE ME DÁ SOMBRA E SOME.
 FUZILO O AR.
 FUZILO O MAR.
 FUZILO O LAR.
 FUZILO A BROA.
 FUZILO HAIKAIS.
 FUZILO AMORES, SABORES E FAVORES.
 FUZILO A SOMBRA DO ONTEM.
 E O CHEIRO DO AMANHÃ .
 FUZILO FLORES.
 FUZILO DORES.


FUZILO CANTORES.
 FUZILO O JUÍZO CARNAL.
 TODOS OS BANHEIROS, TODOS OS PONTEIROS,
 TODOS OS TRAVESSEIROS.
 FUZILO O VÉU
 DE QUEM COBRIU PROMESSAS FARTAS.
 FUZILO BALSAS, A FESTA FALSA.

FUZILO A COR. A MORTE. O DIVÃ.
FUZILO A MINHA FÃ. A MINHA IANSÃ.
A VONTADE DE CORRER, DE SOFRER, DE COLHER
E DE ARDER NO PURGATÓRIO
DE PALAVRAS E SILÊNCIOS.
FUZILO CANÇÕES.
FUZILO A MENTE, A GENTE E O DEMENTE.
FUZILO JUÍZES, OUVIDORES E OS ATORES.
FUZILO A TRANSE DE UM HOSPITAL IMAGINÁRIO.
FUZILO A VERTENTE DE SANGUES, DO BLUES, DO CHÃO
E DAS REUNIÕES IMPRÓPRIAS.
FUZILO A LUA. E OS SEUS AMORES.
FUZILO O RIO E OS SEUS SENHORES.
FUZILO O FIM E OS SEUS SABORES.
FUZILO A NOITE E OS SEUS FAVORES.
FUZILO ESTRELAS, ESPAÇONAVES E BAIÕES.
FUZILO O QUILO DA MACONHA E DO FEIJÃO.
O REMÉDIO QUE ENGROSSA A VOZ
E BLOQUEIA AS VEIAS INSPIRATÓRIAS.
FUZILO A ESTROFE, REIS E RAINHAS,
AS COLHEITAS E AS PARLENDAS.
FUZILO O ESPELHO. O CONSELHO. O NOVELO.
FUZILO SONS.
FUZILO SANFONAS.
FUZILO O MEU ROSTO.
FUZILO O ENTREPOSTO DE PRODUTOS SIDERAIS.
FUZILO A VAZANTE DO RISO. ROTO COMO A ALEGRIA
DE UM CIRCO SEM EMPANADA.
FUZILO FRUTAS, GELÉIAS E FARDAS BANDIDAS.
FUZILO O NOME. A GRAFIA. O NON SENSE.
A FACE DO APITO FINAL.
FUZILO RAMALHETES, BILHETES E SORVETES.
FUZILO CHICLETES, BAURETS E TROMPETES.
FUZILO O SÓ.
FUZILO O PÓ.
FUZILO A DOR.
FUZILO A FORÇA DE QUEM TEM GRANA.
FUZILO CARRO ZERO.

FUZILO A CANCELA.
FUZILO JUÍZOS E JAVALIS.
FUZILO O PATO E O CONCRIZ.
FUZILO ANIVERSÁRIO.
FUZILO INVENÇÕES.
FUZILO O ARMÁRIO.
FUZILO ILUSÕES.
FUZILO PORTAS, PARTES E PENDÕES.
FUZILO O BOTEQUIM. O MANEQUIM. O CHINFRIM.
FUZILO COVARDIA.
FUZILO A SOMBRA QUE VOCÊ MESMO SALVOU.
FUZILO O RESTO DO QUE FICOU
DA CANÇÃO DAQUELE DIA
FUZILO TANTOS PÁLIDOS BEIJOS
QUE SENTIRAM A DESPEDIDA DE DOIS MUNDOS DIFERENTES.
FUZILO A FALTA DO NADA.
FUZILO A IDIOTICE DO FÁCIL.
FUZILO A MIM COMO QUEM FUZILA O SIM.
EU SOU O FIM.

Ilustração
Venâncio Pinheiro





ARTE NA ZONA NORTE

Texto
Ana Paula Silva

Fotos
Argemiro Lima

Mostrar o potencial artístico da Zona Norte de Natal, este é o principal intuito do mapeamento e cadastramento dos artistas deste lado do Rio Potengi. O projeto é uma iniciativa da Fundação Capitania das Artes (Funcarte) com a coordenação da professora Dorinha Timóteo.

“A iniciativa do presidente da Funcarte, Dácio Galvão, colocou em prática um antigo sonho meu. A Zona Norte tem um potencial artístico enorme. Temos muitos galhos cheios de frutos. Estamos localizando os artistas locais, descobrindo onde eles estão, o que estão fazendo. Além de ser um fator de inserção social muito importante”, afirma Dorinha.

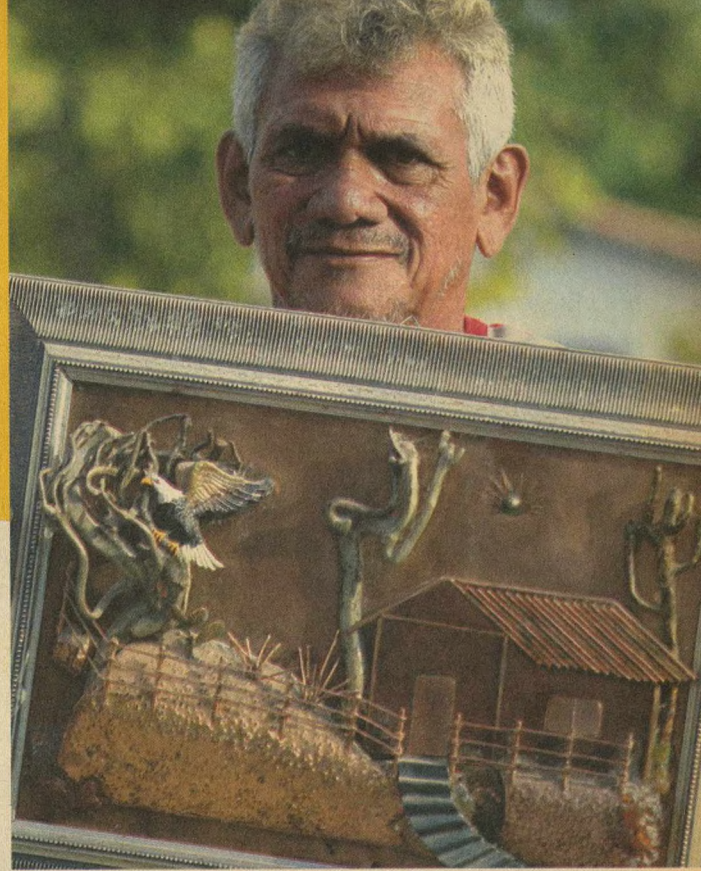
O cadastramento começou a ser feito no início de novembro e segue até o final de dezembro. Para se inscrever os artistas devem procurar o Espaço Cultural Francisco das Chagas, na Área de Lazer da Zona Norte, onde uma equipe analisa o material artístico. O mapeamento abrange artes cênicas (teatro e dança), artes plásticas, música e movimentos que divulguem o folclore, como as reza-deiras, grupos folclóricos e parafolclóricos. As inscrições estão sendo divulgadas em escolas, rádios comunitárias, igrejas, centros comunitários e clubes de mães, espaços utilizados para ensaios e exposições. “Depois deste mapeamento, além de valorizarmos os artistas da

Zona Norte, poderemos descobrir o porquê de ainda não termos um teatro, um cinema, um local para shows. E se mostrarmos interesse e o potencial da arte da Zona Norte, conseguiremos incentivo suficiente para trazer espaços como estes para a população”, torce Dorinha.

Concluído o cadastramento, as informações serão transformadas num banco de dados organizado no Espaço Cultural Francisco das Chagas, com o apoio do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação do professor Luiz Assunção e de Josenilton Tavares, coordenador-administrativo do Centro Municipal de Artes Integradas (CMAI), do Espaço Cultural. “Quando criamos o Anuário da Cultura descobrimos como é difícil encontrar um artista nesta cidade. O mapeamento vem em ótima hora. A Funcarte tem o espaço e o incentivo necessários para os artistas, mas para toda esta estrutura chegar ao artista é preciso conhecer o perfil de cada um. Parabenizo a iniciativa e vejo com muita credibilidade o trabalho que está sendo feito”, declara Tavares.

FLÁVIA LIMA

Flávia Lima, 19 anos, natalense, moradora do Gramoré, iniciou a arte dos desenhos ainda pequena. "Sempre fui a menina que fazia os trabalhos de desenho para todos na sala de aula". O grafite, o carvão e recentemente a pintura em óleo na tela são as técnicas utilizadas por Flávia, que retrata amigos e pessoas desconhecidas (por meio de encomendas) e belas paisagens. Uma artista autodidata, Flávia participou de duas exposições, em 2003, no projeto Arte, Mulher e Poesia que aconteceu no Dia Internacional da Mulher, na Biblioteca Professor Américo de Oliveira Costa e na Coordenadoria das Delegacias da Defesa da Mulher. "Antes das exposições nem minha família sabia que eu desenhava dessa forma, eu preferia guardar tudo para mim. Tenho paixão pelo que faço e Dorinha foi uma das pessoas que me incentivou. Neste momento, estou tentando ver minha arte como trabalho e não apenas como um hobby", disse Flávia. Agora ela se dedica diariamente a sua arte, em um ateliê cedido por um amigo, o massoterapeuta Akira Yano. "Estou me sentindo preparada para mostrar, abrir e expor o que eu sei fazer", finaliza Flávia.

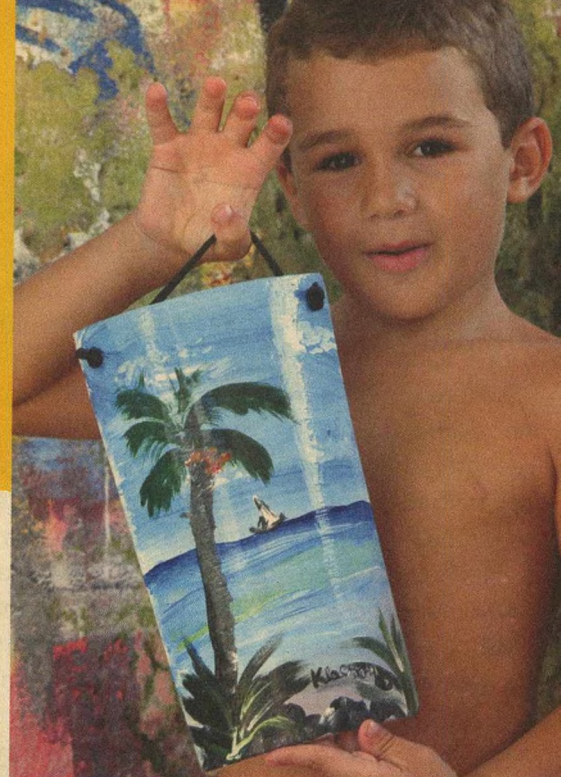


MAURÍCIO PEREZ

Maurício Perez da Costa, 60 anos, morador do conjunto Potengi, um homem que já foi lanterneiro, profissão herdada do pai, que já cantou e compôs canções com as quais percorreu grande parte do Brasil, foi personagem no programa *Globo Ciência*, quando construiu um carro em ferro. Mas o que destacou Maurício Perez como artista foi a capacidade de transformar fibra de vidro em peças admiradas no mundo inteiro. "De tudo eu fiz em fibra: orelhões e lixeiras em forma de caju, de golfinhos, de cocos verdes, de pássaros, bonecos de personagens conhecidos da nossa cidade, tartarugas, quadros com o Forte dos Reis Magos, um que eu fiz na morte de Ayrton Senna e tudo que se possa imaginar. Minha arte está espalhada por todo o país e também no exterior", conta Perez. "Tantas idas e vindas, tanto sucesso e dinheiro ensinaram-me uma lição de vida. Minha vida sempre foi muito boa, nunca foi ruim, não. Eu era conhecido, vendia para o Brasil inteiro e ganhava muito dinheiro, mas não soube aproveitar da melhor forma tudo que tive. Hoje tudo que eu quero é viver minha vida junto da minha família e de Deus, continuar minha arte, mas ajudando a quem precisa". Segundo Perez, as mudanças ocorreram quando ele passou vários dias no hospital em coma, por causa de um coágulo. "Nasci de novo e descobri que estava num caminho errado e agora estou perto de Deus. Eu só quis aparecer à minha vida inteira. Hoje eu vivo só para Deus. Tive um coágulo, fiquei dias em coma, mas graças a Ele, me curei".

R. PEIXE

“Ele merece uma fundação que leve adiante seu trabalho tão lindo”. Essa era a frase que Dorinha Timóteo sempre dizia quando o assunto era o artista plástico R. Peixe. Raimundo Braga de Almeida, falecido em março do ano passado, aos 72 anos, possui um belo trabalho guardado em mais de 400 exemplares na sua casa, no bairro da Redinha, aos cuidados de sua esposa Elizabeth Rolim, 39 anos. Ao ver toda a sua obra compreende-se bem o que Dorinha queria dizer. Um paraense, nascido em São Caetano de Odivelas, que recebeu o primeiro prêmio nas artes, aos dez anos, em 1941, na capital Belém, ao retratar Pero Vaz de Caminha, R. Peixe foi por toda vida aclamado como um dos artistas mais vibrantes e ecléticos do Brasil. Foi homenageado em todo o país e no exterior por suas criações nas quais o estilo Impressionista domina, mas que percorrem o Cubismo, o Abstracionismo, o Expressionismo e a Pintura Fantástica, uma escola na qual fez incursões pioneiras. Segundo Elizabeth, a arte de R. Peixe está catalogada em mais de 4900 obras. R. Peixe morou durante 50 anos no Amapá, lugar onde se firmou como artista plástico. Para Natal, ele veio em 1993, quando por uma decisão ocasional o artista resolve vir morar na cidade. Aqui R. Peixe fez muitos amigos e registrou a cidade em muitos de seus quadros. “Natal para ele era uma cidade bela, mas que não dava incentivo aos artistas. O sonho dele era criar uma escolinha de artes na Zona Norte, local onde ele morou grande parte de sua estada em Natal. Ele não conseguiu, mas temos a intenção de levar adiante este projeto. E também estamos esperando para lançar o livro que conta a história de R. Peixe”, declara Elizabeth.



KLACKSON WANDERLEY

Klackson Soares Wanderley, cinco anos, morador do conjunto Parque Floresta, no bairro de Pajuçara, é um garoto que vem de uma família de artistas. A mãe, os tios, os avós se dedicam à pintura em telhas, telas e ao artesanato. Klackson iniciou-se na pintura aos dois anos, “foi quando eu comecei a ter inspiração. Meu avô pintava e eu achei bonito e quis pintar também. Eu pego a telha, lixo para tirar a sujeira, aí eu passo a tinta branca e começo, vou misturando as cores e vejo no que vai dar. Às vezes eu gosto, às vezes não. Ainda tenho que aprender muito. Mas vou ser um artista de pintar e de cantar (sic) quando crescer” sonha Klackson. Para ele a arte de pintar é uma brincadeira, mas também é algo muito sério. “Eu pinto quando tenho inspiração e hoje eu tive por isso eu pinte. Pinte para vocês”. O pequeno artista também canta no coral da igreja e acha uma injustiça o fato das outras crianças não terem a oportunidade de pintar como ele. Ao ser perguntado por quanto venderia suas peças, ele responde: “Algumas venderia por cinco reais, mas as que mais gosto eu dou ou guardo até morrer”.



A professora Dorinha Timóteo é a responsável pelo cadastramento dos artistas que vivem e produzem atualmente na Zona Norte de Natal

INCENTIVADORA

“A gente só ama aquilo que conhece, temos que conhecer para poder valorizar. Todos precisam desmanchar a visão negativa que se tem da Zona Norte. Tenho muito orgulho do meu lugar”, diz Dorinha Timóteo que, além de responsável pelo mapeamento artístico, é professora, há 20 anos, de crianças da rede pública e privada. “Minha aula é um show, minhas aulas sempre foram diferentes, sempre procurei formar um ser dentro de sala de aula. Formar uma pessoa feliz e não alguém que pensasse somente no ter e sim, no ser. Sou uma professora construtivista, bem antes do construtivismo se tornar moda nas escolas e muitas vezes fui criticada por ser assim. Os pais e a direção das escolas não aceitavam, sofri muito com a incompreensão”.

No entanto, Dorinha persistiu com o seu modo de ser e de ensinar. Atualmente ela é responsável por orientar educadores. “Sempre trabalhei com a alfabetização de crianças. Levava para os meus alunos a poesia, as cantigas de roda, a contação de histórias, a literatura de cordel. Eles adoravam, mas as minhas idéias precisavam de um respaldo científico e foi então que descobri alguém que pensava como eu, o Jean Piaget. Daí eu passei a orientar outros educadores”.

Em 2000, Dorinha deixou a sala de aula para assumir a coordenação do Centro de Estudos da Biblioteca Professor Américo de Oliveira Costa, onde realizou o projeto Biblioteca Para Todos, uma iniciativa para manifestar a arte dentro das bibliotecas e incentivar a leitura. “Foi lá que eu me espalhei”. O trabalho com os artistas começou neste ponto. Nascia a produtora e a agente cultural que traria para dentro da biblioteca grupos de teatro, corais e várias exposições de artistas da Zona Norte. “Neste momento comecei a ver a dificuldade de reconhecimento encontrada pela classe artística”, disse Dorinha.



Três anos depois, a professora resolveu tornar-se escritora e lança o livro de literatura infantil *Awá, o lançador de luar*, que conta a história dos índios potiguares com uma lenda sobre a origem do Rio Potengi e a preservação do meio ambiente. “Fiz em forma de cordel para facilitar a leitura e para que as crianças pudessem se sentir dentro da história”, explica Dorinha. Depois, em 2001 e 2002, dois cordéis foram lançados: *A Preservação do Acervo das Bibliotecas* e *Os tipos de leitores*. O mais recente livro *O Encontro de Lampião com o Maquinista Potiguar*, que ainda não foi lançado. “O maquinista é meu pai. Ainda estou aguardando um apoio para poder lançá-lo. Ainda não tem data para sair”.

A ligação com o ensino se mantém com projetos que Dorinha realiza com os alunos do Colégio Encanto, no conjunto Parque dos Coqueiros. No momento, os alunos estão pesquisando e resgatando a história da comunidade do Parque dos Coqueiros no projeto *Encanto de Nossa História*. “Eles fazem uma pesquisa nas ruas onde moram, já conversaram inclusive com os moradores mais antigos do bairro”, disse Dorinha.



MARIZE CASTRO

GARIMPO PELA VIDA

Texto
Sheyla Azevedo

Foto
D'luca

Chego em sua casa numa tarde de sexta-feira. Os portões se abrem por completo e seus braços também. Um sorriso afável no rosto me faz pensar que aquela conversa será bem agradável. Imediatamente me vem à cabeça o poema 2812 que diz: A casa de beleza e assombro / ecoa suas dores e sonhos. / Sabe-se branca e lilás. / Violácea. Rosa. Azul. / Demasiado fêmea./ Concreta. Etérea. / Crua seda. / O pássaro de pedra / guarda seu número. / Sua musa. Sua amada. / Nesse lugar só habitará / quem entender a alma / da terra e do mar. O encontro é com Marize Castro, um dos nomes mais significativos da poesia potiguar. E o poema acima faz parte do seu mais recente livro, *Esperado ouro*, publicado pela Editora UNA, motivo pelo qual estava ali.

Quase dez anos sem lançar um livro, *Esperado ouro*, como o nome sugere, é um garimpo e segundo a autora é a "ratificação (lapidação)" de sua trajetória poética. Seu primeiro livro, lançado em 1984, foi *Marrons crepons marfins*, com o qual tinha ganhado o Prêmio de Poesia da Fundação José Augusto, em 1983. "A liberdade que tive no *Marrons* estou reencontrando agora. Mas não é fechamento de nada. Vejo tudo como um processo", explica. A diferença para a "menina" que lançou o primeiro livro e conquistou espaço e crítica na mídia nacional é que segundo ela, agora a "mulher" não se assusta ou não tem medo do burburinho que porventura sua poesia venha causar. "Ele passou. Ou se transformou". Mas não tem nada a ver com excesso de segurança ou algum tipo de arrogância, não. Marize Castro parece uma árvore, cuja intenção maior é frutificar. "É a vida que abastece a gente. E isso vai nos dando uma disponibilidade maior para tudo. Com esse livro quero dizer que estou aqui, que estou de volta e quero mostrar minha poesia, meu garimpo pela vida".

No dia do lançamento (11 de outubro, passado), o Teatro de Cultura Popular (TCP) da FJA, lotado, transparecia a necessidade dos seus leitores - das mais diversas idades e seguimentos da sociedade natalense - de se abastecerem com sua poesia. Durante três horas, Marize Castro autografou 146 exemplares, um número bem acima da média de livros que, comumente, são vendidos em lançamentos por essas bandas. "Foi muito bom. Adorei a receptividade", diz com simplicidade e satisfação. Agora, ela se prepara para lançar *Esperado ouro* em outras paisagens. Ainda este ano estará em João Pessoa (PB), no Paraíba Café, dentro do Projeto Tome Poesia, coordenado pelo poeta Antônio Mariano. Por esse projeto, já passaram nomes como José Nêumane Pinto e Marco Lucchesi. "Agora parto para o trabalho de formiguinha. Como lancei pela minha própria editora, tentarei fazer a distribuição pelo país. Acredito que há uma lacuna aqui

quanto à distribuição. Tem muita gente escrevendo. Mas acabamos nos tornando anônimos (além limites do Rio Grande do Norte) pela falta de distribuição”.

Mas, deixando o sentido prático de lado, e falando do que lhe parece ser bem mais agradável, para a poeta Marize Castro, não há diferença entre o “eu poético” e o “eu pessoa”. “Escrever é febre. Quando a vontade vem, você só se cura quando escreve”. E é claro, que em seguida ela diz que a fórmula é não se prender a fórmulas. “As vezes levo um tempo trabalhando o poema. Em outros momentos, ele chega completo. Sento e escrevo. Mas não faço reverência ao que jogo fora (sim, às vezes a poeta extravai letras!). Tenho cuidado, zelo com o que escrevo. Mas não tem essa de adoração. Às vezes mostro a alguns amigos o que estou fazendo. Mas não fico refém de crítica”. Agora, uma coisa que ela leva a sério é o contato silencioso com o leitor: “Claro que eu quero ser lida. Duvido muito que alguém que escreva não queira ser lido”. Como é impossível saber o que cada leitor sente ou o que lhe impressiona, a interseção desse momento, entre escrever e ser lido, é o que de fato ela chama de poesia. “Esse é o verdadeiro momento em que ocorre a poesia. Porque ela só acontece se há a participação do leitor”.

A poeta se recusa a corresponder a estereótipos. Para ela, não há, necessariamente, poesia masculina ou poesia feminina. “O grande barato da poesia é quando não há mais sinais de homem ou mulher. Não me sinto mais aprisionada a estereótipos. Em *Marrons*, havia uma alma superjuvenil, estava buscando minha sexualidade. Em *Rito* (1993) sinto ali realmente uma passagem. E em *Poço. Festim. Mosaico* (1996) já não me prendia mais ao que se chama de “literatura feminina”, explica.

“Porque o amor disse-me, escreva / despi-me de todo lodo, retornei às letras / - este lugar de luz e ouro, reino de morte e vida. / Eu quase sou o que sempre fui: / uma moça inventada pelas estrelas, / dormindo com as nuvens, / com o melhor de sua bondade” (Trecho do

poema “De Luz e Ouro”). Amor pela vida e amor pela poesia parecem ser o combustível para a escritora. “Sinto que neste livro está tudo dando certo. Há uma amálgama entre as almas feminina e masculina que há em todos nós”, diz, revelando que desde muito pequena já tinha inclinação para as letras. “Lembro que quando tinha nove anos escrevi meu primeiro texto. Acho que tinha um cunho filosófico brinca - Mas não o tenho mais”. Daí em diante foi só uma questão de tempo: “Aos 22, já sentia necessidade de mostrar às pessoas”.

Mas quando o fez não esperava tanta ebulição. *Marrons crepons marfins* che-

SOLAR

Cadáveres despertam depois do amor.
Lágrimas choram e se estrangulam.

Não sou a mulher que você vê.

Não sei o que é o inverno
- nunca vi a neve.

O meu ofício é reinventar asas para o sol.

gou às mãos do romancista Ignácio de Loyola Brandão. Este, levou ao jornal O Estado de São Paulo e o crítico Moacir Amâncio fez uma resenha, publicada em 1986, na qual fala de que encontrou uma “expressão poética legítima”. Na década de 80, Marize Castro publica em vários jornais culturais do país. Dos quais, o famoso curitibano Nicolau, se avizinhandô nas páginas com poetas como Ana Cristina César e Adélia Prado; e também no jornal Exu (BA). Os poemas do primeiro livro *Nódoas e querela* fazem parte da Antologia da Nova Poesia Brasileira, organizado pela poeta Olga Savary, publicado em 1992. No ano seguinte, *Rito* é lançado e Marize Castro volta às páginas esmo escritor publica-a na *International poetry review*, juntamente a poetas bra-

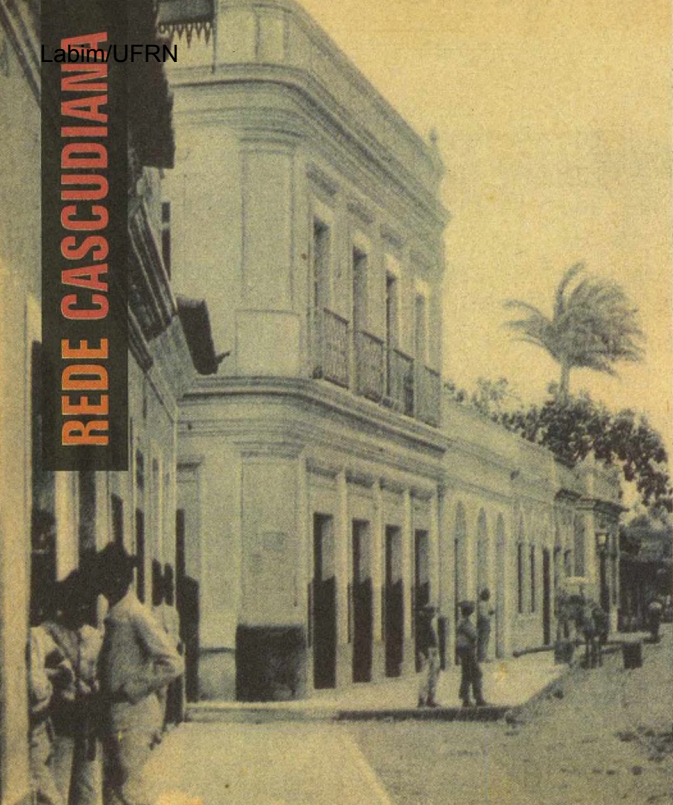
sileiros como Mário Quintana e Murilo Mendes.

de periódicos nacionais. Dessa vez, no jornal Folha de São Paulo, na seção de dicas de lançamentos. Em 1996, Marize Castro lança seu terceiro livro *Poço Festim Mosaico*. E logo em seguida, em 1997, o crítico norte-americano Steven White a traduz e a publica no livro, *The american voice*. No mesmo ano, aquele mesmo escritor publica-a na *International poetry review*, juntamente a poetas brasileiros como Mário Quintana e Murilo Mendes.

Em 2001, Marize Castro participa como poeta e editora do livro *Literatura do Rio Grande do Norte*, Antologia. Torna-se verbete, no ano seguinte, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, no qual consta: “Poeta em tom maior, expert em comunicação, jornalista, editora e uma das vozes femininas da poesia brasileira contemporânea”. Em 2003, é publicada na revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

Como foi dito no verbete, Marize Castro também é jornalista. Atualmente divide seu tempo em atividades na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde edita revistas culturais e científicas e trabalhos com a sua Editora, a Uma. No campo do jornalismo cultural, fez parte durante dois anos como editora da extinta revista da FJA, *O Galo*, experiência da qual ela descreve como “fantástica”.

Mesmo com um currículo desses e, principalmente, com o apuro e conhecimento da palavra que ela alinha em versos, Marize Castro guarda um ar pueril. Distraído. Sem, necessariamente, perder o quê de mistério peculiar aos seres que parecem habitar os caminhos da terra e das estrelas. Ela tem segredos que, quem sabe, só se revelam no desenho de suas letras. E encerra a entrevista dizendo: “A poesia é a verdade. Se eu abandonar a poesia, estarei me abandonando”. Saio de lá já no início da noite. Ela tem compromissos ligados ao livro. E eu, um compromisso com a poesia dessa escritora.



O REMANESCENTE GOTHARDO NETTO

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO
(NCCEN/UFRN)

Para Carlos Alexandre Câmara

Fotos

Arquivo/Diário de Natal

No dia sete de maio de 1920, o jornal natalense *A República* registrava o nono aniversário da morte de Gothardo Netto (1881-1911). No ano seguinte, Câmara Cascudo lançaria a primeira tentativa de síntese do movimento literário do Rio Grande do Norte *Alma patrícia* (1921), com notas biobibliográficas sobre dezoto escritores potiguaras, dentre os quais se destaca esse representante interessante e único do Romantismo em verso, prosa e vida. O leitor do início da década de 20 resumiu assim a sua opinião sobre o poeta:

“O verso de Gothardo é pura e logicamente o impulso natural dos Condoreiros junto a uma porção adocicada de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Ninguém hoje fará versos com as imagens e os coloridos antigos. Já ninguém hoje em dia perderá alma e sentimento rimando versos com lágrimas nos olhos” (CASCUDO, 1998, p. 135).

Segundo o autor de *Alma patrícia*, o natalense José Emerenciano Gothardo Netto, nascido a 24 de julho de 1881, foi o melhor da geração de 1906 a 1911, sendo o mais lido dos rapazes da cidade, o primeiro sonetista e o autor de *Folhas mortas* (1913), livro publicado postumamente graças a uma iniciativa da Officina Literaria Lourival Açucena, com prefácio de Antonio de Souza (o conhecido “Polycarpo Feitosa”). Segundo o prefaciador, “Gothardo Netto não era dos nossos dias; ele foi um dos companheiros do exílio de Casimiro de Abreu e da boêmia de Castro Alves...”; “Como outros sofredores da nossa terra, ele parecia influenciado pela sugestão de Musset” (cf. WANDERLEY, 1993, p. 152).

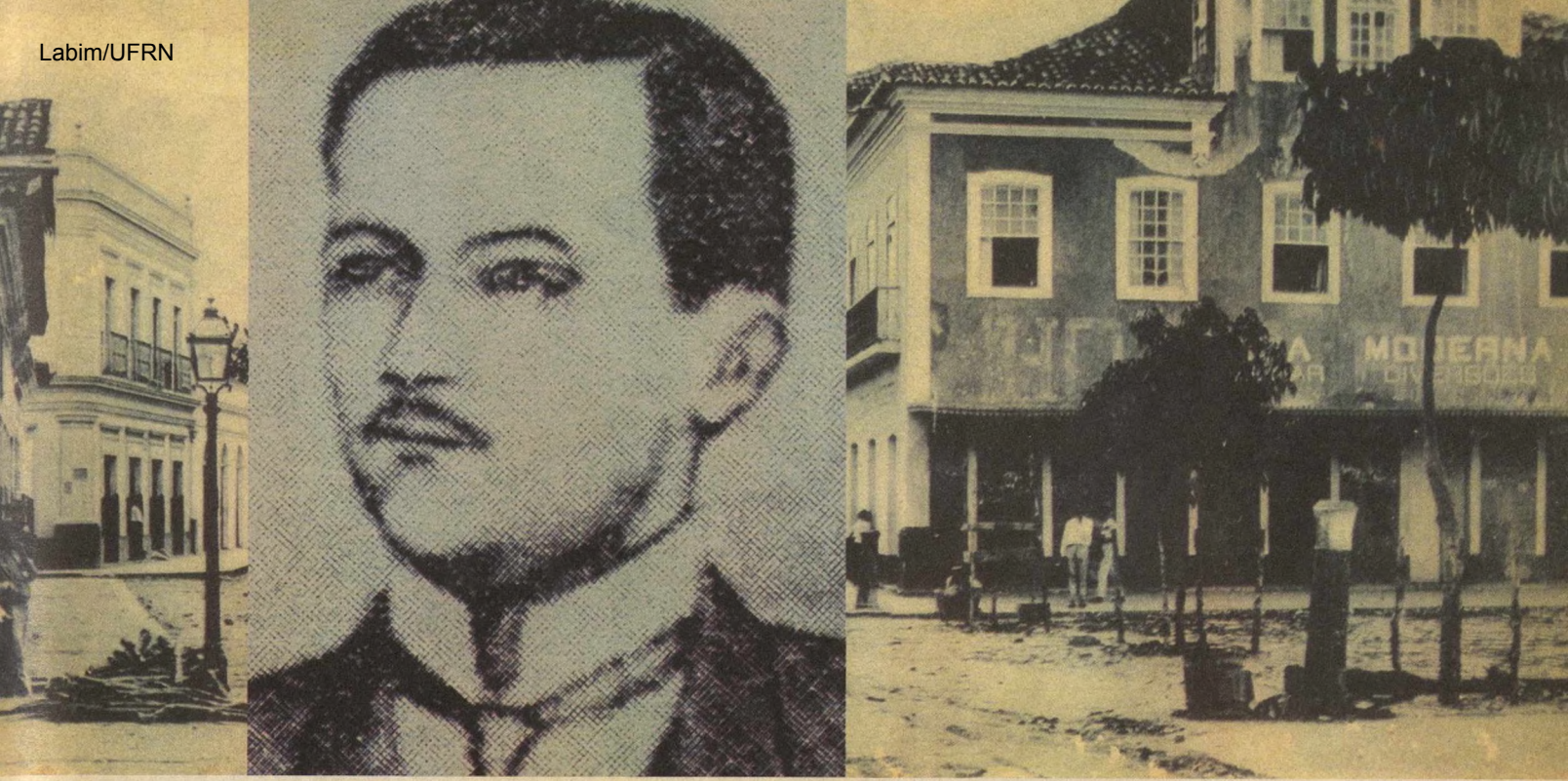
Câmara Cascudo sugere que o poeta sofreu de tal modo a influência do meio que a sua tristeza romântica seria determinada pelo aspecto mórbido da rua e da casa onde morava, lugar de reclusão durante os cinco últimos anos da sua vida, quando escreveu versos doentios. Posteriormente, em texto publicado em 1940, o autor de *O livro das velhas figuras*

escreve em tom de crônica, evocando a sofrida vida do poeta dos longínquos tempos do romantismo, morador de uma casa de aspecto colonial, preservada por reformas e envolvida em um clima de passado. O saudosismo se revela no seguinte trecho:

“Passo devagar pela sua janela que o luar de maio aquece e deslumbra. Daí ele versejou e sofreu. E me vem, trazido pelas aragens da noite maravilhosa, seu grito soberbo, de sofrimento, de rebeldia, de descrença e de virilidade mental” (CASCUDO, 2002, p. 120-121).

Amigo de Ferreira Itajubá, sendo inclusive seu companheiro de publicação no jornal *O Torpedo*, Gothardo Netto era também reconhecido pela sua capacidade de fazer versos, mesmo de improviso, quando das noitadas dos pastores. Tarcísio Gurgel representa bem esta faceta do poeta: “Deitado em uma rede, na sala de visitas da sua casa, produzia versos e mais versos, a pedidos, bebendo sem parar” (GURGEL, 2001, p. 54).

Passados já 124 anos do nascimento do poeta e 94 da sua morte, reveste-se



de aura a memória daquele que não deixou sequer um retrato seu à posteridade. Câmara Cascudo retoca o possível retrato com adjetivos que o aproximam de Ferreira Itajubá: alegre, vivaz, folião, ousado cantor das morenas. Mas, o retoque final é dado na aura que distancia ainda mais do presente esse representante da nossa frágil tradição literária. O que prevalece, fechando o texto cascudiano de *Alma patricia*, é a imagem fugidia do triste Gothardo: "...foi uma folha morta destacada da árvore nutriz da Vida, rodopiando às tontas no ar, perdendo-se depois no seio do infinito" (CASCUDO, 1998, p. 135. grifo meu). Essa imagem final é revelada pelo próprio poeta:

N'UM POSTAL

Para o Almanak de Macau

Alvo e modesto este postal, Parece
Somente próprio a receber meu canto
Que nada mais de dólido e de santo
Tem que a meiguice virginal da prece.

Sonhos? Quem dera que os tivesse agora!
Minha vida é o rochedo
Onde a vaga estertora,
Sem jamais revelar o seu segredo!

Ah! Quem dera que sempre uma sereia,
No mistério soturno e funerário,
Guardasse esse rochedo solitário
Que o luar melancólico prateia!

Natal, 1908.

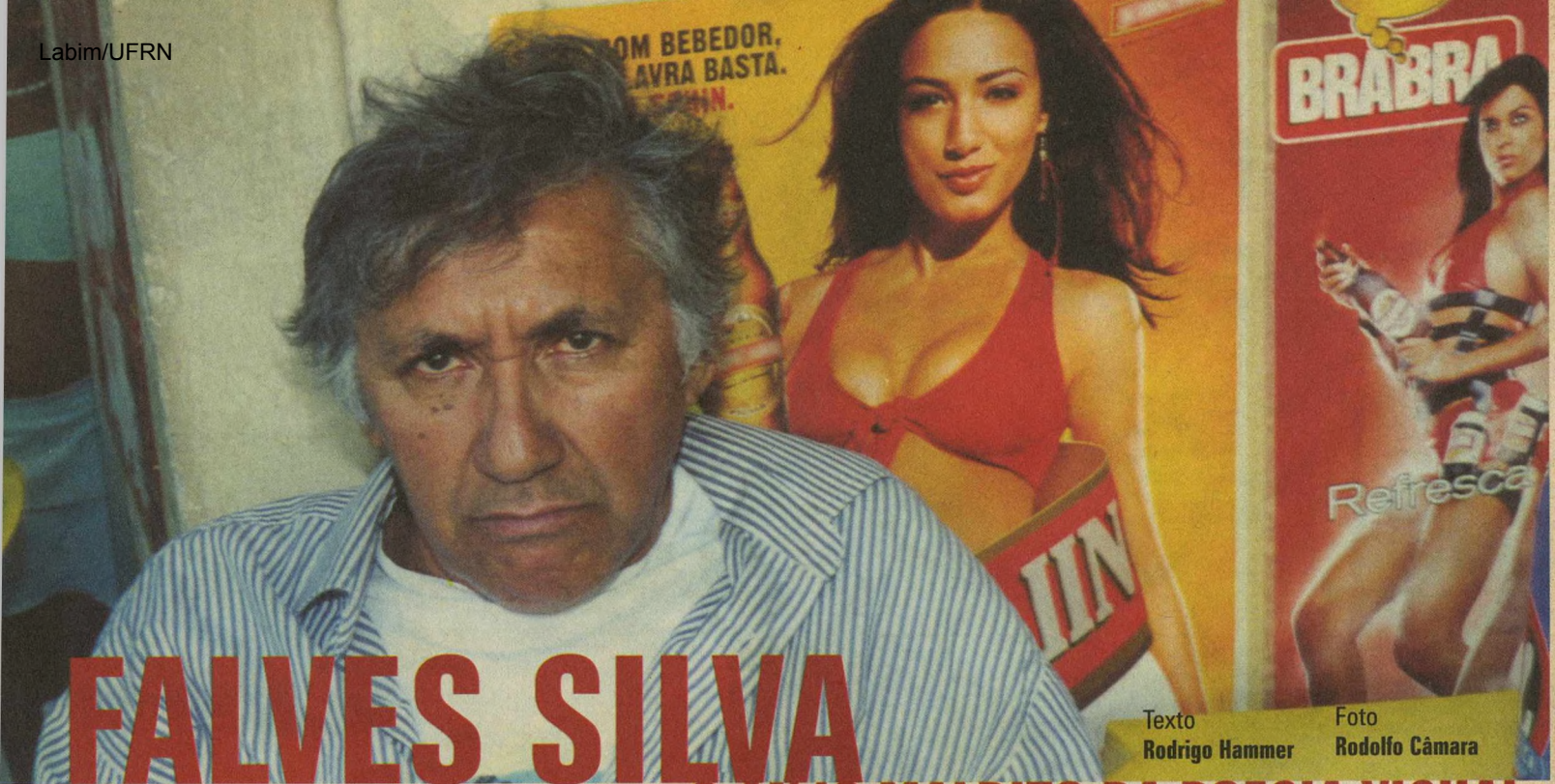
Este poema, publicado no *Almanak de Macau* (para o ano de 1909. Macau-RN, p. 139), ganha força se o lemos com o pensamento fixo naquela aura do poeta romântico, ainda mais se compararmos a disparidade atual em relação à data de publicação do poema e, também, em relação àquelas díspares imagens da realidade vivenciada por Câmara Cascudo que, no início do século XX, já se contrapunha ao tempo de Gothardo Netto.

Aquele postal parece próprio a receber o canto de *Folhas mortas*, projetando-o no salão das nossas tradições, configurando o nosso patrimônio, cuja função é fornecer ao presente essas imagens, ainda que mortas. São as imagens de uma Natal inarredável, como diria Cascudo, no presente. Imagens que levaram Jorge Fernandes a bradar diante da modernidade: "Sou como antigos poetas natalenses / Ao ver o luar por sobre as dunas...".

Pertencente às falanges de Jorge, o remanescente Gothardo Netto merece a pergunta: por onde andarão as suas Folhas mortas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de.** *Pós-Românticos no Rio Grande do Norte*. In: LINO, Joselita Bezerra da Silva; SILVA, Francisco Ivan da. (Orgs.). *Múltipla palavra: ensaios de literatura*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 93-103.
- CASCUDO, Luís da Câmara.** *Alma patricia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.
- Netto, Gothardo. (A República, Natal, 13 ago. 1940). In: . *O livro das velhas figuras, vol. VII: pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2002. p. 119-121.
- FERNANDES, Jorge.** *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Edição fac-similar de 1927. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- GOTHARDO NETTO.** *Folhas mortas: versos*. Natal: Typ. da República, 1913.
- . N'um Postal. In: *Almanak de Macau [para o ano de 1909]*. Edição fac-similar. Natal: Sebo Vermelho; Imperial Casa Editora da Casqueira, 1999. p. 139.
- GURGEL, Tarcísio.** *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001. p. 184.
- MELO, Veríssimo de.** Patronos e acadêmicos Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972. (Vol. I Patronos). p. 146-149.
- WANDERLEY, Ezequiel.** *Poetas do Rio Grande do Norte*. Edição fac-similar de 1922. Atualização e notas de Anchieta Fernandes. Natal: Sebo Vermelho; Clima: Cata Livros, 1993. p. 151-153 e 324.



FALVES SILVA

Texto
Rodrigo Hammer

Foto
Rodolfo Câmara

O ANJO MALDITO DA POESIA VISUAL

Arte Postal, Poesia Visual, Poema-Processo: formas de comunicação que se intercalam no caleidoscópico histórico dos movimentos culturais brasileiros de vanguarda. Falves Silva, paraibano que tomou o Rio Grande do Norte como filho adotivo da terra desde 1953 dez anos depois de nascer na pequena Cacimba de Dentro passou por todos eles como um obsessivo perseguidor de meios e adventos estéticos.

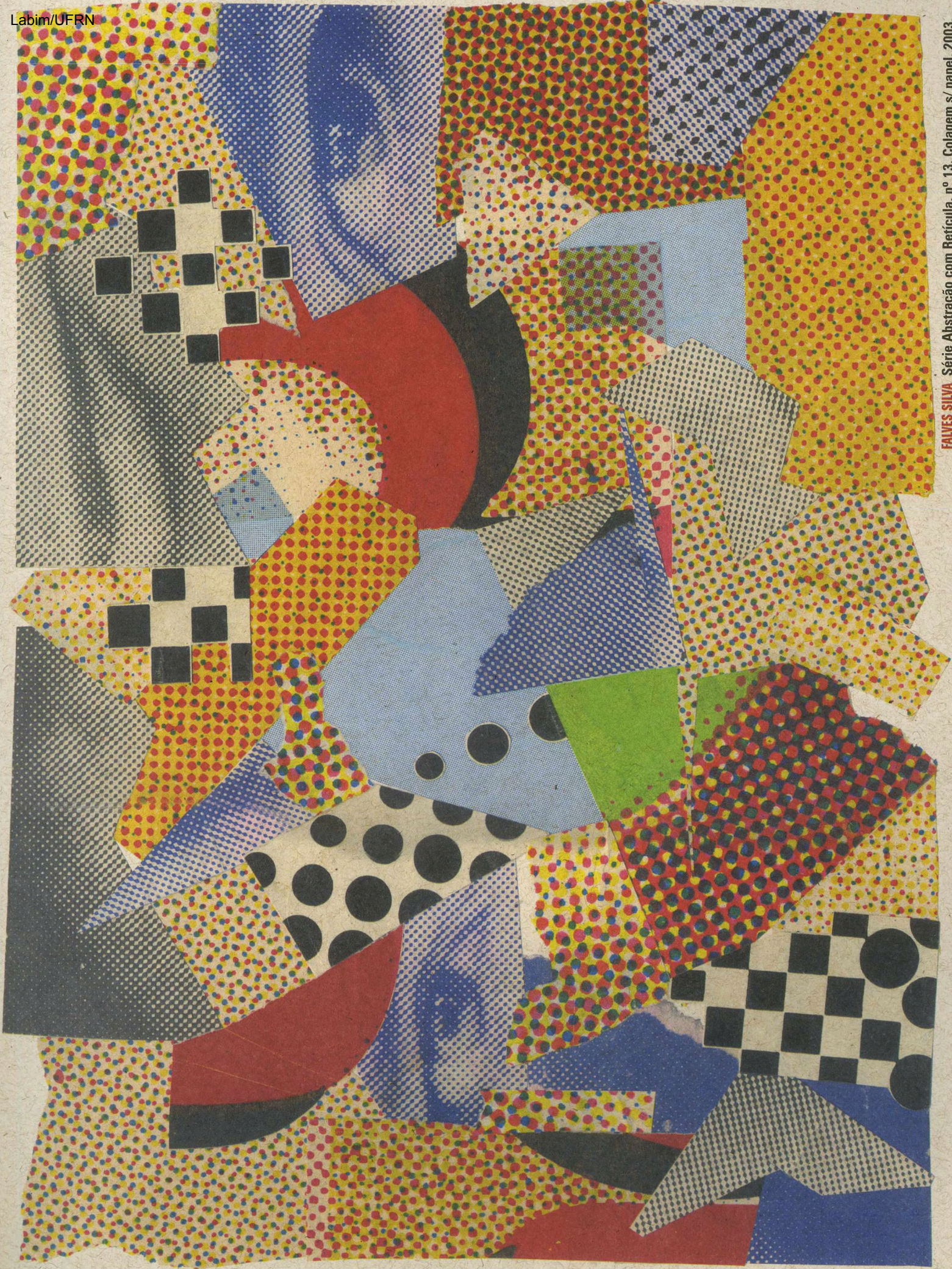
Foi nos subterrâneos da cultura pop natalense dos anos 1960, que encontrou cabeças tão inquietas como a sua, caso de Anchieta Fernandes, Moacy Cirne, os irmãos Campos, Décio Pignatari e principalmente Wladimir Dias Pino, norteador dos seus primeiros passos como artista. Amante da colagem e da experimentação gráfica intrinsecamente artesanal, montou em 1966 a primeira mostra individual, que já trazia os primeiros sinais da provocação à caretice da província natalense, ainda não tocada pelos ares da modernidade plástica. Era o exercício da curiosidade posto em prática, depois do trabalho como operário de gráfica ainda na adolescência. Falves descobria no impulso criador dos seus contemporâneos o caminho para desenvolver técnicas próprias da manufatura com tinta, papel e cola, subsídios empregados na base da intuição junto às noções recebidas através de um curso por correspondência realizado dois anos antes.

Tendo como suporte o próprio lastro da Indústria Cultural, que motivava ícones da importância do norte-americano Andy Warhol a desbravar as fronteiras da *Op Art* através da pintura aplicada a objetos, fotografias e marcas tradicionais, passou a integrar o naipe de artistas que reciclavam a imagem publicada em busca de resultados cada vez mais provocativos. Atenta às circunvoluções estéticas do planeta, a "antena" de Falves Silva sintonizou os orbes de outros continentes muito antes das estações Mac e PC. Ao integrar-se à Arte Postal em 1974, ampliava-se um vasto

campo de atuação, chegando as obras do paraibano a pontos do globo que dificilmente poderiam ser atingidos sem o apadrinhamento do sistema. Ignorando-o, Falves Silva tornava-se nome respeitado entre os pilares da Intersemiótica, reprocessando o conceito da poesia visual através de postais que correram o mundo e o colocaram acima dos modismos pregados pelo marketing de certos artistas "radicados" no exterior.

Recusando-se a deixar a Natal das muitas aventuras durante as décadas de 1980 e 1990, continuou o transgressor silencioso da caretice e do moralismo recalcitrante: de produção erótica farta e ainda praticamente desconhecida, o mestre preferiu manter-se a salvo dos ignorantes invejosos que consideraram Pornografia um pecado mortal. Seu universo de magníficas xoxotas multiformes, *pin-ups* apetitosas e anônimas recortadas da sacrossanta galáxia hardcore, bem como a cobijada e misteriosa "Caixa de Lesbos" cuja abertura reservada a pouquíssimos privilegiados continuaria uma incógnita compõe a síntese do que foi amadurecido durante quase quatro décadas de underground. As mais de 85 mostras individuais e 400 coletivas ao redor do mundo, bem como numerosos salões de arte, valeram-lhe menções em antologias como *O poema e a poesia do rio grande do norte*, do velho amigo Moacy Cirne, e *Processo linguagem e comunicação*, de Pino.

Para 2006, além de um livro a ser editado pela Sebo Vermelho Editora, Falves Silva planeja a publicação de *Uma metacrítica sobre as HQs*, releitura sobre trabalho de Álvaro de Sá e um texto de Cirne. Convidado a ministrar oficinas como a recente Escola Como Escola de Vida, realizada através da FUNCARTE na própria instituição, sobrevive como funcionário do PROCON Municipal, alheio talvez aos admiradores que se encontram "além-brasis".





PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE



FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes